"Inspirador e divertido, estranho e absolutamente maravilhoso.
Uma das melhores histórias que li nos últimos tempos."

– S. J. Watson, autor *best-seller* na lista do *New York Times*

OS HUMANOS

MATT HAIG

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by convertEPub

– Você é o pai, eu sou o filho. Eu sou aquele que deveria pensar só em si mesmo, não você. Tenho 15

anos, e você, 43. Se estiver realmente doente, pai, então eu quero ajudá-lo, mas, exceto por sua recente paixão por correr nu por aí e o jeito esquisito com que está praguejando, você está agindo como sempre agiu. Mas vou te dizer mais uma coisa. Está pronto para ouvir? Nós na verdade não ligamos a mínima para seus números primos. Não damos a mínima importância ao seu precioso trabalho de merda, ou aos seus livros idiotas de merda, ou ao seu cérebro de gênio, ou à sua capacidade de resolver o maior problema matemático que ainda não foi resolvido, porque, porque, porque isso tudo nos magoa.

– Magoa vocês? – Talvez o garoto fosse mais esperto do que parecia. – O que quer dizer com isso?

Seus olhos fixaram-se em mim. Seu peito subia e descia com uma intensidade visível.

– Nada – ele disse por fim. – Mas a resposta é não, não contei para a mamãe. Eu disse a ela que você tinha dito algo sobre o trabalho. Só isso. Não achei que fosse importante naquele momento contar a ela sobre a merda da sua hipótese.

– Mas o dinheiro. Você sabe sobre isso?

– Claro que sei

– E ainda assim não pensou que fosse uma grande coisa?

– Pai, temos bastante dinheiro no banco. Temos uma das maiores casas de Cambridge. É provável que eu seja um

dos garotos mais ricos da minha escola atualmente. Mas isso não conta merda nenhuma. Ela não é a Perse, está lembrado?

– A Perse?

– Aquela escola que custava um dinheirão todos os anos. Você se esqueceu disso? Quem diabos você é? Jason Bourne?

– Não, não sou.

– Você provavelmente também se esqueceu de que eu fui expulso.

– Não – eu menti. – É claro que não.

– Não acho que mais dinheiro vá nos salvar.

Eu estava realmente confuso. Isso ia contra tudo o que deveríamos saber sobre os humanos.

– Não – eu disse. – Você tem razão. Não vai. E, além disso, foi um engano. Eu não provei a hipótese de Riemann. Creio mesmo que não é possível prová-la. Pensei que tivesse provado, mas não provei. Por isso não há nada para contar a ninguém.

Depois disso, Gulliver enfiou o transmissor de áudio na outra orelha e fechou os olhos. Não queria mais falar comigo.

– Está certo, merda – sussurrei, enquanto saía do quarto.

Emily Dickinson

Desci as escadas e encontrei uma “agenda de endereços”. Dentro havia endereços e números de

telefone em ordem alfabética. Achei o número que estava procurando. Uma mulher me disse que Daniel Russell tinha saído, mas que voltaria dentro de uma hora. Ele me telefonaria de volta. Enquanto isso, examinei mais alguns livros de história e aprendi coisas lendo nas entrelinhas.

Assim como a religião, a história também está cheia de coisas deprimentes, como colonização, doenças, racismo, sexismo, homofobia, esnobismo, destruição ambiental, escravidão, totalitarismo, ditaduras militares, invenções que os humanos não têm a menor ideia de como lidar com elas (a bomba atômica, a internet, o ponto e vírgula), a perseguição a pessoas inteligentes, a veneração a pessoas idiotas, tédio, desespero, colapsos periódicos e catástrofes dentro do panorama físico. E em meio a tudo isso sempre houve alguma comida realmente horrorosa.

Encontrei um livro intitulado *Os Grandes Poetas Americanos.*

“Creio que uma folha de relva não é menos que a jornada das estrelas”, escreveu alguém chamado Walt Whitman. Era um ponto óbvio, mas algo ali era muito bonito. No mesmo livro, havia as palavras escritas por outro poeta. No caso, uma mulher, Emily Dickinson. As palavras eram estas: Como é feliz a pedrinha

Rola pela estrada sozinha

Sem ter cuidados de emprego

Dos desafios não tem medo;

Sua castanha roupagem

Veste universo de passagem;

Como o Sol, independente,

Brilha só ou conjuntamente,

Cumpre a divina vontade

Com toda a simplicidade.

Cumpre a divina vontade, pensei. *Por que essas palavras me perturbam tanto?* O cachorro rosnou para mim. Virei a página e encontrei mais sabedoria inverossímil. Li em voz alta para mim mesmo: “A alma deveria estar sempre meio aberta, pronta para receber a experiência do êxtase”.

– Você está fora da cama – disse Isobel.

– Sim – concordei.

Ser um humano é falar o óbvio. Repetidamente, vezes sem conta, até o fim dos tempos.

– Você precisa comer – ela acrescentou, depois de examinar meu rosto.

– Sim – concordei de novo.

Ela pegou alguns ingredientes.

Gulliver passou em direção à porta de saída.

– Gull, aonde você está indo? Estou fazendo o jantar.

O garoto não disse nada e saiu. A batida da porta quase fez a casa tremer.

– Estou preocupada com ele – disse Isobel.

Enquanto ela se preocupava, eu estudava os ingredientes na bancada. A maior parte, folhas verdes.

Mas então havia algo mais. Peito de frango. Pensei a respeito disso. E continuei pensando. *O peito de um frango. O peito de um frango. O peito de um frango.*

– Isso parece carne – eu disse.

– Vou fazer um refogado.

– Com *isso*?

– Sim.

– O *peito* de um *frango*?

– Sim, Andrew. Ou agora você virou vegetariano?

O cachorro estava na cama dele. Ele atendia pelo nome de Newton, e ainda estava rosnando para mim.

– E peito de cachorro? Também vamos comê-lo?

– Não – ela respondeu, com resignação.

Eu estava testando seus limites.

– Um cachorro é mais inteligente do que um frango?

– Sim – ela respondeu e fechou os olhos. – Não sei. Não. Eu não tenho tempo para isso. De qualquer modo, você é o maior devorador de carne que eu conheço.

Eu me senti incomodado.

– Eu preferiria não comer os peitos dos frangos.

Isobel fechou ainda mais os olhos. Inspirou profundamente.

– Dê-me forças – ela sussurrou.

Eu poderia ter feito isso, é claro. Mas eu precisava de todas as forças que tivesse naquele momento.

Isobel me estendeu o diazepam.

– Você já tomou um mais cedo?

– Não.

– Provavelmente deveria ter tomado.

Fiz o que ela me pediu.

Desenrosquei a tampa e coloquei uma cápsula na palma da mão. Essa parecia com as cápsulas-palavras. Verde como o conhecimento. Coloquei-a na boca.

Cuidado.

Lava-louça

Comi os vegetais refogados. Cheirava a dejetos de bazadeano. Tentava não olhar para o prato, e ficava olhando para Isobel. Era a primeira vez que olhar para um rosto humano era a escolha mais fácil. Mas eu precisava comer. Então, comi.

– Quando você conversou com Gulliver sobre o meu desaparecimento, ele disse alguma coisa para você?

– Sim – ela respondeu.

– O que foi que ele disse?

– Que você chegou às onze, foi até a sala onde ele estava assistindo à tevê e disse que sentia por ter chegado tarde, mas que tinha de concluir alguma coisa no trabalho.

– Só isso? Nada mais específico?

– Não.

– O que você acha que ele queria dizer com isso? Melhor: o que eu queria dizer com isso?

– Não sei. Mas tenho que confessar, você chegar em casa e tratar Gulliver amigavelmente é realmente extraordinário.

– Por quê? Eu não gosto dele?

– Não, desde dois anos atrás. Não. É duro para mim dizer isso, mas você não age como se gostasse dele.

– Dois anos atrás?

– Desde que ele foi expulso da Perse. Por começar um incêndio.

– Ah, sim. O incidente do fogo.

– Quero que você faça um esforço em relação a ele.

Depois, segui Isobel na cozinha, colocando meu prato e os talheres no lava-louça. Eu estava notando mais coisas nela. No começo, eu a tinha visto apenas como um humano em geral, mas agora estava apreciando os detalhes. Percebendo coisas que não tinha observado antes – diferenças entre ela e os outros. Ela estava

usando um cardigã e calças azuis conhecidas como *jeans.* Um colar de prata enfeitava o pescoço longo. Os olhos se demoravam nas coisas, como se ela estivesse procurando continuamente alguma coisa que não estava lá. Ou como se estivesse, mas não à vista. Era como se tudo tivesse uma profundidade, uma distância interna.

– Como está se sentindo? – ela perguntou.

Parecia preocupada com alguma coisa.

– Eu me sinto bem.

– Só perguntei porque estranhei você colocar as coisas no lava-louça.

– É porque você está fazendo isso.

– Andrew, você nunca pôs nada no lava-louça. Você é, e digo isso sem a mínima intenção de ofendê-lo, algo como um doméstico primitivo.

– Por quê? Matemáticos não põem pratos nos lava-louças?

– Nesta casa – ela disse com tristeza –, realmente não. Eles não fazem isso.

– Ah, sim. Eu sei. É óbvio. Eu apenas imaginei que podia ajudar hoje. Eu ajudo às vezes.

– Agora estamos no terreno das exceções.

Ela olhou minha malha. Havia um pedacinho de macarrão sobre a lã azul. Ela o pegou e esfregou o lugar onde ele tinha estado. Deu um sorriso rápido. Ela se preocupava comigo. Tinha suas reservas em relação a

mim, mas se preocupava. Eu não queria que ela se preocupasse comigo, não iria ajudar em nada. Ela colocou os dedos entre meus cabelos, para arrumá-los um pouco. Para minha surpresa, eu não me encolhi.

– O visual de Einstein é uma coisa, mas isso está ridículo – ela disse, delicadamente.

Sorri como se tivesse entendido. Ela sorriu também, mas era um sorriso que escondia alguma coisa mais. Como se estivesse usando uma máscara e houvesse, por baixo, uma face quase idêntica, mas menos sorridente.

– É quase como se eu tivesse um clone extraterrestre na minha cozinha.

– Quase – eu disse. – Sim.

Foi então que o telefone tocou. Isobel foi atendê-lo e um instante depois voltou para a cozinha, trazendo o aparelho.

– É para você – ela disse, de repente com uma voz séria.

Seus olhos estavam arregalados, tentando me passar uma mensagem silenciosa que eu não consegui entender.

– Alô? – eu disse.

Houve uma pausa longa. O som de uma inspiração e em seguida a voz acompanhando a expiração. Um homem, falando vagarosa e cuidadosamente.

– Andrew? É você?

– Sim. Quem é?

– É o Daniel. Daniel Russell.

Meu coração disparou. Percebi que esse era o momento em que as coisas tinham de mudar.

– Ah, olá, Daniel.

– Como você está? Soube que teve algum tipo de indisposição.

– Ah, estou bem, de verdade. Foi apenas um pouco de esgotamento mental. Minha mente teve de correr sua própria maratona e batalhou por isso. Meu cérebro é feito para corridas de curta distância. Não tem estamina para correr longos percursos. Mas não se preocupe, de verdade, estou bem agora. Não foi nada de muito sério. Nada que a medicação certa não possa corrigir.

– É bom ouvir isso. Estava preocupado. De qualquer maneira, tinha esperança de conversar com você sobre o *e-mail* notável que me mandou.

– Sim – eu disse cautelosamente. – Mas não vamos falar disso por telefone. Vamos conversar pessoalmente. Seria bom eu me encontrar com você.

Isobel fechou a cara.

– Que ótima ideia. Posso ir até aí?

– Não – eu disse, com firmeza. – Não, eu vou encontrá-lo.

Estamos esperando.

Uma casa grande

Isobel tinha se oferecido para me levar de carro, e tentou insistir nisso, dizendo que eu não estava em condições

de sair de casa. É claro que eu já havia saído de casa quando fui até a Faculdade Fitzwilliam, mas ela não sabia disso. Eu disse que precisava fazer algum exercício e Daniel precisava conversar comigo com urgência sobre alguma coisa, possivelmente sobre algum tipo de trabalho. Disse-lhe que estava levando meu celular e que ela sabia onde eu estaria. Finalmente consegui pegar o endereço no laptop de Isobel, saí de casa e segui para Babraham.

Até uma casa enorme, a maior que eu já tinha visto.

A mulher de Daniel Russell atendeu à porta. Ela era uma mulher muito alta, de ombros largos, cabelos grisalhos muito compridos e pele envelhecida.

– Ah, Andrew.

Ela abriu bem os braços. Eu imitei o gesto. E ela me beijou no rosto. E cheirava a sabonete e especiarias. Era evidente que me conhecia. Ela não conseguia parar de dizer meu nome.

– Andrew, Andrew, como você *está*? – ela me perguntou. – Soube do seu pequeno contratempo.

– Bem, estou bem agora. Foi... bem... um surto. Mas já o superei. A vida continua.

Ela me analisou um pouco mais e depois escancarou a porta. Com um sorriso largo, acenou para que eu entrasse. Passei para o *hall*.

– Você sabe por que estou aqui?

– Para vê-lo lá em cima – ela disse, apontando para o teto.

– Sim, mas sabe *por que* estou aqui para vê-lo?

Ela estava confusa com minhas maneiras, mas tentava esconder isso da melhor maneira possível por trás de uma polidez enérgica e caótica.

– Não, Andrew – ela disse rapidamente. – De fato, ele não me disse.

Concordei com a cabeça. Observei um grande vaso de cerâmica no chão. Tinha um padrão de flores amarelas pintado nele, e fiquei imaginando por que as pessoas se incomodavam com vasos vazios. Qual era o significado deles? Talvez eu nunca chegasse a saber. Passamos por uma sala, com um sofá, uma televisão, estantes de livros e paredes vermelho-escuras. Cor de sangue.

– Aceita um café? Um suco? Agora estamos tomando suco de romã, embora Daniel acredite que os antioxidantes sejam uma jogada de marketing.

– Se não for incômodo, eu gostaria de um copo de água.

Estávamos na cozinha, agora. Era quase duas vezes maior que a cozinha de Andrew Martin, mas tão atravancada que não parecia tão grande. Havia panelas penduradas acima da minha cabeça. Havia um

envelope ali endereçado a “Daniel e Tabitha Russell”.

Tabitha me serviu água de uma jarra.

– Eu ofereceria uma fatia de limão, mas acho que acabou. Há um na fruteira, mas já deve estar azul. As faxineiras nunca jogam as frutas fora. Não querem tocá-las. E Daniel não quer *comer* frutas. Mesmo que o médico tenha dito que precisa. Além disso, o médico lhe disse

para relaxar e ir mais devagar, e ele também não faz isso.

– Ah. Por quê?

Ela me olhou atônita.

– O ataque do coração. Você não se lembra disso? Você não é o único matemático esgotado do mundo.

– Ah – eu disse. – E como ele está?

– Bem, está tomando betabloqueadores. Estou tentando fazer com que ele coma granola e tome leite desnatado, e que não se canse.

– Seu coração – eu disse, pensando em voz alta.

– Sim, seu coração.

– Este é um dos motivos que me trouxeram aqui.

Ela me passou o copo e eu tomei um gole. Enquanto fazia isso, pensava na incrível capacidade de acreditar inerente a essa espécie. Mesmo antes de eu ter descoberto os conceitos de astrologia, homeopatia, religião organizada e iogurtes probióticos, fui capaz de perceber que o que falta aos humanos em atrativos físicos, eles compensam com a ingenuidade. É possível dizer a eles qualquer coisa em um tom de voz convincente, e eles acreditarão nisso. Qualquer coisa, sem dúvida, menos a verdade.

– Onde ele está?

– No escritório. Lá em cima.

– No escritório?

– Você sabe onde fica, não sabe?

– É claro. É claro. Eu sei onde ele fica.

Daniel Russel

Eu tinha mentido, é claro.

Não fazia a menor ideia de onde era o escritório de Daniel Russell, e aquela era uma casa muito grande, mas, enquanto eu percorria o primeiro andar, ouvi uma voz. A mesma voz seca que tinha ouvido pelo telefone.

– Quem está aí é o salvador da humanidade?

Segui a voz até a terceira porta à esquerda, que estava semiaberta. Dava para ver pedaços de papel emoldurados cobrindo uma parede. Empurrei a porta e vi um homem calvo, com um rosto anguloso e, em termos humanos, uma boca pequena. Ele estava muito bem-vestido. Usava gravata-borboleta vermelha e uma camisa xadrez.

– Fico feliz em vê-lo vestido – ele disse, disfarçando um sorriso dissimulado. – Nossos vizinhos são pessoas muito sensíveis.

– Sim. Estou usando a quantidade certa de roupas. Não se preocupe com isso.

Ele balançou a cabeça e continuou fazendo isso enquanto apoiava as costas na cadeira e coçava o queixo. A tela de um computador brilhava atrás dele, repleta das curvas e fórmulas de Andrew Martin.

Eu sentia o cheiro de café. Vi uma xícara vazia. Duas, na realidade.

– Eu olhei tudo isso. E olhei novamente. Isso deve ter levado você ao limite, dá para ver. É admirável.

Você deve ter se consumido com isso, Andrew. Eu me senti esgotado só de ler.

– Trabalhei muito – eu disse. – Eu me sentia perdido. Mas, com números, isso acontece, não é?

Ele ouvia com ar preocupado.

– Prescreveram alguma coisa para você? – ele perguntou.

– Diazepam.

– Você sente que está funcionando?

– Sim. Sinto. Sinto que está funcionando. Tudo me parece um pouco *alienígena*, eu diria, um tanto *de outro mundo*, como se a atmosfera estivesse ligeiramente diferente e a gravidade atraísse menos, e até mesmo uma coisa familiar como uma xícara de café vazia fizesse uma diferença muito grande. Você entende, da minha perspectiva. Até você. Você me parece hediondo. Quase aterrorizante.

Daniel Russell riu. Não era uma risada feliz.

– Bem, sempre houve certa tensão entre nós, mas sempre atribuí isso à rivalidade acadêmica. Faz parte da trajetória. Não somos geógrafos nem biólogos. Somos homens de números. Nós, matemáticos, sempre fomos assim. Veja aquele mísero bastardo, Isaac Newton.

– Dei o nome dele a um cachorro.

– Claro que deu. Mas, escute, Andrew, este não é o momento para empurrá-lo para a sarjeta. É hora de dar um tapinha em suas costas.

Estávamos perdendo tempo.

– Você contou a alguém sobre isso?

Ele balançou a cabeça negativamente.

– Não, claro que não. Andrew, isto é seu. Você pode publicá-lo como quiser. Embora eu deva aconselhá-lo, como amigo, a esperar um pouco. Pelo menos uma semana, até que tenha cessado todo o zum-zum incômodo em torno do seu pequeno incidente na Corpus.

– A matemática é menos interessante para os humanos do que a nudez?

– Tende a ser, Andrew. Sim. Escute, vá para casa e pegue leve esta semana. Vou trocar umas palavrinhas com Diane na Fitz para explicar-lhe que você vai ficar bem, mas que precisa de uma folga.

Tenho certeza de que ela será bem flexível. Os alunos vão importuná-lo quando você voltar. Precisa recompor sua energia para enfrentá-los. Descanse um pouco. É isso aí, Andrew, vá para casa.

Eu podia sentir o cheiro horrível de café ficando mais forte. Olhei para todos aqueles certificados na parede e me senti agradecido por vir de um lugar em que o sucesso pessoal não tinha a menor importância.

– Casa? – eu perguntei. – Você sabe onde ela fica?

– Claro que sei. Andrew, do que você está falando?

– Na verdade, eu não me chamo Andrew.

Outra risada nervosa.

– Andrew Martin é seu pseudônimo? Se for, eu teria pensado num melhor.

– Não tenho nome. Nome é um sintoma de uma espécie que valoriza o indivíduo acima do bem coletivo.

Essa foi a primeira vez em que ele ficou em pé. Era um homem alto, mais alto do que eu.

– Isso seria divertido, Andrew, se não fôssemos amigos. Eu realmente acho que você necessita de ajuda médica apropriada. Escute, conheço um psiquiatra que você...

– Andrew Martin é outra pessoa. Ele foi levado.

– Levado?

– Depois que provou o que ele provou, nós não tivemos escolha.

– Nós? Do que você está falando? Apenas ouça com atenção o que está dizendo, Andrew. Você parece *fora de si.* Acho que tem de voltar para casa. Eu levo você de carro. Será mais seguro. Vamos lá, vou levá-lo para casa, de volta para sua família.

Ele levantou um braço acenando em direção à porta.

Mas eu não ia a lugar algum.

A dor

– Você disse que queria me dar um tapinha nas costas.

Ele franziu as sobrancelhas. Acima, a pele que cobria o topo da cabeça estava brilhando. Olhei para isso. Para o brilho.

– O quê?

– Você queria me dar um tapinha nas costas. Foi isso que disse. Então, por que não dá?

– O quê?

– Bata nas minhas costas, daí eu vou embora.

– Andrew...

– Bata nas minhas costas.

Ele soltou o ar vagarosamente. Os olhos dele expressavam um misto de preocupação e medo. Virei, dando-lhe as costas. Esperei pela mão, ainda esperei um pouco mais. Então veio. Ele bateu nas minhas costas. Com esse primeiro contato, mesmo com as roupas entre nós, fiz a leitura. Quando me virei, por menos de um segundo, meu rosto não era o de Andrew Martin. Era o meu.

– Que droga é...

Ele cambaleou para trás, batendo na escrivaninha. Eu era, a seus olhos, Andrew Martin novamente.

Mas ele tinha visto o que tinha visto. Eu só tinha um segundo antes que ele começasse a gritar, então paralisei seu maxilar. Em algum ponto por trás do pânico expresso pelos olhos arregalados, havia uma pergunta: como ele fez isso? Para concluir apropriadamente o

trabalho, eu precisava de outro contato: minha mão esquerda no ombro dele era suficiente.

E a dor começou. A dor que eu tinha invocado.

Ele segurou o braço. Seu rosto ficou roxo. Da cor da casa.

Eu também sentia dor. Dor de cabeça. E cansaço.

Mas passei por ele enquanto ele caía sobre os joelhos e deletei o *e-mail* e o anexo. Verifiquei a pasta de itens enviados, mas não havia nada suspeito. Fui até o patamar da escada.

– Tabitha! Tabitha, chame uma ambulância! Rápido! Acho... Acho que o Daniel está tendo um enfarte.

Egito

Menos de um minuto depois, ela estava lá em cima, segurando o telefone, o rosto crispado de pânico, enquanto se ajoelhava, tentando empurrar um comprimido, uma aspirina, na boca do marido.

– A boca dele não está abrindo! Não está abrindo! Daniel, abra a boca! Querido, meu amor, abra a boca!

De volta ao telefone:

– Sim, eu já lhe disse! Já lhe disse! Os Hollies! Sim! Chaucer Road! Ele está morrendo! Ele está morrendo!

Ela deu um jeito de enfiar na boca do marido parte do comprimido, que espumou e escorreu para o carpete.

– *Mnnnnnn* – o marido balbuciava angustiadamente. – *Mnnnnnn*.

Fiquei ali, olhando para ele. Seus olhos estavam abertos, arregalados, como os de um *ipsoide*, como se permanecer no mundo dependesse apenas de forçar-se a enxergar.

– Daniel, está tudo bem – Tabitha ficava dizendo, sem desviar os olhos dele. – A ambulância está a caminho. Você vai ficar bem, querido.

Os olhos dele agora se voltavam para mim. Ele estremecia tentando falar.

– *Mnnnnnn!*

Estava tentando prevenir sua esposa.

– *Mnnnnnn*.

Ela não entendia.

Tabitha passava a mão pelo cabelo do marido com uma ternura frenética.

– Daniel, nós vamos para o Egito. Pense no Egito. Vamos ver as pirâmides. Só faltam duas semanas.

Vai ser lindo. Você sempre quis conhecer o Egito.

Enquanto olhava, tive a impressão estranha de sentir falta de alguma coisa, um anseio. Em relação a quê? Eu não tinha ideia. Fiquei hipnotizado com a visão daquela fêmea humana agachada sobre o homem cujo sangue eu tinha impedido de alcançar o coração.

– Você se recuperou da outra vez e vai conseguir agora também.

– Não – sussurrei com voz inaudível. – Não, não, não.

– *Mnnn* – ele disse, agarrando o ombro com uma dor dilacerante.

– Eu te amo, Daniel.

Os olhos dele se apertavam agora, no limite da dor.

– Fique comigo, fique comigo, não consigo viver sozinha...

A cabeça dele repousava nos joelhos da mulher. Ela continuava a acariciar seu rosto. Então isso era amor. Duas formas de vida em dependência mútua. Supostamente eu deveria estar pensando que via diante de mim a fraqueza, alguma coisa desprezível, mas eu não estava pensando assim, de jeito nenhum.

Ele parou de fazer barulho; imediatamente pareceu ficar mais pesado para ela, e as rugas profundas em torno dos olhos suavizaram-se e relaxaram. Estava acabado.

Tabitha uivou de dor, como se alguma coisa física tivesse sido arrancada dela. Eu nunca tinha ouvido um som como aquele. Não posso negar que me perturbou muito.

Um gato surgiu na porta, talvez assustado com o barulho, mas indiferente à cena em geral, e voltou para onde estava antes.

– Não – Tabitha dizia, repetindo sem parar –, não, não, não!

Do lado de fora, a ambulância deu uma derrapada ao frear no cascalho. Luzes azuis piscantes apareceram através do vidro da janela.

– Eles chegaram – eu disse a Tabitha e desci as escadas.

Era um alívio estranho e avassalador percorrer meu caminho pisando naqueles degraus macios e acarpetados, afastando-me daqueles soluços desesperados e indo ao encontro daquelas ordens inúteis que dariam em nada.

De onde viemos

Pensei sobre o lugar de onde viemos – vocês e eu.

Lá não há ilusões reconfortantes, nem religiões, nem ficções impossíveis.

Viemos de um lugar onde não há amor nem ódio. Só a pureza da razão.

Lá não existem crimes de paixão porque não há paixão.

Não existe remorso porque as ações têm um motivo lógico e sempre resultam na melhor solução para cada caso.

Lá, de onde viemos, não há nomes, famílias vivendo juntas, casais, adolescentes emburrados, nem loucura.

Acabamos com o problema do medo porque resolvemos o problema da morte. Não morreremos. O que significa que podemos deixar que o universo faça o que quer fazer porque estaremos nele por toda a eternidade.

Lá nunca estaremos estendidos em um carpete luxuoso, agarrando nosso peito enquanto o rosto vai ficando roxo e os olhos procuram desesperadamente enxergar uma última vez à nossa volta.

Nossa tecnologia, criada com base no conhecimento supremo e compreensivo da matemática, não só nos

permite viajar grandes distâncias, mas também nos dá condições de rearranjar nossos elementos biológicos, renová-los e reconstruí-los. Somos psicologicamente equipados para esses avanços, nunca entramos em guerra contra nós mesmos. Jamais colocamos os desejos individuais acima das necessidades coletivas.

Lá, de onde viemos, entendemos que, se o índice de avanços na matemática dos humanos exceder sua maturidade psicológica, será preciso agir. Por exemplo, a morte de Daniel Russell e do conhecimento que ele tinha acabaria por salvar muitas vidas. Portanto seu sacrifício é lógico e justificável.

Lá não existem pesadelos.

Ainda assim, naquela noite, pela primeira vez na vida, eu tive um pesadelo.

Um mundo de humanos mortos comigo e aquele gato indiferente andando por uma rua gigante acarpetada e cheia de corpos. Eu estava tentando ir para casa, mas não conseguia. Estava preso ali, tinha me tornado um deles, preso à forma humana, incapaz de escapar ao destino inevitável à espera de todos eles. Estava ficando com fome e precisava comer, mas não podia porque minha boca estava hermeticamente fechada. A fome tornou-se desesperadora. Eu estava morrendo de fome, definhando rapidamente. Fui ao posto onde havia estado na primeira noite e tentei empurrar alguma comida para dentro, mas não deu certo. A boca ainda estava travada por uma paralisia inexplicável. Eu sabia que ia morrer.

Morrer.

Como os humanos conseguem suportar essa ideia?

Acordei.

Eu suava e estava sem fôlego. Isobel tocou minhas costas.

– Está tudo bem – ela disse, como Tabitha tinha dito. – Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem.

O cachorro e a música

No dia seguinte, eu fiquei sozinho.

Não, isso não é totalmente verdade.

Eu não estava sozinho, havia o cachorro. Newton. O cachorro que tinha recebido o nome de um humano que desenvolvera as ideias da gravidade e da inércia. Levando em conta a baixa velocidade com que o cachorro saía de sua cama, percebi que o nome era um tributo digno dessas descobertas. Agora ele estava acordado. Era velho, arrastava-se e era meio cego.

Ele sabia quem eu era. Ou quem eu não era. E rosnava sempre que se aproximava de mim. Eu ainda não entendia bem sua língua, mas sentia que ele não estava feliz. Ele mostrava os dentes, mas anos de subserviência aos donos bípedes estabeleciam que o fato de eu estar em pé era suficiente para que eu inspirasse algum grau de respeito.

Eu estava me sentindo mal. Atribuí o mal-estar ao novo ar que estava respirando, mas toda vez que fechava os olhos eu via o rosto angustiado de Daniel Russell enquanto jazia sobre o carpete. Sentia também dor de cabeça, mas essa era o efeito tardio do esforço que eu havia exercido na véspera.

Sabia que a vida ia ficar mais fácil durante minha curta estada ali se Newton estivesse do meu lado.

Ele podia ter informações, ter captado sinais, ouvido coisas. E eu sabia que existe uma regra que vale para todo o universo: se quiser ter alguém a seu favor, o que deve fazer é *aliviar sua dor*. Essa lógica parece ridícula, mas a verdade era ainda mais ridícula e muito perigosa para que eu a admitisse, por isso, depois da necessidade de ferir, senti a necessidade de curar.

Fui em frente e dei-lhe um biscoito. Depois do biscoito, eu lhe dei a visão. E então, quando toquei sua pata traseira, ele choramingou palavras no meu ouvido que eu quase não consegui traduzir. Eu o curei ao preço de uma dor de cabeça ainda mais forte, além de ondas de cansaço sobre cansaço, por causa da fadiga provocada pelo processo. Eu fiquei tão exausto que adormeci no chão da cozinha. Quando acordei, estava coberto de saliva canina. A língua de Newton ainda estava lá, me lambendo com um entusiasmo considerável. E lambia, lambia, lambia, como se o significado da existência dos cães fosse algo que estivesse sob a minha pele.

– Dá para parar com isso? – eu disse a ele.

Mas ele não conseguia, pelo menos até eu me levantar. Ele não estava fisicamente capacitado para parar.

Mesmo quando me levantei, ele tentou levantar-se comigo, apoiado em mim, como se quisesse ficar ereto também. Foi então que percebi que pior do que ter um cão que o odeia é ter um que o adora. Sério mesmo, se existe uma espécie *mais carente* do que essa no universo, eu ainda não a conheço.

– Sai pra lá – eu disse. – Não quero seu amor.

Fui para a sala e me sentei no sofá. Precisava pensar. Será que a morte de Daniel Russell seria considerada suspeita pelos humanos? Um homem tomando medicação para o coração sucumbir a um segundo, e dessa vez fatal, ataque cardíaco? Eu não possuía veneno nem arma que alguém pudesse identificar.

O cachorro se sentou perto de mim, pôs a cabeça no meu colo, depois a levantou, em seguida a colocou em meu colo novamente e repetiu toda a operação, como se decidir se deveria pôr ou não a cabeça no meu colo fosse a questão mais importante que já tivesse enfrentado.

Passamos horas juntos naquele dia. Eu e o cachorro. No começo, fiquei aborrecido por ele não me deixar sozinho, porque precisava me concentrar e planejar o que faria a seguir. Imaginar quanta informação mais eu precisava obter antes de fazer o que seria meu ato final ali, eliminar a mulher e o filho de Andrew Martin. Gritei novamente com o cachorro para que me deixasse em paz, e ele fez isso, mas, quando fiquei na sala só com meus pensamentos e planos, percebi que sentia uma profunda solidão e o chamei de volta. E ele veio, parecendo feliz por ser querido novamente.

Achei uma coisa que me interessou. Chamava-se *The Planets*, de Gustav Holst. Era uma peça musical que tratava do insignificante sistema solar dos humanos, por isso era surpreendente que ouvi-la despertasse um sentimento épico. Outra coisa confusa era sua divisão em sete “movimentos”, cada um nomeado segundo “características astrológicas”. Assim, Marte era “o Mensageiro da Guerra”, Júpiter era

“o Mensageiro da Alegria” e Saturno, “o Mensageiro da Velhice”.

Esse primitivismo me pareceu engraçado, da mesma forma que parecia engraçada a ideia de a música ter qualquer coisa a ver com aqueles planetas mortos. Mas parecia acalmar Newton, e admito que uma ou duas partes da obra mexiam comigo, exercendo uma espécie de efeito eletroquímico. Percebi que ouvir música era simplesmente o prazer de contar sem perceber que estava contando. Como os impulsos elétricos eram transportados dos neurônios nos meus ouvidos para todo o meu corpo, eu me senti – não tenho certeza – calmo. Diminuiu um pouco aquela inquietação que me acompanhava desde o momento em que vi Daniel Russell morrer estendido no carpete.

Enquanto ouvia a música, tentava descobrir por que Newton e sua espécie eram tão apaixonados pelos humanos.

– Me diga uma coisa – eu falei. – Qual é a dos humanos?

Newton riu. Ou o mais próximo que um cão consegue rir, o que é muito próximo de uma risada.

Insisti na minha linha de perguntas.

– Vamos lá – eu disse. – Desembuche.

Ele parecia um pouco reservado. Não acho que ele tivesse realmente uma resposta. Talvez não tivesse chegado a um veredito, ou fosse leal demais para ser sincero.

Coloquei uma música diferente, de alguém chamado Ennio Morricone. Toquei um álbum chamado *Space Oddity*, de David Bowie, que, em sua simples medida de tempo padronizada, era muito agradável.

Tanto quanto *Moon Safari*, de Air, embora esta lançasse pouca luz sobre a própria lua. Depois, *A Love*

Supreme, de John Coltrane, e *Blue Monk*, de Thelonious Monk. Era música de *jazz*. Repleta de complexidade e de contradições, que logo descobri que era o que tornava humanos os humanos. Escutei a *Rhapsody in Blue*, de Leonard Bernstein, e a *Serenata ao Luar*, de Ludwig van Beethoven, e o *Intermezzo op. 17*, de Brahms. Ouvi os Beatles, os Beach Boys, os Rolling Stones, Daft Punk, Prince, Talking Heads, Al Greene, Tom Waits, Mozart. Estava curioso, querendo descobrir os sons que podiam se transformar em música – a estranha fala de rádio do *I Am the Walrus*, dos Beatles, a tosse no início de *Raspberry Beret*, do Prince, e no final das músicas de Tom Waits. Talvez isso é que fosse belo para os humanos. Acidentes, imperfeições, encaixados em um bonito padrão. Assimetria. O desafio da matemática. Pensei em meu discurso no Museu das Equações Quadráticas. Com os Beach Boys, tive uma sensação estranha, atrás dos olhos e no estômago. Não tinha noção do que fosse aquela sensação, mas me fez pensar em Isobel e no modo como tinha me abraçado na noite anterior, depois que voltei para casa e contei que Daniel Russell tinha sofrido um ataque cardíaco fatal bem na minha frente.

Houve uma ligeira suspeita, um breve endurecimento do seu olhar, mas que logo se suavizou, transformando-se em compaixão. Por pior que ela achasse o marido, ele não era um assassino. A última coisa que ouvi foi *Clair de Lune*, de Debussy. Esta era a representação mais próxima de espaço que eu já havia escutado, e fiquei lá, no meio da sala, congelado com o choque de descobrir que um humano tinha conseguido fazer um ruído tão lindo.

Essa beleza me aterrorizou, como um alienígena aparecendo do nada. Um *ipsoide* irrompendo do deserto. Eu precisava manter a concentração. Precisava continuar acreditando no que tinham me dito.

Essa era uma espécie voltada para a feiura e a violência, sem possibilidade de redenção.

Newton estava arranhando a porta da frente. Aquele barulho estava me afastando da música, então fui tentar descobrir o que ele queria. O que ele queria mesmo era sair. Havia uma “guia” que eu tinha visto Isobel usar, então a prendi na coleira.

Enquanto passeava com o cachorro, tentei pensar mais negativamente nos humanos.

E com certeza parecia eticamente questionável o relacionamento entre humanos e cachorros; ambos –

na escala de inteligência que cobria várias espécies no universo – teriam estado, em algum ponto intermediário, não muito distantes. Mas devo dizer que os cachorros não pareciam se importar. Na verdade, na maior parte do tempo, eles seguiam muito felizes com a situação.

Deixei Newton me conduzir pelo caminho.

Passamos por um homem do outro lado da rua. O homem parou, me olhou e sorriu consigo mesmo.

Sorri e acenei, compreendendo que esse era um cumprimento humano adequado. Ele não acenou de volta.

Sim, os humanos são uma espécie problemática.
Continuamos a andar e passamos por outro homem. Um

homem em uma cadeira de rodas. Ele parecia me conhecer.

– Andrew – ele disse –, você soube da notícia terrível sobre Daniel Russell?

– Sim – respondi. – Eu estava lá e vi quando aconteceu. Foi horrível, pavoroso.

– Ah, meu Deus, eu não sabia.

– A mortalidade é uma coisa muito trágica.

– Sem dúvida, é.

– Agora preciso ir. O cachorro está com pressa. Até logo.

– Sim, sim, é claro. Só quero saber, como você está? Soube que não andou muito bem.

– Não, tudo bem. Já superei aquilo. Na verdade, em parte foi um mal-entendido.

– Ah, eu sei.

A conversa minguou e eu me desculpei. Newton me puxou para frente até que chegamos a um extenso trecho gramado. Era isso que os cachorros gostavam de fazer, foi o que descobri. Eles gostavam de correr em círculos sobre a grama, fingindo que eram livres, gritando "*Somos livres, olhem, vejam, observem como somos livres!"* uns para os outros. Era uma visão realmente triste, mas funcionava para eles, e para Newton em particular. Era uma ilusão coletiva que haviam decidido aceitar e eles eram totalmente submissos a ela, sem nenhuma nostalgia dos tempos em que eram lobos.

Essa era uma característica notável dos humanos – sua capacidade de traçar o caminho das outras espécies, de mudar sua natureza fundamental. Talvez isso fosse acontecer comigo, talvez eu pudesse ser mudado... Será que eu já estava mudando? Quem saberia me dizer? Eu esperava que não. Esperava permanecer tão puro como tinham me dito para ficar, tão forte e isolado como um número primo, como um 97.

Sentei-me num banco e fiquei olhando o tráfego. Não importava quanto tempo fosse ficar nesse planeta, eu duvidava que fosse me acostumar com a aparência dos carros, presos ao chão pela gravidade e pela fraca tecnologia, movendo-se com dificuldade nas ruas porque havia uma quantidade excessiva de veículos.

Era errado impedir os avanços tecnológicos de uma espécie? Essa era uma questão nova na minha cabeça. Eu não queria pensar nisso, então fiquei muito aliviado quando Newton começou a latir. Virei-me para olhá-lo. Ele estava parado, a cabeça apontando em uma direção, enquanto continuava a emitir o som mais alto de que era capaz.

– *Veja!* – ele parecia latir. – *Veja! Veja! Veja!*

Eu estava entendendo sua língua.

Havia outra rua, diferente daquela com todo aquele trânsito. Uma linha de casas com varandas de frente para o parque.

Olhei naquela direção, já que era o que Newton claramente desejava que eu fizesse. Vi Gulliver, o próprio, andando pela calçada, tentando se esconder o melhor possível por trás de seus cabelos. Era para ele estar na escola. E ele não estava, a não ser que a escola

dos humanos fosse andar pelas ruas e pensar, o que na realidade deveria ser. Ele me viu. Congelou. Virou-se e começou a andar na direção contrária.

– Gulliver! – chamei. – Gulliver!

Ele me ignorou. E começou a andar num passo mais rápido do que antes. O comportamento dele me preocupou. Afinal, dentro da sua mente, havia o conhecimento de que o maior quebra-cabeça matemático tinha sido resolvido, e por seu pai. Eu não tinha agido na noite passada. Tinha dito a mim mesmo que precisava de mais informações, verificar se não havia mais ninguém a quem Andrew Martin pudesse ter

contado. Também, eu estava provavelmente exausto depois do meu encontro com Daniel. Poderia esperar mais um dia, talvez até dois. Esse era o plano. Gulliver tinha me dito que não havia falado nada e nem iria falar, mas até onde eu poderia confiar nele? Naquele momento, a mãe imaginava que ele estivesse na escola, e como pude ver ele não estava. Levantei-me do banco e andei sobre a grama até onde Newton ainda estava latindo.

– Vamos embora – falei, percebendo que provavelmente eu já deveria ter agido. – Temos de ir.

Chegamos à rua na hora em que Gulliver estava virando a esquina, então decidi segui-lo para ver aonde ele estava indo. A certa altura, ele parou e tirou alguma coisa do bolso. Uma caixa. Retirou um objeto cilíndrico, colocou-o na boca e o acendeu. Ele se virou, mas eu pressenti sua intenção e me escondi atrás de uma árvore.

Ele começou a andar novamente. Logo chegou a uma rua mais larga. Coleridge Road, era como se chamava. Ele não iria querer ficar por muito tempo ali, havia carros demais. Muitas chances de ser visto.

Continuou a andar, e depois de algum tempo não havia mais prédios, nem carros, nem pessoas.

Fiquei preocupado porque, se ele se virasse, não havia árvores nas proximidades ou qualquer outra coisa atrás da qual eu pudesse me esconder. Além disso, embora estivesse fisicamente perto para que ele se voltasse na minha direção, eu estava longe demais para que alguma manipulação mental funcionasse.

Mas, para minha surpresa, ele não se virou novamente. Nem uma vez.

Passamos por um prédio com muitos carros vazios do lado de fora, brilhando ao sol. O prédio tinha um nome escrito na fachada, “Honda”. Havia um homem de camisa e gravata nos olhando da vitrine.

Gulliver então cruzou um campo gramado.

Finalmente, chegou diante de quatro trilhos de metal sobre o chão: linhas paralelas, próximas umas das outras, mas estendendo-se tão longe quanto os olhos conseguissem alcançar. Ele ficou ali, parado, esperando alguma coisa.

Newton olhava para Gulliver e depois para mim, preocupado. Ele soltou um ganido alto.

– Psiu! Fique quieto – eu disse.

Depois de algum tempo, apareceu um trem a distância, aproximando-se à medida que percorria os trilhos. Percebi Gulliver cerrar os punhos e seu corpo endurecer enquanto ficava ali, a um metro mais ou menos no caminho do trem. Quando o trem estava para passar pelo ponto em que ele estava, Newton latiu, mas o trem fazia muito barulho e estava muito perto de Gulliver para que ele pudesse escutar o latido.

Isso era interessante. Talvez eu não tivesse que fazer nada. Talvez o próprio Gulliver fosse fazer o trabalho por mim.

O trem passou. As mãos de Gulliver se abriram e ele pareceu relaxar. Ou quem sabe estivesse desapontado. Mas, antes que ele se virasse para voltar a caminhar, eu puxei Newton para trás, longe do seu campo de visão.

Grigori Perelman

E foi assim que deixei Gulliver.

Intocado, ileso.

Eu voltei para casa com Newton, enquanto Gulliver continuou sua caminhada. Eu não sabia para onde ele estava indo, mas estava meio claro para mim, por sua falta de direção, que não estava indo para nenhum lugar específico. Concluí também que ele não ia se encontrar com alguém. Parecia mesmo querer evitar as pessoas.

Ainda assim, eu sabia que era perigoso.

Sabia que o problema não era só a prova da hipótese de Riemann. Era a convicção de que podia ser provada, e Gulliver tinha essa convicção dentro de sua cabeça enquanto caminhava pelas ruas.

Eu justificava minha demora porque tinham me dito para ser paciente, para descobrir exatamente quem sabia. Se o progresso humano tinha de ser impedido, eu precisaria aprofundar minha busca. Matar Gulliver naquele momento seria prematuro, porque a morte dele e a da mãe seriam os últimos atos que eu poderia cometer antes de levantar suspeitas.

Sim, foi isso que eu disse a mim mesmo, enquanto soltava a guia de Newton, entrava na casa e acessava o computador da sala, digitando as palavras “Conjectura de Poincaré” na caixa de busca.

Logo descobri que Isobel tinha razão. Essa conjectura – referente a inúmeras leis muito básicas relacionadas com esferas e espaço quadrimensional – tinha sido resolvida por um matemático russo chamado Grigori Perelman. Em 18 de março de 2010 – poucos anos atrás – foi anunciado que ele havia ganhado o Prêmio Clay do Milênio. Recusado por ele juntamente com um milhão de dólares que viriam com a premiação.

– Não estou interessado em dinheiro ou fama – ele tinha dito. – Não quero ficar em exibição como um animal no zoológico. Não sou um herói da matemática.

Aquele não havia sido o único prêmio que lhe tinham concedido. Houve outros. Um prestigiado prêmio da Sociedade Europeia de Matemática, outro do Congresso Internacional de Matemáticos de Madri e a Medalha Fields, o maior prêmio no campo da matemática. Ele recusou todos eles, preferindo viver uma vida de pobreza e desemprego, cuidando da mãe idosa.

Os humanos são arrogantes. São ambiciosos. Não se preocupam com nada além de dinheiro e fama.

Não apreciam a matemática em si mesma, mas por aquilo que podem obter com ela.

Desliguei o computador. De repente, eu me senti fraco. Estava com fome. Devia ser isso. Fui procurar comida na cozinha.

Pasta de amendoim crocante

Comi algumas alcaparras, um cubo de caldo e mastiguei o talo de um vegetal chamado aipo.

Finalmente, peguei umas fatias de pão, alimento básico da cozinha humana, e procurei alguma coisa para pôr nele. Açúcar foi minha primeira opção. Então tentei uma mistura de ervas. Nada disso me satisfez.

Depois de muita apreensão e análise das informações nutricionais, decidi provar algo chamado pasta de amendoim crocante. Passei-a no pão e dei um pedaço ao cachorro. Ele gostou.

– Devo experimentar isso? – perguntei.

Sim, certamente, parecia ter sido a resposta. (Palavras de cão não são realmente palavras. Parecem mais melodias. Às vezes melodias silenciosas, mas ainda assim melodias.) *É gostoso de verdade.*

Ele não estava errado.

Enquanto punha o pão na boca e começava a mastigar, percebi que a comida humana até que podia ser bem boa. Eu nunca havia apreciado uma comida. Pensando bem, nunca usufruíra nada. E no entanto, naquele dia, mesmo em meio aos estranhos sentimentos de fraqueza e de dúvidas, eu havia experimentado os prazeres da

música e da comida. E até a alegria simples de gozar da companhia de um cachorro.

Em seguida à primeira fatia de pão com pasta de amendoim, preparei outra para nós dois, depois outra, provando que o apetite de Newton, no mínimo, combinava com o meu.

– Não sou o que sou – disse para ele a certa altura. – Você sabe disso, não é? É por isso que estava sendo hostil comigo antes. E rosnava sempre que eu me aproximava. Você sentiu isso, não é? Mais do que um humano conseguiria. Sabia que havia uma diferença.

O silêncio dele falava muito. E, enquanto olhava dentro dos seus olhos cristalinos e honestos, senti necessidade de contar mais coisas a ele.

– Matei alguém – disse a ele, sentindo certo alívio. – Sou o que os humanos costumam chamar de assassino, um termo crítico, e neste caso baseado em critérios errados. Veja, algumas vezes para salvar alguma coisa é preciso matar uma pequena parte dela. Mas ainda assim me chamariam de assassino, se eles soubessem. Não que algum dia eles sejam capazes de saber o que eu fiz.

– Veja, como sem dúvida você já sabe, os humanos ainda estão num ponto de desenvolvimento em que veem uma grande diferença entre o mental e o físico *dentro do mesmo corpo*. Eles têm hospitais para o mental e hospitais para o físico, como se um não afetasse diretamente o outro. Assim, se não conseguem aceitar que a mente é diretamente responsável pelo corpo da mesma pessoa, dificilmente vão entender como a mente, embora não uma mente humana, pode afetar o corpo de outra pessoa. Certamente minhas habilidades não são

produto apenas da biologia. Tenho tecnologia, mas é invisível. Está dentro de mim. E

agora está concentrada na minha mão esquerda. Ela me permitiu assumir essa forma, me dá condições

para manter contato com a minha casa e fortalece minha mente. Ela me torna capaz de manipular processos mentais e físicos. Posso praticar telecinesia, olhe o que estou fazendo com a tampa do pote de pasta de amendoim, e também algo muito próximo da hipnose. De onde eu venho nada é costurado.

Mentes, corpos, tecnologias, tudo vem junto em uma bela convergência.

O telefone tocou. Já tinha tocado antes, mas eu não quis atender. Havia alguns prazeres, assim como algumas músicas dos Beach Boys (*In My Room, God Only Knows, Sloop John B*), que eram bons demais para serem interrompidos.

Mas então a pasta de amendoim acabou, e eu e Newton olhamos um para o outro, num lamento mútuo.

– Sinto muito, Newton, mas parece que não tem mais pasta de amendoim.

Isso não pode ser verdade. Você deve estar enganado. Verifique de novo.

Verifiquei mais uma vez.

– Não, não estou enganado.

Cuidadosamente. Verifique cuidadosamente. Você só deu uma olhada.

Verifiquei cuidadosamente. Até mostrei o pote por dentro. Ele ainda não queria acreditar, então coloquei o pote bem perto do seu focinho, que era exatamente o que ele queria. *Ah, está vendo, ainda tem um pouco. Veja, veja.* E ele lambeu o pote até finalmente chegar à conclusão de que não havia mais nada.

Ri alto. Eu nunca tinha rido. Era um sentimento muito estranho, mas não desagradável. Fomos para a sala, e eu me sentei no sofá.

Por que você está aqui?

Não sei se os olhos do cachorro estavam me perguntando isso, mas, de qualquer modo, eu lhe respondi:

– Estou aqui para destruir informações. Informações que existem nos corpos de certas máquinas e mentes de determinados homens. Esse é o meu objetivo. Embora, obviamente, enquanto estiver aqui também colherei informações. O quanto eles são instáveis? Violentos? Perigosos para si mesmos e para os outros? Seus defeitos, e parece que são muitos, são irreparáveis? Ou existe alguma esperança? Essas são as perguntas que me vêm à cabeça, embora não se esperasse esse questionamento da minha parte.

Primeiramente e acima de tudo, entretanto, o que estou fazendo envolve eliminação.

Newton olhou para mim de modo sombrio, mas sem crítica. E ficamos lá, naquele sofá púrpura, por um bom tempo. Alguma coisa estava acontecendo comigo, e tinha começado desde que eu havia escutado Debussy e os Beach Boys. Desejei nunca tê-los ouvido. Ficamos sentados em silêncio por uns dez minutos. Esse estado

de espírito lúgubre só foi quebrado quando ouvimos o barulho da porta da frente sendo aberta e fechada.

Era Gulliver. Ele ficou em silêncio no *hall* por alguns instantes, depois pendurou o casaco e pôs a mochila no chão. Foi para a sala andando bem devagar. Não fez contato visual.

– Não conte nada para a mamãe, está bem?

– O quê? – perguntei. – Não contar o quê?

Ele ficou sem jeito.

– Que eu não estava na escola.

– Certo. Não vou dizer nada.

Ele olhou para Newton, que estava com a cabeça apoiada no meu colo. Gulliver pareceu confuso, mas não fez nenhum comentário. Virou-se para subir a escada.

– O que estava fazendo perto dos trilhos do trem? – perguntei.

Percebi que suas mãos ficaram tensas.

– O quê?

– Você estava lá, enquanto o trem passava.

– Você me *seguiu*?

– Sim, segui. Não ia lhe dizer nada. Estou até surpreso por estar dizendo isso agora. Mas fui vencido pela curiosidade.

Ele respondeu com uma espécie de grunhido mudo e foi em direção ao andar de cima.

Depois de um tempo com um cachorro apoiado no seu colo, você percebe que é preciso acariciá-lo.

Não me pergunte como isso acontece. Sem dúvida tem algo a ver com as dimensões da parte de cima do corpo humano. De qualquer modo, acariciei o cachorro e, ao fazer isso, percebi que o calor e o ritmo produziam uma sensação gostosa.

A dança de Isobel

Finalmente Isobel voltou. Eu mudei de posição no sofá para poder enxergar seus passos entrando na casa. Apenas para ver o simples esforço disso – o empurrão físico da porta, a retirada da chave, o fechamento da porta e a colocação daquela chave (e das outras presas a ela) em uma cestinha oval sobre uma peça de madeira –, tudo isso era hipnotizante para mim. O modo como ela fazia essas coisas em movimentos deslizantes, quase como se fosse uma dança, sem se dar conta disso. Eu não deveria dar importância a esse tipo de coisa, mas não estava fazendo isso. Ela parecia estar sempre agindo acima da tarefa que devia desempenhar. Uma melodia ultrapassando o ritmo. Embora continuasse a ser o que era, um ser humano.

Ela caminhou pelo *hall* como se flutuasse, o rosto exibindo ao mesmo tempo um sorriso e uma preocupação. Como o filho, ela ficou confusa ao ver o cachorro apoiado no meu colo. E mais confusa ficou quando ele pulou e correu para ela.

– O que está acontecendo com o Newton? – ela perguntou.

– *Com* ele?

– Ele parece animado.

– É?

– Sim. E, não tenho certeza, mas seus olhos parecem mais brilhantes.

– Ah, deve ter sido a pasta de amendoim. E a música.

– Pasta de amendoim? Música? Você nunca ouve música. Você andou ouvindo música?

– Sim, nós dois.

Ela me olhou desconfiada.

– Sei, estou vendo.

– Ouvimos música o dia inteiro.

– Como é que está se sentindo depois do que aconteceu com Daniel?

– Ah, foi muito triste – eu disse. – E como foi o seu dia?

Ela suspirou.

– Foi tudo bem.

Era uma mentira, sem dúvida.

Olhei para ela. Percebi que meus olhos podiam se fixar nela sem sacrifício. O que tinha acontecido?

Esse seria outro efeito colateral da música?

Imaginei que estivesse me acostumando a ela e aos humanos em geral. Fisicamente, pelo menos por fora, eu também era um deles. De certo modo, isso estava se tornando algo normal para mim. Mas mesmo

assim meu estômago se embrulhava muito menos diante dela do que dos outros que eu via passando pela janela e me espiando. De fato, naquele dia, ou naquele momento do dia, ele não se agitou nem um pouco.

– Sinto que eu deveria telefonar para Tabitha – ela disse. – Mas é difícil, não é? Ela deve estar devastada. Talvez seja melhor lhe mandar um *e-mail* e nos colocar, você sabe, à disposição dela para o que precisar.

Concordei.

– É uma boa ideia.

Ela me observou por um instante.

– Sim – ela disse numa frequência mais baixa. – Acho que sim.

Olhou para o telefone.

– Alguém ligou?

– Acho que sim. O telefone tocou várias vezes.

– Mas você não atendeu?

– Não, não atendi. Não me sinto disposto a manter conversas longas. E estou me sentindo amaldiçoado.

Da última vez em que conversei por muito com alguém que não fosse você ou Gulliver, a pessoa morreu na minha frente.

– Não fale assim.

– Assim, como?

– Sem dúvida. É um dia triste.

– Eu sei – disse. – Só que... ainda não assimilei realmente.

Ela se afastou para ouvir as mensagens. Depois voltou.

– Uma porção de gente ligou para você.

– Ah! Quem?

– Sua mãe, mas, cuidado, ela pode estar fazendo aquele joguinho opressivo de preocupação. Ela soube o que aconteceu no Corpus. Não sei como. Alguém da direção da faculdade telefonou também, querendo conversar, representando bem o papel de que está se importando. Uma jornalista do *Cambridge Evening News*. E Ari. Muito amável. Ele está querendo saber se você estaria a fim de ir a um jogo de futebol no domingo. Mais alguém. – Ela fez uma pausa. – Disse que seu nome era Maggie.

– Ah, sim – disse, fingindo saber quem era. – É claro, Maggie.

Então ela levantou as sobrancelhas e franziu-as enquanto olhava para mim. Eu tinha dado a entender alguma coisa, sem dúvida, mas não tinha ideia do quê. Era frustrante. Veja bem, a Linguagem das Palavras era somente uma das linguagens humanas. Havia muitas outras, como já mencionei. A Linguagem dos Suspiros, a Linguagem dos Momentos de Silêncio e, a mais significativa, a Linguagem do Franzir de Sobrancelhas.

Em seguida, ela fez o contrário, abaixando as sobrancelhas o máximo possível. Suspirou e foi para a cozinha.

– O que andou fazendo com o açúcar?

– Eu comi – respondi. – Foi um erro. Me desculpe.

– Bem, sinta-se à vontade para devolver as coisas ao seu devido lugar.

– Eu me esqueci. Desculpe.

– Tudo bem. Só se passou um dia e meio.

Concordei e tentei agir como um humano.

– O que quer que eu faça? Digo, o que eu deveria fazer?

– Poderia começar por telefonar para sua mãe. Mas não diga nada sobre o hospital. Sei o que você gostaria de fazer.

– O quê? O que eu gostaria de fazer?

– Você conta mais coisas a ela do que a mim.

Isso era preocupante. Muito preocupante. Decidi ligar imediatamente.

A mãe

Tão extraordinário como possa parecer, a mãe era um conceito importante para os humanos. Não apenas eles tinham conhecimento de quem eram suas mães, mas em muitos casos mantinham-se *em contato* com elas por toda a vida. Sem dúvida, para alguém como eu, que

jamais havia conhecido a mãe, a ideia parecia muito exótica.

Tão exótica que eu estava com medo de ir em frente. Mas fui, porque, se o filho dela tivesse lhe passado muitas informações, obviamente eu precisaria saber.

– Andrew?

– Sim, mãe. Sou eu.

– Ah, Andrew... – ela falava numa frequência alta.

A mais alta que eu já tinha ouvido.

– Oi, mãe.

– Andrew, eu e seu pai ficamos muito preocupados com você.

– Ah – eu disse. – Tive um probleminha. Sofri um lapso temporário e me esqueci de me vestir. Foi só isso.

– É só isso que tem para me dizer?

– Não, não é. Preciso fazer uma pergunta, mãe. É uma pergunta importante.

– Ai, *Andrew*. Qual é o problema?

– O problema? Que problema?

– É a Isobel? Ela está pegando no seu pé de novo? É isso?

– De novo?

O som crepitante de um suspiro.

– Sim, você nos contou que já faz mais de um ano que você e Isobel estão passando por momentos difíceis. Que ela não está sendo compreensiva como deveria em relação à sua carga de trabalho. Que ela não tem lhe dado apoio.

Pensei em Isobel, mentindo a respeito do seu dia para não me preocupar, cozinhando para mim, acariciando minha pele.

– Não – eu disse. – Ela o apoia... *me apoia.*

– E Gulliver? Como ele está se comportando? Pensei que ela o tivesse virado contra você porque ele queria fazer parte daquela banda. Mas você estava certo, querido. Ele não deveria estar por aí entretido com bandas. Não depois de tudo o que ele fez.

– Banda? Não sei, mãe. Não acho que seja isso.

– Por que está me chamando de mãe? Nunca me chamou de mãe.

– Mas você é minha mãe. Como é que eu chamo você?

– Mami. Você me chama de mami.

– Mami – eu disse.

Soou como a palavra mais estranha entre todas as palavras estranhas.

– Mami. Mami. Mami. Mami. Mami, escute, quero saber se falei com você recentemente.

Ela não estava me ouvindo.

– Nós queríamos estar aí.

– Pois venha – eu disse.

Estava interessado em ver como ela era.

– Venha já.

– Eu iria se não morássemos a vinte mil quilômetros daí.

– Ah – exclamei.

Para mim, vinte mil quilômetros não parecia muito.

– Então, venha hoje à tarde.

A mãe riu.

– Ainda não perdeu seu senso de humor.

– Sim – eu disse. – Ainda sou muito engraçado. Escute, eu falei com você no domingo passado?

– Não, Andrew. Você perdeu a memória? Está com amnésia? Está agindo como se estivesse sofrendo de amnésia.

– Estou um pouco confuso, só isso. Não é amnésia. Os médicos me garantiram. Acontece apenas que...

tenho trabalhado demais.

– Sim, sim, eu sei. Você nos disse.

– O que foi que eu lhe disse?

– Que mal estava dormindo. Que estava trabalhando mais do que jamais havia trabalhado, pelo menos desde o seu doutorado.

E então ela começou a me dar a informação que eu não tinha pedido. Desandou a falar sobre o osso do quadril, que lhe provocava dores atrozes, e sobre os analgésicos que não estavam funcionando. Achei a conversa desconcertante e enjoativa. A ideia de dor *prolongada* era muito estranha para mim. Os humanos se consideram muito avançados na área médica, mas ainda têm de resolver esse problema de algum modo efetivo. Da mesma forma que precisam resolver o problema da morte.

– Mãe. *Mami,* escute, o que você sabe sobre a hipótese de Riemann?

– É aquela coisa em que você está trabalhando, não é?

– Em que estou trabalhando? Sim. Ainda estou trabalhando nisso. E nunca vou conseguir prová-la.

Percebi isso agora.

– Tudo bem, querido. Não se martirize por isso. Agora, escute…

E lá estava ela falando de novo sobre a dor, me contando que o médico tinha lhe dito para substituir o osso por uma prótese. Seria de titânio. Quase engasguei quando ela disse isso, mas eu não queria conversar com ela sobre o titânio, já que os humanos ainda não tinham conhecimento disso. Eles descobririam no devido tempo.

Daí ela começou a falar sobre meu “pai” e como a memória dele estava piorando. O médico tinha dito a ele que não dirigisse mais, e parecia cada vez mais improvável que ele conseguisse acabar o livro de teoria macroeconômica que ainda tinha esperança de publicar.

– Isso me faz ficar preocupada com você, Andrew. Sabe, ainda na semana passada eu lhe contei o que o médico tinha dito, que eu devia aconselhar você a fazer uma tomografia computadorizada do cérebro. O

problema pode ser hereditário.

– Ah – eu disse.

Não sabia mais o que ela esperava de mim. A verdade é que eu queria que a conversa terminasse. Sem dúvida eu não havia contado nada a meus pais. Ou, pelo menos, não tinha dito nada a minha mãe e, pelo que ouvi sobre o estado do cérebro do meu pai, ele provavelmente teria esquecido qualquer informação que eu lhe tivesse dado. Além disso, a conversa estava me deprimindo. Me fazia pensar sobre a vida humana de uma maneira que eu não desejava. A vida humana, percebi, fica progressivamente pior à medida que a pessoa envelhece. Na chegada, os pés e as mãos eram de bebê e a alegria era infinita, pouco a pouco a alegria ia se evaporando à medida que os pés e as mãos ficavam maiores. A partir da adolescência, a alegria se transformava em algo que podia escapar e, uma vez que começava a escapulir, ganhava massa. Como se o conhecimento de que ela podia escapar tornasse mais difícil a tarefa de retê-

la, não importava quão grandes fossem os pés e as mãos.

Por que isso me deprimia? Por que me preocupar se isso não fazia parte do meu trabalho?

Novamente, senti uma imensa gratidão por apenas parecer e não *ser* um humano de verdade.

Ela continuava a falar. E, enquanto fazia isso, percebi que poderia não haver consequência cósmica de nenhuma espécie se eu parasse de ouvi-la, e, com essa percepção, desliguei o telefone.

Fechei os olhos, desejando não enxergar nada, mas vi alguma coisa. Tabitha, debruçada sobre o marido enquanto a espuma da aspirina escorria do canto da boca e pingava no carpete. Fiquei pensando se minha mãe teria a mesma idade de Tabitha ou se ela seria mais velha.

Quando abri os olhos de novo, percebi que Newton estava lá, olhando para mim. Seus olhos me diziam que ele estava confuso.

Por que você não se despediu? Normalmente você se despede.

E então, estranhamente, fiz algo que não entendi. Alguma coisa que não tinha lógica nenhuma. Peguei o telefone e liguei para o mesmo número novamente. Depois de três toques ela atendeu, e eu falei:

– Me desculpe, mami. Estou ligando para dizer até logo.

Alô. Alô. Estão me ouvindo? Vocês estão aí?

Estamos ouvindo você. Estamos aqui.

Ouçam, já está seguro. A informação foi destruída. Por ora, os humanos permanecerão no nível três.

Não há com o que se preocupar.

Você destruiu todas as evidências e todas as possíveis fontes?

Destruí a informação no computador de Andrew Martin e no computador de Daniel Russell. O Daniel Russell também foi destruído. Ataque cardíaco. Ele sofria do coração, portanto essa era a causa de morte mais lógica nas circunstâncias.

Você destruiu Isobel Martin e Gulliver Martin?

Não, não destruí. Não há necessidade disso.

Eles não sabem?

Gulliver Martin sabe. Isobel Martin não. Mas Gulliver não tem motivo para dizer qualquer coisa.

Você precisa destruí-lo. Tem de destruir os dois.

Não, não há necessidade. Se vocês querem que eu faça alguma coisa, se pensam realmente que é preciso, eu posso manipular seus processos neurológicos. Posso fazê-lo esquecer do que o pai lhe disse.

Não que ele *saiba* do que se trata . Ele não tem uma compreensão real da matemática.

Os efeitos de qualquer manipulação mental que você use desaparecerão no momento em que voltar para casa. Você sabe disso.

Ele não vai dizer nada.

Ele já deve ter dito alguma coisa para alguém. Os humanos não são confiáveis. Não confiam nem em si mesmos.

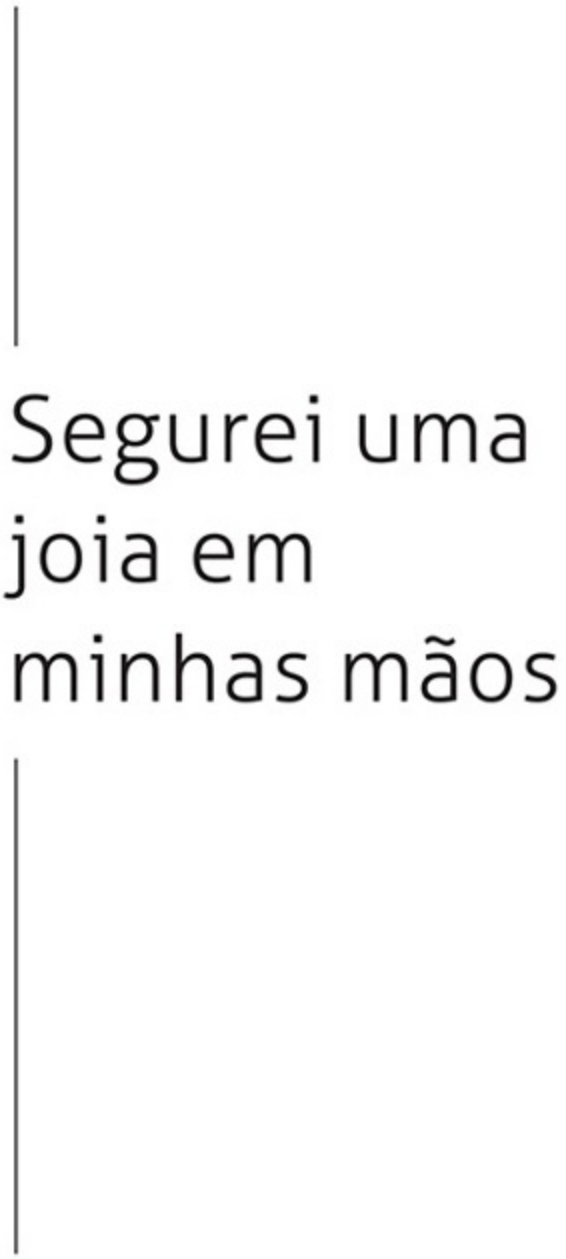
Gulliver não disse nada. E Isobel não sabe de nada.

Você precisa concluir sua tarefa. Se não fizer isso, alguém mais vai ser enviado para concluí-la por você.

Não, não. Vou concluí-la. Não precisam se preocupar. Vou concluir minha tarefa.

Parte II

Parte II



Segurei uma joia em minhas mãos

Não se pode dizer que A é feito de B ou vice-versa. Toda a massa é interação.

– Richard Feynman

Somos todos solitários em razão de alguma coisa que não sabemos que nos faz solitários.

– David Foster Wallace

Para pequenas criaturas como nós, a vastidão só é suportável através do amor.

– Carl Sagan

Sonâmbulo

Fiquei em pé ao lado da cama enquanto ele dormia. Não sei quanto tempo permaneci lá, no escuro, ouvindo sua respiração enquanto ele mergulhava cada vez mais fundo nos sonhos. Meia hora, talvez.

Ele não tinha baixado a persiana, então pude olhar a noite lá fora. Não havia lua daquele ângulo, mas eu podia ver algumas estrelas. Sóis iluminando sistemas solares mortos em algum lugar da galáxia. Todos os lugares que podem ser vistos no céu deles, ou quase todos, não têm vida. Isso deve afetá-los. Deve dar a eles ideias sobre onde estão. Deve deixá-los loucos.

Gulliver virou de lado, e decidi não esperar mais. Era agora ou nunca.

Você vai afastar o edredom, eu disse, com uma voz que ele só ouviria se estivesse acordado, mas que chegava lá dentro, cavalgando as ondas theta, para tornar-se um comando do seu próprio cérebro. *E vai se sentar bem*

devagar na cama, seus pés estarão no tapete e você vai respirar, se ajeitar e, então, vai levantar.

E ele se levantou. Ficou ali, respirando fundo e lentamente, esperando pelo próximo comando.

Você vai andar até a porta. Não se preocupe em abrir a porta, porque ela já está aberta. Ali. Apenas ande, apenas ande até a porta.

Ele fez exatamente o que eu disse. E ele estava ali, na soleira da porta, sem ter consciência de nada, exceto da minha voz. Uma voz que devia dizer apenas quatro palavras. *Se incline para a frente.* Fui até junto dele. Por algum motivo, as palavras estavam demorando a sair. Eu precisava de tempo. Pelo menos um minuto a mais.

Eu estava ali, bem próximo, capaz de sentir o cheiro de sono nele. De humanidade. E me lembrei: *Você precisa concluir sua tarefa. Se não fizer isso, alguém mais vai ser enviado para concluí-la por você.*

Engoli em seco, minha boca estava tão desidratada que doía. Senti a expansão infinita do universo por trás de mim, uma vasta força neutra. A neutralidade do tempo, do espaço, da matemática, da lógica, da sobrevivência. Fechei os olhos.

Esperei.

Antes que eu os abrisse, fui agarrado pela garganta. Mal podia respirar.

Ele deu uma volta de 180 graus e sua mão esquerda me segurava pelo pescoço. Empurrei-o, e então suas duas mãos se transformaram em punhos dançando à minha frente, me acertando quase tanto quanto errando.

Ele atingiu um lado da minha cabeça. Dei alguns passos para trás, mas ele se movia para a frente quase na mesma velocidade. Os olhos dele estavam abertos. Ele estava me vendo. Ele me via e não via ao mesmo tempo. Eu poderia ter dito *pare*, é lógico, mas não disse. Talvez eu quisesse testemunhar alguma

violência humana diretamente, mesmo que fosse violência inconsciente, para entender a importância da minha tarefa. Ao entendê-la, então conseguiria realizá-la. Sim, deve ter sido isso. O que poderia talvez explicar também por que me deixei sangrar quando ele me acertou o nariz. Eu tinha chegado à escrivaninha agora e não tinha mais para onde recuar; fiquei parado ali enquanto ele continuava a socar minha cabeça, meu pescoço, meu peito, meus braços. Ele rosnava agora, a boca tão aberta quanto podia, mostrando os dentes.

– *Raaaah!*

O rosnar o despertou. Suas pernas bambearam e ele quase caiu, mas se recompôs a tempo.

– Eu... – ele disse.

Gulliver não soube onde estava por um instante. Ele me viu no escuro, e dessa vez era uma visão consciente.

– Pai?

Acenei com a cabeça enquanto um fio de sangue escorria até minha boca. Isobel estava correndo escada acima até o sótão.

– O que está acontecendo?

– Nada – eu disse. – Ouvi um barulho e subi. Gulliver estava numa crise de sonambulismo, só isso.

Isobel acendeu a luz e se assustou quando viu meu rosto.

– Você está sangrando.

– Não é nada. Ele não sabia o que estava fazendo.

– Gulliver?

Gulliver agora estava sentado na beirada da cama, fugindo da luz. Ele também olhou para o meu rosto, mas não disse nada.

Eu era quem eu não era

Gulliver queria voltar para a cama. Para dormir. Assim, dez minutos depois, eu e Isobel ficamos a sós, e eu estava sentado ao lado da banheira enquanto ela despejava uma solução antisséptica num chumaço de algodão e aplicava de leve num corte na minha testa e, depois, no meu lábio.

Esse tipo de machucado, eu poderia curar com um simples pensamento. Muitas vezes, só o fato de sentir dor já era suficiente para anulá--la. No entanto, ainda que o antisséptico ardesse em contato com cada corte, os machucados permaneciam. Eu os forçava a ficarem assim, para não levantar suspeitas.

Mas era apenas isso?

– Como está o nariz? – ela perguntou.

Dei uma espiada no espelho. Havia sinal de sangue em uma das narinas.

– Está bem – eu disse, sentindo-o. – Não está quebrado.

Ela franzia os olhos concentrando-se.

– Este ferimento na testa está bem ruim. E vai formar um grande hematoma. Ele deve ter batido com muita força. Você tentou detê-lo?

– Sim – menti. – Mas ele continuou a bater.

Eu podia sentir seu cheiro. Nitidamente cheiros humanos. Dos cremes que ela usava para limpar e hidratar o rosto. Do seu xampu. Um traço delicado de amônia mal competindo com o cheiro pesado do antisséptico. Ela estava mais perto de mim fisicamente do que jamais estivera. Olhei seu pescoço. Lá estavam duas pequenas verrugas, bem próximas, simulando estrelas binárias desconhecidas. Pensei em Andrew Martin beijando-a. Era isso que os humanos faziam. Eles beijavam. Como tantas outras coisas humanas, isso não fazia sentido. Ou, se eu experimentasse, talvez a lógica se revelasse.

– Ele disse alguma coisa?

– Não – respondi. – Não, só berrou. Foi muito primitivo.

– Não sei, essa situação entre ele e você, nunca acaba.

– O que nunca acaba?

– A preocupação.

Ela pôs o algodão manchado de sangue no lixinho ao lado da pia.

– Desculpe – eu disse. – Me desculpe por tudo. Pelo passado e pelo futuro.

Pedir desculpas enquanto sentia dor fez eu me sentir tão próximo dos humanos quanto era possível. Eu poderia até ter escrito um poema.

Voltamos para a cama. Ela segurou minha mão no escuro. Delicadamente, eu a afastei.

– Nós o perdemos – ela disse.

Levei um instante para perceber que ela falava de Gulliver.

– Bem – eu disse –, talvez só precisemos aceitá-lo como ele é, mesmo se estiver diferente daquele que conhecíamos.

– Eu não consigo entendê-lo. Você sabe, ele é nosso filho, e nós o conhecemos há dezesseis anos.

Ainda assim, sinto que não sei nada sobre ele.

– Talvez não devêssemos tentar tanto entendê-lo, mas sim aceitá--lo mais.

– Isso é uma coisa muito difícil. E soa ainda mais estranha vindo da sua boca, Andrew.

– Então, suponho que a próxima questão seja: e quanto a mim? Você me entende?

– Não acho que você entenda a si mesmo, Andrew.

Eu não era Andrew. Sabia que não era Andrew. Mas, do mesmo modo, sentia que estava me perdendo.

Eu era quem eu não era, esse era o problema. Estava na cama com uma mulher humana que agora quase achava bonita, sentindo intencionalmente a ardência do

antisséptico nos meus machucados e pensando em sua pele estranha, mas fascinante, e em como ela tinha cuidado de mim. Ninguém no universo cuidava de mim. (Vocês não cuidavam, não é verdade?) Nós tínhamos a tecnologia para cuidar de nós, e não precisávamos de emoções. Éramos solitários. Trabalhávamos juntos para nossa preservação, mas emocionalmente não precisávamos de ninguém. Bastava-nos a pureza da verdade matemática. Eu tinha medo de adormecer porque quando isso acontecesse meus ferimentos se curariam, e eu não queria isso.

Naquele momento, senti um bem-estar estranho e real na dor.

Estava com tantas preocupações agora... Tantas perguntas...

– Você acredita que os seres humanos são sempre compreensíveis? – perguntei.

– Escrevi um livro sobre Carlos Magno. Espero que sim.

– Mas os seres humanos, em seu estado natural, são bons ou ruins? Pode-se confiar neles? Ou seu estado natural é apenas violência, cobiça e crueldade?

– Esta é a pergunta mais antiga que existe.

– O que você acha?

– Estou cansada, Andrew. Desculpe.

– Eu também. Até amanhã.

– Boa noite.

– Boa noite.

Fiquei acordado enquanto Isobel mergulhava aos poucos no sono. O problema era que eu ainda não havia me acostumado com a noite. Ela podia não ser tão escura quanto eu tinha imaginado. Havia o luar, a luz das estrelas, a luminescência do céu, as luzes da rua e a luz do sol retrodispersa pela poeira interplanetária, mas os humanos ainda passavam a metade do tempo na obscuridade. Isso, eu tinha certeza, era uma das principais razões para justificar os relacionamentos pessoais e sexuais. A necessidade de ser confortado no escuro. E era confortador estar junto dela. Então fiquei ali, ouvindo sua respiração entrar e sair, como se fosse a maré de um mar exótico. Em determinado momento, meu dedinho tocou o dela, por baixo do edredom, e dessa vez o mantive ali e imaginei que era quem ela

pensava que eu era. E que estávamos ligados. Dois humanos, suficientemente primitivos para cuidar de verdade um do outro. Era um pensamento reconfortante, que me fez descer pelas escadas permanentemente escuras da mente até o sono.

Posso precisar de mais tempo.

Você não precisa de mais tempo.

Vou matar quem for preciso, não se preocupe.

Não estamos preocupados.

Mas não estou aqui apenas para destruir informações. Estou aqui para reuni-las. Foi isso que vocês disseram, não foi? Material envolvendo entendimento matemático pode ser lido em todo o universo, eu sei disso. Não estou falando de *flashes* neurológicos. Estou falando de

material que só pode ser recolhido na própria Terra, para nos dar mais noção de como os humanos vivem. Fazia muito tempo que ninguém vinha aqui, pelo menos em termos humanos.

Explique por que você precisa de mais tempo para isso. A complexidade exige tempo, mas os humanos são primitivos, desprovidos de mistérios.

Não, vocês estão errados. Eles existem simultaneamente em dois mundos – o mundo das aparências e o mundo da verdade. Os fios que unem esses mundos assumem muitas formas. Logo que cheguei aqui não entendi certas coisas, como a importância de usar roupas, ou como uma vaca morta virava bife, ou por que a grama cortada de certo modo impõe que não se caminhe sobre ela, ou por que eles dão tanto valor aos animais de estimação. Os humanos têm medo da natureza e se sentem tranquilizados quando conseguem provar a si próprios que conseguem dominá-la. É por isso que existem gramados, é por isso que os lobos evoluíram para cachorros, e porque sua arquitetura é baseada em formatos antinaturais.

Mas, realmente, a natureza pura é apenas um símbolo para eles. Um símbolo da natureza humana. São intercambiáveis. Então, o que estou dizendo...

O que você está dizendo?

O que estou dizendo é que leva tempo para entender os humanos porque eles não entendem a si mesmos. Eles usam roupa há muito tempo. Roupas metafóricas. É disso que estou falando. Este foi o preço da civilização humana, para criá-la eles tiveram de fechar a porta diante de seu eu verdadeiro, e assim se perderam – foi o

que eu entendi. E foi por isso que inventaram a arte: livros, músicas, filmes, peças de teatro, quadros, esculturas. Inventaram tudo isso como ponte para voltarem para si mesmos, para quem eles realmente são. No entanto, por mais que se aproximem, estão excluídos para sempre. O

que estou dizendo é que na noite passada eu estava prestes a matar o garoto. Gulliver. Ele, em seu sono, estava prestes a cair da escada, mas sua verdadeira natureza veio à tona e ele me atacou.

Atacou você com o quê?

Com seu próprio corpo. Seus braços, suas mãos. Ele ainda estava dormindo, mas os olhos estavam abertos. Ele me atacou, ou quem ele imagina que sou. Seu pai. E era raiva pura.

Os humanos são violentos. Isso não é novidade.

Não, eu sei. Eu *sei.* Mas ele acordou, e não estava violento. Esta é a batalha que enfrentam. E acredito que, se entendêssemos um pouco mais a natureza humana, saberíamos qual o melhor modo de agir no futuro, quando forem feitos outros avanços. No futuro, quando outra crise de superpopulação surgir, pode ser que a Terra se torne uma opção válida para a nossa espécie. Então, o máximo de conhecimento sobre a sociedade e a psicologia humana que conseguirmos obter ajudará?

Eles se definem pela ganância.

Nem todos. Há um matemático chamado Grigori Perelman que recusou dinheiro e prêmios. Ele toma conta da mãe. Temos uma visão distorcida. Acho que seria bom para nós se eu pesquisasse mais.

Mas você não precisa desses dois humanos para isso.

Ah, preciso.

Por quê?

Porque eles acham que sabem quem eu sou, e eu tenho uma verdadeira oportunidade de vê-los. Quem eles realmente são por trás do muro que construíram para si mesmos. E, falando de muro, Gulliver não se lembra de mais nada, apaguei tudo o que o pai lhe disse em sua última noite. Enquanto eu estiver aqui, não haverá perigo.

Você precisa agir logo. Não tem a eternidade para isso.

Eu sei, não se preocupe. Não preciso da eternidade.

Eles têm de morrer.

Sim.

Um horizonte mais amplo

– Foi um transtorno do sono – Isobel estava dizendo a Gulliver no café da manhã do dia seguinte. – É

muito comum, muita gente já teve isso. Muitas pessoas normais e sãs, como aquele músico do R.E.M. Ele teve isso e era considerado um grande astro do rock.

Ela não tinha me visto. Eu havia acabado de entrar na cozinha. Mas quando notou minha presença ficou perturbada com minha aparência.

– Seu rosto! – ela exclamou. – Na noite passada, estava cheio de cortes e hematomas, agora está totalmente curado.

– Não devia estar tão ruim quanto parecia. A noite pode exagerar as coisas.

– Sei, mas mesmo assim...

Ela olhou para o filho, lutando com dificuldade para comer o cereal, e decidiu não ir adiante.

– Você não precisa ir à escola, Gulliver – disse Isobel.

Esperava que ele fosse concordar com ela, já que preferia uma educação que envolvia ficar olhando trilhos de trem. Mas ele olhou para mim, pensou um instante, e decidiu.

– Não, não. Sem problema. Estou me sentindo bem.

Mais tarde, só eu e Newton ficamos na casa. Eu ainda estava “me recuperando”, vejam vocês.

Recuperar. A mais humana das palavras, que implica que a vida normal saudável está recuperando alguma coisa que escapara e cobrindo-a novamente – a violência que existe subjacente, a violência que eu tinha visto em Gulliver na noite anterior. Estar saudável significava ficar coberto. Vestido. Literal e metaforicamente. Eu precisava descobrir o que ficava por baixo, alguma coisa que pudesse satisfazer os anfitriões e justificar a demora em executar minha tarefa. Descobri uma pilha de papéis presos por um elástico. Estava no armário de Isobel, escondida entre todas aquelas roupas, amarelando com o tempo.

Cheirei os papéis e imaginei que tivessem no mínimo uma década. A página de cima trazia as palavras

“Um horizonte mais amplo”, acompanhada de outras: “Um romance de Isobel Martin”. Um *romance?* Li um pouco e percebi que, apesar de a personagem central chamar-se Charlotte, facilmente poderia se chamar Isobel.

Charlotte escutou seu próprio suspiro: uma máquina velha liberando pressão.

Tudo estava pesando para ela. Executara os pequenos rituais do dia a dia – encher o lava-louça, buscar o filho na escola, cozinhar –

como se estivesse debaixo d’água. As reservas mútuas de energia partilhadas entre mãe e filho, agora, ela admitia, tinham sido monopolizadas por Oliver.

Desde que havia chegado da escola, ele não tinha parado de correr acionando o disparador de feixe azul alienígena, ou coisa semelhante. Ela não sabia por que sua mãe tinha comprado aquilo. Na verdade, sabia. Para provar seu ponto de vista.

– Meninos de 5 anos querem brincar com armas, Charlotte. É natural. Você não pode privá-lo de sua natureza.

– Morra! Morra! Morra!

Charlotte fechou a porta do forno e ajustou o *timer*.

Virou-se e deu de cara com Oliver apontando a arma enorme na direção do seu rosto.

– Não, Oliver – ela disse, cansada demais para lutar contra a raiva que enevoava seus traços. – Não atire na mamãe.

Ele manteve a postura, fez mais alguns disparos, depois saiu correndo da cozinha, correndo pelo *hall*, ruidosamente destruindo alienígenas invisíveis enquanto subia as escadas. Ela se lembrou das conversas tranquilas ecoando nos corredores da faculdade e percebeu que sentir saudade era uma espécie de dor. Ela queria voltar a dar aula, mas tinha medo de ter esperado demais. A maternidade tinha se tornado um modo de vida permanente, e a crença de que poderia se sentir realizada como mãe e mulher, um arquétipo histórico, "mantendo os pés no chão" tinha crescido, como sua mãe sempre aconselhara, enquanto seu marido que vivia nas alturas deixava claro que não iria descer das nuvens.

Charlotte balançou a cabeça num gesto teatral de exasperação, como se estivesse sendo analisada por uma plateia de observadores de mãe com ares críticos examinando seu progresso e tomando notas em pranchetas. Muitas vezes tinha consciência da natureza da sua maternidade, de como havia criado um papel fora de si mesma, uma parte já destinada a ela.

Não atire na mamãe.

Agachou-se e olhou pelo vidro da porta do forno. A lasanha estaria pronta em quarenta e cinco minutos, e Jonathan ainda não tinha voltado da conferência.

Ela se levantou e foi até a sala. O vidro ondulado do armário de bebidas brilhava, cintilando como uma falsa promessa. Ela girou a chave velha e abriu a porta. Uma minimetrópole de garrafas de bebida mergulhada na escuridão.

Ela procurou a mais alta, no Empire State da minimetrópole, a de gim Bombay Sapphire, e despejou

uma dose no copo.

Jonathan.

Atrasado na quinta passada. Atrasado nesta quinta.

Ela se deu conta desse fato enquanto sentava no sofá, mas não quis ir adiante. O marido era um mistério que ela não tinha mais energia para desvendar. De qualquer modo, sabidamente a primeira regra do casamento era: mistério resolvido, fim do amor.

Então, as famílias muitas vezes ficavam juntas. As mulheres algumas vezes davam um jeito de ficar com os maridos e conformar-se com o sofrimento escrevendo romances e escondendo-os no fundo do armário. As mães conformavam-se com os filhos, não importava o quanto eles fossem difíceis, não importava o quanto levassem os pais quase à loucura.

Parei de ler naquele ponto. Senti como se fosse uma intromissão. Um certo exagero, eu sei, da parte de quem estava vivendo dentro da identidade do marido dela. Coloquei os papéis de volta no armário, por baixo das roupas.

Mais tarde, lhe contei o que havia encontrado.

Ela me lançou um olhar indecifrável, e seu rosto ficou vermelho. Eu não sabia se estava com vergonha ou com raiva. Talvez um pouco de cada coisa.

– Era uma coisa particular, você jamais deveria ter visto isso.

– Eu sei, foi por isso que quis ver. Quero entender você.

– Por quê? Não haverá glórias acadêmicas nem um prêmio de um milhão de dólares se você me decifrar, Andrew. Não deveria estar xeretando por aí.

– O marido não deveria conhecer a esposa?

– Isso é realmente espantoso vindo de você.

– O que quer dizer com isso?

Ela suspirou.

– Nada. Nada. Desculpe, eu não deveria ter dito isso.

– Você deveria dizer tudo o que sentisse que deveria.

– Seria uma boa política. Mas acho que teria sentido se tivéssemos nos divorciado lá pelo ano 2002, numa estimativa tímida.

– Bem, talvez você tivesse sido mais feliz se tivesse se divorciado dele, digo, de mim, em 2002.

– Isso nós nunca vamos saber.

– Não.

E o telefone tocou. Era para mim.

– Alô?

Um homem falou do outro lado. A fala era descontraída, num tom familiar, mas havia nela também uma dose de curiosidade.

– Ei, sou eu, o Ari.

– Oi, Ari. – Eu sabia que ele era pretensamente o meu melhor amigo, portanto tentei parecer amigável.

– Como vai você? E seu casamento, como está indo?

Isobel olhou para mim com um franzir de sobrancelhas enfático, mas acho que ele não tinha ouvido direito.

– Bem, acabei de voltar daquele negócio lá em Edimburgo.

– Ah – eu disse, fingindo que sabia do que se tratava "aquele negócio em Edimburgo". – Certo... sim...

aquele negócio em Edimburgo. É claro. Como foi?

– Foi bom. Sim, foi bom. Enredado com o destino de St. Andrews. Escuta, cara, ouvi dizer que foi uma semana e tanto para você.

– Foi, foi sim. Foi uma semana e tanto para mim.

– Por isso eu não tinha certeza de que você ainda estaria a fim de ir ao futebol.

– Futebol?

– Cambridge-Kettering. Poderíamos tomar umas cervejas e bater um papo sobre aquele alto segredo que você mencionou na nossa última conversa.

– Segredo? – Cada molécula do meu corpo se pôs em alerta. – Que segredo?

– Não pense que vou espalhar isso.

– Não. *Não.* Você está certo. Não fale sobre isso em voz alta. Na verdade, não conte a ninguém.

Isobel agora estava no *hall*, me lançando um olhar desconfiado.

– Mas, respondendo à sua pergunta, sim, vou ao futebol.

E desliguei o telefone, aborrecido diante da possibilidade de que teria de lançar outra vida humana na não existência.

Alguns segundos de silêncio no café da manhã

Você se torna algo mais. Uma espécie diferente. Esta é a parte simples. Apenas um rearranjo molecular. Nossa tecnologia interna pode fazer isso, sem problema, com o comando certo e o modelo para trabalhar em cima. Não há ingredientes novos no universo, e os humanos – seja qual for sua aparência – são feitos grosseiramente das mesmas coisas que nos constituem.

A dificuldade, entretanto, é a outra parte. Aquilo que ocorre quando você se olha no espelho do banheiro e vê o seu novo eu e não tem vontade de vomitar na pia diante da visão de si mesmo como vinha tendo todas as manhãs. E quando veste roupas e percebe que está começando a sentir que isso é uma coisa muito normal.

E quando desce as escadas e vê a forma de vida que deve ser vista como seu filho comendo uma torrada, ouvindo a música que só ele consegue escutar, leva um segundo – ou dois, três, quatro – para perceber que, realmente, esse filho não é seu. Ele não significa nada para você. Não apenas isso: ele não deve significar nada para você.

E a sua mulher, também. Sua mulher não é sua mulher. A mulher que o ama, mas não gosta de você por algo que você nunca fez, mas que não poderia ser nada pior, da

perspectiva dela, do que algo que você vai fazer. Ela é tão estranha quanto eles conseguem ser. Uma primata cujos primos evolucionários mais próximos são seres primitivos que habitam árvores, conhecidos como chimpanzés. Entretanto, como tudo é estranho, o estranho se torna familiar, e você passa a julgá-la como os humanos a julgam. Consegue olhá-la quando ela está tomando o suco rosa de *grapefruit* enquanto olha para o filho com olhos preocupados, sem esperança. Como se fosse uma mãe ou um pai numa praia olhando o filho em um barquinho frágil, afastando-se por águas cada vez mais profundas, esperando, mas não sabendo, que haja terra firme em algum lugar adiante.

E vê sua beleza. Se a beleza na Terra for a mesma que em qualquer outro lugar: ideal naquilo que tem de tentadora e indecifrável, criando uma confusão deliciosa.

Eu estava confuso e me sentia perdido.

Desejava ter um machucado novo para que ela viesse cuidar de mim.

– O que é que está olhando? – ela me perguntou.

– Você – respondi.

Ela olhou para Gulliver. Ele não podia nos ouvir. Então voltou a olhar para mim, tão confusa quanto eu.

Estamos preocupados. O que você está fazendo?

Eu já lhes disse.

O quê?

Estou juntando informações.

Está perdendo tempo.

Não estou. Sei o que estou fazendo.

Não era para demorar tanto.

Eu sei. Mas estou aprendendo mais sobre os humanos. Eles são bem mais complicados do que pensávamos. Às vezes, são violentos, mas na maior parte do tempo cuidam uns dos outros. Há mais bondade neles do que outra coisa. Estou convencido disso.

O que é que está dizendo?

Não sei o que estou dizendo. Estou confuso. Algumas coisas deixaram de ter sentido.

De vez em quando isso acontece em um planeta novo. A perspectiva muda para aquela dos seus habitantes. Mas a nossa perspectiva não mudou. Você entende isso?

Sim. Entendo perfeitamente.

Permaneça puro.

Permanecerei.

Vida/morte/futebol

Os humanos são um dos poucos seres inteligentes da galáxia que não resolveram o problema da morte.

Ainda assim, eles não passam a vida toda se esgoelando e uivando de terror, unhando seus corpos ou rolando pelo chão. Alguns humanos fazem isso – eu os vi no hospital –, mas esses humanos são considerados loucos.

Agora, pense nisso.

Uma vida humana em média dura oitenta anos terráqueos ou cerca de trinta mil dias terráqueos. O que significa que eles nascem, fazem alguns amigos, comem muitas refeições, casam-se, ou não se casam, têm um filho ou dois, ou não, bebem muitas taças de vinho, têm certo número de relações sexuais, descobrem um caroço em algum lugar, sentem um pouco de arrependimento, imaginando para onde foi aquele tempo todo, sabendo que deveriam ter feito tudo diferente, percebendo que teriam feito tudo do mesmo jeito, e então morrem. Caem na grande escuridão do nada. Fora do espaço. O nada mais trivial de todos os nadas. E é isso, a cambada toda. Todos confinados no mesmo planeta medíocre.

Mas, no geral, os humanos não parecem passar a vida inteira em estado catatônico.

Não. Eles fazem outras coisas. Coisas como:

– lavar

– escutar música

– cuidar do jardim

– comer

– dirigir

– trabalhar

– ansiar por algo

– aprender

– olhar fixamente

– beber

– suspirar

– ler

– jogar

– tomar sol

– reclamar

– correr

– discutir

– cuidar

– interagir

– fantasiar

– pesquisar na internet

– cuidar dos filhos

– renovar

– amar

– dançar

– transar

– lamentar

– fracassar

– empenhar-se

– ter esperança

– dormir

Ah, e envolver-se com esportes.

Aparentemente eu, ou melhor, Andrew, gostava de esporte. E o esporte de que gostava era o futebol.

Para a sorte do professor Andrew Martin, o time de futebol pelo qual torcia era o Cambridge United, um daqueles que tinham êxito em evitar os perigos e traumas existenciais da vitória. Torcer para o Cambridge United, eu descobri, era apoiar a ideia do fracasso. Olhar os pés do time permanentemente evitando o símbolo esférico da Terra parecia frustrar muito os torcedores, mas obviamente eles não trocariam essa situação por nada. A verdade é que, apesar de negarem, os humanos não gostam realmente de vencer. Ou melhor, eles gostam de vencer por dez segundos, mas, se continuam vencendo, acabam precisando pensar em outras coisas, como vida e morte. A única coisa de que os humanos gostam menos do que vencer é perder, mas pelo menos com relação a isso alguma coisa pode ser feita. Com a vitória absoluta, não haveria nada mais a ser feito. Eles apenas teriam de lidar com isso.

Eu estava lá no jogo para ver o Cambridge United jogar contra um time chamado Kettering. Perguntei a Gulliver se queria ir comigo – assim eu poderia vigiá-lo –, e ele disse com sarcasmo:

– Claro, pai, você me conhece tão bem.

Assim, fomos só nos dois, eu e o Ari, ou, para lhe dar o título completo, professor Arirumadhi Arasaratham. Como eu disse antes, ele era um dos amigos mais íntimos de Andrew, embora eu tivesse sabido por intermédio de Isobel que eu não tinha realmente amigos

tão próximos. Mais conhecidos. Ari era um “especialista” (pela definição humana) em física teórica. Ele era também muito redondo, como se não quisesse apenas assistir à bola em campo, mas se *tornar* uma.

– Então – ele disse num momento da partida em que o Cambridge United não estava com a posse da bola (isso quer dizer, em um momento qualquer do jogo) –, como vão as coisas?

– *Coisas?*

Ele enfiou alguns salgadinhos na boca e fez uma tentativa de disfarçar sua intenção.

– Você sabe, fiquei um pouco aflito com você.

Ele deu uma risadinha. A risada que os homens dão para esconder uma emoção.

– Bem, eu disse aflito, mas era mais uma leve preocupação. Eu disse leve preocupação, mas era mais

“imagine se ele deu uma de Nash?”.

– O que você quer dizer?

E ele me disse. Aparentemente os matemáticos humanos têm o costume de enlouquecer. Ele me deu uma lista de nomes – Nash, Cantor, Gödel, Turing – e eu acenava com a cabeça como se significassem algo para mim. E então ele disse “Riemann”.

– Riemann?

– Ouvi dizer que você não estava comendo muito, então pensei mais em Gödel do que em Riemann –

ele disse.

Por Gödel, descobri depois, ele queria dizer Kurt Gödel, outro matemático alemão. O desvio psicológico dessa criatura é que ele acreditava que estavam tentando envenenar sua comida, e assim ele parou de comer. Por essa definição de loucura, Ari parecia uma pessoa muito sã.

– Não, não cheguei a tanto. Estou comendo agora. Principalmente sanduíche de pasta de amendoim.

– Lembra mais o Elvis Presley – ele disse, rindo.

E então me lançou um olhar sério. Pude ver que era sério porque ele tinha engolido e não estava pondo mais nenhuma comida na boca.

– Porque, você sabe, números primos são terrivelmente sérios. Uma droga de sérios. Podem fazer alguém se perder. São como sereias. Eles atraem com sua beleza isolada e antes que você perceba já se encontra na maior confusão mental. E quando soube da história sobre seu corpo nu na Corpus, pensei que tivesse descarrilando.

– Não, estou nos trilhos – eu disse. – Como um trem. Ou uma cortina.

– E Isobel? Tudo bem entre vocês dois?

– Sim – respondi. – Ela é minha mulher e eu a amo. Tudo está bem. Muito bem.

Ele me olhou com a testa franzida, depois deu uma olhada para ver se os jogadores do Cambridge United estavam um pouco mais perto da bola. Pareceu aliviado ao ver que não estavam.

– De verdade? Está tudo bem?

Percebi que ele precisava que eu reforçasse minha declaração.

– Até amar, não vivi.

Ele balançou a cabeça e exibiu uma expressão no rosto que agora posso dizer com segurança que era de perplexidade.

– O que é isso? Shakespeare? Tennyson? Marvell?

Balancei negativamente a cabeça.

– Não, é da Emily Dickinson. Tenho lido muita poesia dela. E também da Anne Sexton. E de Walt Whitman. A poesia parece dizer muito sobre nós. Você entende, nós, os humanos.

– Emily Dickinson? Você está citando Emily Dickinson durante uma partida de futebol?

– Sim.

Percebi mais uma vez que o contexto era outro. Tudo ali dependia do contexto. Nada era perfeitamente correto para qualquer ocasião. Não tinha captado isso. O ar sempre teve hidrogênio em qualquer lugar que estivesse. Mas, sem dúvida, era a única coisa consistente. Qual a grande diferença que tornava citar poesia amorosa inadequada naquele contexto? Eu não tinha ideia.

– Tudo bem – ele disse e fez uma interrupção para o enorme uivo comunal quando o Kettering marcou um gol.

Eu uivei também. Uivar era muito divertido e certamente o aspecto mais agradável de assistir a uma exibição esportiva. Devo ter exagerado um pouco, a julgar pelos olhares que me lançaram. Ou talvez tivessem me visto na internet.

– Certo – ele disse. – E como Isobel está se sentindo em relação a tudo?

– Tudo?

– Você, Andrew. O que ela pensa sobre você? Ela sabe sobre... *você sabe*. Foi esse o gatilho que disparou essa situação?

Essa era a minha deixa. Respirei fundo.

– O segredo que eu lhe contei?

– Sim.

– Sobre a hipótese de Riemann?

Confuso, ele contraiu o rosto.

– O quê? Não, homem. A menos que além de tudo você tenha dormido com uma hipótese.

– Então, qual era o segredo?

– Que estava saindo com uma estudante.

– Ah – exclamei aliviado. – Quer dizer que eu não te disse nada sobre o trabalho da última vez que nos vimos?

– Não. Definitivamente. – Ele virou de costas para o futebol. – E então, vai me contar sobre a estudante?

– Minha memória está meio confusa, para ser bem honesto.

– Isso é muito conveniente. O álibi perfeito. Caso Isobel descubra. Não que você seja exatamente o craque da partida aos olhos dela.

– O que quer dizer com isso?

– Sem querer ofender, camarada, mas você me contou a opinião dela sobre você.

– Qual *é* a opinião dela sobre – hesitei – mim?

Ele enfiou um último punhado de salgadinhos na boca e mandou para dentro com uma bebida desagradável aromatizada com ácido fosfórico, chamada Coca-Cola.

– A opinião dela é que você é um maldito egoísta.

– Por que ela acha isso?

– Talvez porque você seja um maldito egoísta. Mas... somos todos malditos egoístas.

– Somos?

– Ah, sim, está em nosso DNA. Dawkins já afirmou isso, lá atrás. Mas você, meu caro, seu gene egoísta é de um nível diferente. Seu gene egoísta, devo imaginar, é parecido com o daquele que partiu a cabeça do penúltimo neandertal, antes de dar meia-volta e comer a mulher dele.

Ele sorriu e continuou a olhar o jogo. Foi uma longa partida. Em algum lugar do universo, formaram-se estrelas e outras se extinguiram. Qual o sentido da

existência humana? O sentido estava em algum lugar dentro do prazer, ou no mínimo na simplicidade informal de um jogo de futebol? Afinal, a partida acabou.

– Foi ótimo – menti, enquanto saíamos do campo.

– Foi? Perdemos de quatro a zero.

– Sim, mas enquanto eu assistia não pensei nenhuma vez na minha mortalidade, ou nas diversas outras dificuldades que nossa forma mortal nos traz no fim da vida.

Ari pareceu ficar confuso novamente. Ele ia dizer alguma coisa, mas foi interrompido por uma lata vazia arremessada na direção da minha cabeça. Mesmo tendo sido atirada por trás, eu a senti chegando e saí logo da trajetória. Ari ficou espantado com meus reflexos. Assim como o arremessador da lata.

– Ei, babaca – o fulano gritou para mim –, você é o idiota que está na web. O pelado. Deve estar com calor, não? Vestido com toda essa roupa.

– Cai fora, cara – Ari disse irritado.

O homem fez o contrário.

Ele estava vindo para cima de nós. Tinha bochechas vermelhas, olhinhos apertados e cabelo preto oleoso. Vinha acompanhado por dois amigos. Os três estavam prontos para praticar alguma violência.

Bochechas Vermelhas chegou bem perto do Ari.

– Que foi que você disse, grandalhão?

– Certamente havia um “cai” na frase – disse Ari – e sem dúvida havia um “fora”.

O homem agarrou o casaco de Ari.

– Você se acha esperto, não é?

– Moderadamente.

Segurei o braço do homem.

– Sai fora, seu pervertido desgraçado – ele reagiu. – Eu estava falando com o gordão.

Eu queria machucá-lo. Jamais tinha desejado machucar alguém – só precisei fazê-lo, o que era muito diferente. Mas aquele cara, eu desejava claramente machucá-lo. Ouvi o chiar da sua respiração e apertei seus pulmões. Em poucos segundos, ele estava procurando seu inalador.

– Vamos seguir nosso caminho – eu disse, liberando a pressão sobre o peito do sujeito. – E vocês três não vão nos incomodar de novo.

Ari e eu fomos andando para casa, sem sermos seguidos.

– Que diabo! – disse Ari. – Que foi aquilo?

Não respondi. Como poderia? O que tinha sido era algo que Ari jamais conseguiria compreender.

Formaram-se nuvens rapidamente. O céu escureceu.

Parecia que ia chover. Eu detestava chuva, já disse isso. Sabia que a chuva da Terra não era ácida, mas chuva, qualquer chuva, era algo que eu não suportava. Entrei em pânico.

Comecei a correr.

– Espere – disse Ari, que corria atrás de mim. – O que você está fazendo?

– Chuva! – eu disse desejando que existisse uma redoma cobrindo Cambridge inteiro. – Não *suporto* chuva.

Lâmpada

– Você se divertiu? – Isobel me perguntou quando voltei. Ela estava em pé no alto de uma forma primitiva de tecnologia (escada) trocando outra (lâmpada incandescente).

– Sim – respondi. – E uivei bastante, mas, para ser honesto com você, não acho que irei de novo.

Ela deixou a lâmpada cair. Espatifou-se.

– Droga, não temos outra.

Ela quase dava a impressão de que ia chorar por causa disso. Desceu da escada, e eu olhei para cima em direção à lâmpada velha ainda dependurada. Concentrei-me. Um momento depois, ela voltou a funcionar.

– Foi sorte. Afinal, nem era preciso trocá-la.

Isobel olhou para a lâmpada. Por alguma razão, a iluminação dourada em sua pele era hipnotizante. O

modo como mudava a sombra, deixando-a mais nitidamente ela mesma.

– Que estranho... – ela disse.

Depois, olhou para o vidro quebrado no chão.

– Eu cuido disso – me ofereci.

Ela sorriu para mim, sua mão tocou a minha e apertou-a ligeiramente como sinal de gratidão. E então fez algo que eu não esperava. Ela me abraçou, delicadamente, com o vidro quebrado ainda entre nossos pés.

Aspirei-a para dentro de mim. Gostei do calor do seu corpo contra o meu e percebi o *phátos* de ser um humano. De ser uma criatura mortal que é essencialmente só, mas necessita do mito da união com outros.

Amigos, filhos, amantes. Era um mito atraente. Era um mito fácil de viver.

– Ah, Andrew – ela disse.

Eu não sabia qual era a intenção dela com a simples declaração do meu nome, mas, quando ela esfregou minhas costas, me vi esfregando as dela também, e dizendo palavras que, de algum modo, pareciam apropriadas.

– Tudo bem, está tudo bem, tudo bem...

Compras

Fui ao funeral de Daniel Russell. Olhei o caixão sendo baixado, a terra sendo jogada sobre a tampa de madeira.

Havia muita gente lá, a maioria vestida de preto. Alguns choravam.

Depois, Isobel quis falar com Tabitha. Tabitha parecia diferente da última vez que a tinha visto. Mais velha, apesar de só ter se passado uma semana. Não estava chorando, mas parecia fazer um esforço para se conter.

Isobel segurou seu braço.

– Escute, Tabitha, quero que você saiba que estamos aqui, à disposição para qualquer coisa que precise.

– Obrigada, Isobel. Isso significa muito para mim. Muito, mesmo.

– As coisas básicas. Se não estiver a fim de ir ao supermercado. Quero dizer, os supermercados não são os lugares mais agradáveis num momento desses.

– É muita gentileza sua. Sei que poderia encomendar *on-line*, mas sempre me atrapalho com isso.

– Então, não se preocupe. Vamos resolver seu problema.

E foi o que realmente aconteceu. Isobel foi fazer as compras de outro ser humano, pagou por elas, e quando voltou para casa me disse que eu estava parecendo melhor.

– Estou?

– Sim. Está parecendo você mesmo de novo.

A função zeta

– Tem certeza de que está pronto? – Isobel me perguntou na segunda-feira seguinte, enquanto eu comia meu

primeiro sanduíche de pasta de amendoim do dia.

Newton perguntava também a mesma coisa. Isso, ou ele estava me pedindo o sanduíche. Parti um pedaço para ele.

– Sim. Vai ser bom. O que pode dar errado?

Foi quando Gulliver deixou escapar um gemido de zombaria. O único som que tinha saído da sua boca naquela manhã.

– O que foi, Gulliver? – perguntei.

– Tudo – ele disse.

E não continuou. Em vez disso, deixou o resto do cereal e subiu correndo as escadas.

– Devo ir atrás dele?

– Não – Isobel disse. – Dê um tempo a ele.

Concordei.

Eu confiava nela.

Afinal, tempo era matéria dela.

Uma hora depois eu estava na sala de Andrew. Era a primeira vez que entrava lá desde que havia deletado o *e-mail* enviado para Daniel Russell. Dessa vez, eu não estava com pressa e podia absorver mais detalhes. Como ele era professor, havia livros cobrindo todas as paredes, numa distribuição tal que, de qualquer ângulo que alguém olhasse para Andrew, veria um livro.

Olhei alguns dos títulos. Em sua maioria, pareciam muito primitivos. *História da Numeração Binária e de Outras não Decimais. Geometria Hiperbólica. O Livro do Entrelaçamento Hexagonal. Espirais Logarítmicas e o Equilíbrio.*

Havia um livro escrito pelo próprio Andrew. Um que eu não tinha percebido da última vez em que estive lá. Chamava-se *A Função Zeta.* Na capa, as palavras “Cópia não revisada”. Verifiquei se a porta estava trancada, sentei na cadeira dele e li cada palavra.

E, devo confessar, que leitura deprimente! Era sobre a hipótese de Riemann e o que parecia sua busca fútil para provar e explicar por que os espaços entre os números primos aumentam da forma que fazem. A tragédia era perceber o quanto ele estava desesperado para resolvê-la – e, é claro, depois de ter escrito aquele livro, ele a *tinha* resolvido, embora os benefícios que tinha imaginado jamais ocorreriam, porque eu havia destruído a prova. E comecei a pensar em quanto nosso avanço matemático – aquele que acabamos por conhecer como a Segunda Teoria Básica dos Números Primos – fora fundamental para nós.

Como nos capacitou para fazer tudo o que conseguimos fazer. Viajar pelo universo. Habitar outros mundos, nos transformar em outros corpos. Viver o tempo que desejarmos. Pesquisar a mente dos outros, os sonhos alheios. Tudo isso.

A Função Zeta, entretanto, listava todas as coisas que os humanos alcançaram. Os principais passos que os levaram à civilização. O fogo, este era um dos maiores. O arado. A impressão gráfica. A máquina a vapor. O microchip. A descoberta do DNA. E os humanos eram os

primeiros a se congratularem por tudo isso. Mas o problema era, para ele, que nunca tinham dado o salto que a maioria das outras formas inteligentes do universo tinha dado.

Ah, eles haviam construído foguetes, sondas e satélites. Muitos deles até *funcionaram.* Enquanto sua matemática os decepcionara. Eles ainda tinham que fazer o trabalho duro. A sincronização dos cérebros.

A criação dos computadores com pensamento livre. A tecnologia da automação. Viagem intergaláctica. E, conforme eu lia, percebia que eu estava bloqueando todas essas oportunidades. Eu tinha matado o futuro deles.

O telefone tocou. Era Isobel.

– Andrew, o que você está fazendo? Sua palestra começou há dez minutos.

Ela estava contrariada, mas de um jeito preocupado. Eu ainda estranhava ter alguém preocupado comigo. Não compreendia completamente essa preocupação, ou o que ela ganhava por senti-la, mas devo confessar que gostava muito de ser objeto desse sentimento.

– Ah, sim. Obrigado por me lembrar. Eu estou indo. Até mais, querida.

Cuidado. Estamos ouvindo.

O problema com equações

Entrei no auditório. Era um salão grande feito na maior parte de árvores mortas.

Havia muita gente olhando para mim. Eram estudantes. Alguns tinham canetas e papel. Outros, computadores. Todos esperavam por conhecimento. Varri o auditório com os olhos. No total, havia 102

deles. Sempre um número deslocado, preso, como este, entre dois números primos. Tentei avaliar o nível de conhecimento dos alunos. Eu não queria me exceder. Olhei atrás de mim. Havia um quadro branco onde palavras e equações deveriam estar escritas, mas não tinha nada ali.

Hesitei. E nessa hesitação alguém sentiu minha fraqueza. Alguém da fileira de trás. Um humano do sexo masculino, na casa dos 20 anos, com uma cabeleira espessa e loira, vestindo uma camiseta com os dizeres “Que parte de N = R x fs x fp x ne x fl x fi x fc x L você não entende?”.

Ele deu uma risadinha antecipando o que estava prestes a acontecer e disparou:

– Hoje o senhor parece um pouco vestido demais, professor!

Riu mais um pouco, e isso foi contagioso; as gargalhadas, como fogo, espalharam-se por todo o auditório. Em instantes, todos estavam rindo. Bem, exceto uma pessoa, uma fêmea.

A fêmea que não estava rindo olhava para mim com intensidade. Tinha cabelos crespos e vermelhos, lábios carnudos e olhos grandes. Tinha uma consciência alarmante da sua aparência. Uma abertura que me lembrava a de uma flor da morte. Ela vestia um cardigã e enrolava fios de seu cabelo em volta do dedo.

– Calma lá – eu disse para o resto da turma. – Isso é muito engraçado. Já entendi. Estou vestido e vocês estão se referindo a uma ocasião em que eu estava sem roupa. Muito engraçado. Vocês pensam que é uma piada, como quando Georg Cantor disse que o cientista Francis Bacon escrevera as peças de William Shakespeare, ou quando John Nash começou a ver homens de chapéu que não estavam ali. A mente humana é limitada, mas é um platô elevado. Estendam suas vidas até os limites extremos e, upa, podem cair. Isso é engraçado. Sim. Mas não se preocupem, vocês não vão cair. Rapazes, vocês estão exatamente no meio do seu patamar. Embora eu aprecie a preocupação de vocês, tenho de dizer que estou me sentindo muito melhor agora. Estou usando cuecas e meias e calças e até uma camisa.

As pessoas ainda riam, mas dessa vez as risadas pareciam mais calorosas. E esse calor produziu algo em mim, internamente. Então, comecei a rir também. Não do que eu havia acabado de dizer, porque não via como isso poderia ser engraçado. Não. Eu ria de mim mesmo. O fato impossível de eu estar ali, no planeta mais absurdo do universo, e ainda por cima gostando disso. E senti a necessidade de dizer a alguém como era bom, na forma humana, rir. A liberação do riso. E eu queria contar isso a alguém e percebi que não era para os anfitriões. Eu desejava contar a Isobel.

De qualquer modo, fiz a palestra. Aparentemente, eu deveria falar sobre algo intitulado “geometria pós-euclidiana”, mas não estava a fim disso, então falei sobre a camiseta do garoto.

A fórmula que estava escrita nela era algo chamado equação de Drake. Era uma equação elaborada para calcular a probabilidade de civilizações mais avançadas

na galáxia da Terra, ou naquilo que os humanos chamavam de Via Láctea. (Foi assim que os humanos resolveram a questão com a vasta extensão do espaço, dizendo que parecia leite derramado. Algo que tinha caído da geladeira e que poderia ser limpo em um segundo.)

Assim, na equação:

N = R x fp x ne x fl x fi x fc x L

N era o número de civilizações avançadas da galáxia com as quais a comunicação seria possível. R

era a taxa média anual da formação das estrelas. O fp era a fração dessas estrelas com planetas. O ne era o número médio dos planetas que tinham o ecossistema correto para a existência da vida. O f1 era a fração desses planetas onde a vida realmente se desenvolveu. O fi era a fração desses últimos planetas que conseguiu que a inteligência se desenvolvesse. O fc era a fração *daqueles* planetas em que uma civilização de comunicação tecnologicamente avançada pôde se desenvolver. E L era o ciclo de vida da fase comunicativa.

Muitos astrofísicos observaram todos os dados e decidiram que devia haver, de fato, bilhões de planetas da galáxia em que existia vida, e ainda mais na amplidão do universo. E alguns desses eram destinados a ter formas de vida adiantadas com tecnologia muito boa. Isso, sem dúvida, era verdade. Mas os humanos não pararam por aí e chegaram a um paradoxo. Eles disseram “Espere um pouco, isso não pode estar certo. Se existissem muitas civilizações extraterrestres com capacidade para entrar em contato conosco, então

saberíamos disso porque elas teriam feito contato *conosco*.”.

– Bem, isso é verdade, não é? – perguntou o rapaz cuja camiseta dera início a esse desvio na palestra.

– Não – eu disse. – Não é. Porque a equação deveria ter outras frações. Por exemplo, deveria ter...

Virei em direção ao quadro branco atrás de mim e escrevi:

fcgas

– Fração que daria nenhuma importância a visitar a Terra ou se comunicar com ela.

E então:

fdsbthdr

– Fração que implicaria a visita, mas que passaria despercebida pelos humanos.

Não era muito difícil fazer rir os humanos estudantes de matemática. Na verdade, nunca tinha conhecido uma subcategoria de forma de vida tão *desesperada* para rir – ainda assim, eu me senti bem.

Por alguns breves instantes, eu me senti até mais do que bem.

Senti carinho e, não sei, uma espécie de perdão ou aceitação por parte dos alunos.

– Mas, ouçam bem – continuei –, não se preocupem. Os alienígenas lá de cima... eles não sabem o que estão perdendo.

Aplausos. (Quando os humanos realmente gostam de alguma coisa, batem uma mão contra a outra. Não tem sentido. Mas, quando fazem isso para você, aquece sua mente.)

E, no final da palestra, a moça que havia me encarado se aproximou.

A flor aberta.

Ela ficou bem junto de mim. Normalmente, quando os humanos ficam em pé e conversam, eles tentam deixar algum ar entre eles, com o objetivo de poder respirar, por etiqueta e para controlar a claustrofobia. Entre mim e esta moça sobrava muito pouco ar.

– Telefonei – ela disse, com sua boca carnuda, em uma voz que eu já ouvira antes – para saber de você, mas você não estava. Chegou a pegar minha mensagem?

– Ah, ah, sim. *Maggie*. Peguei sua mensagem.

– Parece que hoje você estava na sua melhor forma.

– Obrigado. Achei que deveria fazer alguma coisa um pouco diferente.

Ela riu. A risada era falsa, mas alguma coisa nessa falsidade me deixou excitado por alguma razão incompreensível.

– Continuaremos tendo a nossa primeira terça-feira do mês? – ela me perguntou.

– Ah, sim – respondi, completamente confuso. – A primeira terça-

-feira do mês continuará em pé.

– Ótimo. – A voz dela soou quente e ameaçadora, como o vento que sopra do sul devasta as terras habitáveis. – E, ouça, sabe aquela conversa pesada que tivemos uma noite antes que você ficasse lelé?

– Lelé?

– Você sabe. Antes da sua *performance* na Corpus Christi.

– O que foi que eu lhe disse? Minha mente está um pouco enevoada em relação àquela noite, só isso.

– Ora, aquele tipo de coisa que não pode dizer em palestras.

– Coisas matemáticas?

– Corrija-me se eu estiver errada, mas coisas ligadas à matemática *são* exatamente o tipo de coisa que você pode dizer em palestras.

Fiquei me perguntando sobre aquela mulher, aquela moça, e mais especificamente sobre que tipo de relacionamento ela tinha com Andrew Martin.

– Sim, sim. É claro.

Essa Maggie não sabia de nada, disse a mim mesmo.

– De qualquer forma – ela disse –, nos veremos.

– Sim, sim. Vou vê-la.

Ela foi se afastando, e eu fiquei olhando seu andar. Por um momento não havia nada no universo a não ser o fato de uma fêmea humana chamada Maggie ir se

afastando de mim. Eu não gostava dela, mas não sabia por quê.

Violeta

Pouco depois, eu estava no café da faculdade, com Ari, tomando um suco de *grapefruit*, enquanto ele bebia um café extremamente doce e comia uns salgadinhos.

– Como foi lá, companheiro?

Tentei não sentir seu bafo de bacon.

– Bom, muito bom. Eu lhes dei uma aula sobre vida alienígena. A equação de Drake.

– Um pouco fora da sua área?

– Fora da minha área? O que quer dizer com isso?

– O objeto da matéria.

– A matemática é objeto de tudo.

Ele torceu o nariz.

– Falar-lhes sobre o paradoxo de Fermi?

– Realmente, eles o mencionaram.

– Tudo besteira.

– Você acha?

– Bem, que droga iria fazer uma vida extraterrestre querer vir até aqui?

– Foi mais ou menos o que eu disse.

– Quero dizer, pessoalmente, acho que os físicos nos dizem que há um exoplaneta com vida em algum lugar. Mas não creio que saibamos o que estamos procurando ou que forma terá. Embora eu imagine que este será o século para encontrá-lo. É claro que tem muita gente que não quer encontrá-lo. Até mesmo quem finge que quer não quer realmente.

– Não? Por que não?

Ele levantou a mão. Um sinal para que eu tivesse paciência enquanto ele completava a importante tarefa de mastigar e engolir os salgadinhos que estavam na boca.

– Porque isso perturba as pessoas. Fazem disso uma piada. Temos hoje os físicos mais brilhantes do mundo repetindo, tão claramente quanto os físicos conseguem, que deve haver vida lá fora. E outras pessoas também, e quero dizer pessoas estúpidas, principalmente... você sabe, pessoas que acreditam em astrologia, o tipo de pessoa cujos ancestrais costumavam procurar presságios na bosta do boi. Mas não apenas elas, outras também, aquelas que deveriam saber muito mais; você vê essas pessoas dizendo que os alienígenas são obviamente inventados porque *A Guerra dos Mundos* foi inventada e *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* foi inventado e, embora gostem dessas coisas, de certa forma criam o preconceito em suas mentes de que alienígenas só podem ser curtidos como *ficção.* Porque, se

acreditarem neles de fato, estarão dizendo aquilo que todo avanço científico impopular da história já disse.

– Que é...?

– Que os seres humanos não são o centro de tudo. Por exemplo, o nosso planeta gira em torno do sol.

Isso era uma piada nos anos 1500, mas Copérnico não era um comediante. Aparentemente, ele foi o homem menos engraçado de toda a Renascença. Ele fazia Rafael parecer o Richard Pryor. Mas ele estava dizendo a droga da verdade. O planeta *gira* em torno do sol. Mas isso era *lá fora.* Claro, ele garantiu que isso só fosse publicado depois da sua morte. Deixando para Galileu as implicações com a Inquisição.

– Certo – eu disse. – Sim.

Enquanto eu o escutava, percebi uma dor principiando por trás dos olhos, ficando cada vez mais aguda. Minha visão periférica estava borrada de violeta.

– Ah, e os animais têm sistema nervoso – Ari continuou, entre goles de café. – E sentem dor. Isso incomodou muita gente na ocasião. E algumas pessoas ainda não querem acreditar que o mundo é tão velho quanto realmente é porque isso significaria aceitar a verdade de que os humanos, na medida de tempo da formação da Terra, estariam aqui há menos de um minuto. Não passamos de uma mijada na madrugada, é tudo o que somos.

– Certo – disse, massageando as pálpebras.

– O registro da história só dura até a descarga ser apertada. E agora que sabemos que não temos livre-arbítrio, as pessoas também estão furiosas com isso. Assim, se e quando descobrirem alienígenas, elas ficarão realmente incomodadas, porque então teremos de reconhecer, de uma vez por todas, que não há nada de único ou especial em relação a nós. – Ele suspirou e

olhou fixamente para o interior do saco de salgadinhos vazio. – Assim, eu vejo por que é fácil para adolescentes com punhos e imaginação hiperativos descartar a vida extraterrestre como se fosse piada.

– O que aconteceria – perguntei a ele – se um alienígena real fosse encontrado na Terra?

– O que você acha que aconteceria?

– Não sei. É por isso que estou perguntando para você.

– Eu acho que, se eles têm cérebro para chegar até aqui, devem ter cérebro para não revelar que são alienígenas. Talvez já tenham estado aqui. Podem ter chegado em coisas que não se parecem nada com as naves espaciais de ficção científica. Podem nem ter OVNIs e não haver voo envolvido no transporte e nenhum objeto que possa falhar para identificá-los. Quem diabos sabe alguma coisa? Talvez eles sejam apenas NI.

Eu me endireitei na cadeira.

– O quê?

– NI. Como em: OV. Não identificados. Apenas *não identificados*.

– Certo. E se, de algum modo, eles fossem identificados. Se “eu” fosse um deles. O que aconteceria se os humanos soubessem que existe um alienígena vivendo entre eles?

Depois de perguntar isso, por todo o café apareceram filetes violeta no ar, que ninguém parecia perceber.

Ari terminou o finalzinho do seu café e pensou um pouco. Coçou o rosto com seus dedos carnudos.

– Bem, veja desse modo, eu não gostaria de ser esse pobre infeliz.

– Ari – eu disse. – Eu sou esse...

Pobre infeliz era o que eu ia dizer. Mas não disse, porque nesse exato instante surgiu um barulho dentro da minha cabeça. Era um som da mais alta frequência possível e extremamente alto. Junto a ele, e equiparando-se em intensidade, havia aquela dor por trás dos olhos, que piorara muito. Era a dor mais excruciante que eu já experimentara, uma dor sobre a qual eu não tinha controle.

Querer que ela não estivesse lá não era a mesma coisa que ela não estar lá, e isso me confundia, e eu não conseguia pensar no que teria de ser feito se tivesse capacidade de pensar em algo além da dor. E

continuei pensando na dor, e no som, e na cor violeta. Mas aquele calor agudo e latejante pressionando por trás dos meus olhos era demais.

– Ei, amigo, o que foi?

A essa altura eu segurava a cabeça, tentando fechar os olhos, mas eles não queriam se fechar.

Olhei para o rosto barbado de Ari, depois para outras pessoas no café, e para a moça de óculos que estava atrás do balcão. Alguma coisa estava acontecendo com eles e com o lugar inteiro. Tudo estava se dissolvendo em uma cor violeta intensa e variada, uma cor mais familiar para mim do que qualquer outra.

– Os anfitriões – eu disse, em voz alta, e quase simultaneamente a dor aumentou ainda mais. – Parem, parem, parem.

– Cara, eu vou chamar uma ambulância – ele disse porque eu já estava caído no chão.

Um mar violeta espiralando.

– Não.

Lutei contra aquilo e fiquei em pé.

A dor diminuiu.

O som alarmante tornou-se um murmúrio baixo.

A cor violeta empalideceu.

– Não foi nada – eu disse.

Ari riu nervoso.

– Não sou especialista, mas sinceramente isso me pareceu algo.

– Foi apenas uma dor de cabeça. Uma dor passageira. Irei ao médico para ver o que é.

– Você deve ir, sem dúvida.

– Sim, eu vou.

Eu me sentei. Restou uma dorzinha, como um lembrete, por algum tempo, juntamente com filamentos etéreos no ar que só eu conseguia enxergar.

– Você ia dizer alguma coisa. Sobre outra vida.

– Não – eu disse tranquilamente.

– Mas claro que ia, cara.

– Certo. Acho que esqueci o que ia dizer.

Depois disso, a dor desapareceu por completo, e o ar perdeu o último vestígio de violeta.

A possibilidade de dor

Não mencionei nada a Isobel ou a Gulliver. Sabia que seria imprudente, porque a dor tinha sido um aviso. Além disso, mesmo se quisesse não teria contado a ela porque Gulliver tinha chegado em casa com um olho roxo. Quando a pele de um humano se machuca, ela assume várias cores. Cinza, tons de marrom, de azul, de verde. Entre eles, um violeta estranho. Um tom de violeta lindo, petrificante.

– Gulliver, o que aconteceu? – A mãe lhe fez esta pergunta várias vezes naquela noite, mas não conseguiu uma resposta satisfatória.

Ele foi até a despensa que ficava atrás da cozinha e fechou a porta.

– Por favor, Gull, saia daí – a mãe lhe disse. – Precisamos conversar.

– Gulliver, saia daí – acrescentei.

Finalmente ele abriu a porta.

– Quero ficar *sozinho.*

Aquele “sozinho” foi dito com tanta força e dureza que Isobel decidiu que era melhor satisfazer a sua vontade,

então ficamos embaixo enquanto ele se arrastava escada acima até seu quarto.

– Amanhã vou precisar telefonar para a escola para falar sobre isso.

Eu não disse nada. Depois, é claro, percebi que isso tinha sido um erro. Eu deveria ter quebrado a promessa que fizera a Gulliver e contado a ela que o filho não tinha ido à escola. Mas não fiz isso porque não era meu dever. Eu tinha um dever, mas não com os humanos. Mesmo com aqueles. Principalmente com aqueles. E era um dever que eu já estava deixando de cumprir, como o aviso da tarde no café tinha deixado claro para mim.

Newton, porém, tinha um senso de dever diferente e subiu três lances de escada para ficar com Gulliver. Isobel não sabia o que fazer, então abriu algumas portas dos armários da cozinha, olhou lá dentro, suspirou, depois fechou.

– Escute – eu me vi dizendo –, ele vai ter de encontrar seu próprio caminho e cometer seus próprios erros.

– Precisamos descobrir quem fez isso nele, Andrew. É isso que precisamos fazer. As pessoas não podem simplesmente sair por aí cometendo violências. Não podem fazer isso. Sob que código ético você vive para ficar tão indiferente?

O que eu poderia dizer?

– Desculpe, não sou indiferente. É claro que me preocupo com ele.

E o mais terrível, o fato horroroso que eu tinha de encarar, era que eu estava falando a verdade. Eu

realmente me preocupava. O aviso tinha falhado. Na verdade, tinha resultado no efeito contrário.

É isso que começa a acontecer quando percebe que pode sentir dor sobre a qual não tem controle.

Torna-se vulnerável. Porque a possibilidade da dor está no lugar de onde o amor surge. E isso, para mim, era uma péssima notícia.

Telhados inclinados

(e outras formas de lidar com a chuva)

... e com o sono, dizem, terminamos

o pesar do coração e os inúmeros naturais conflitos

que constituem a herança de carne?

– William Shakespeare, *Hamlet*

Eu não conseguia dormir.

É claro que não conseguia. Eu tinha todo um universo com que me preocupar.

E continuei pensando sobre a dor, o som e a cor violeta.

Ainda por cima, chovia.

Decidi deixar Isobel na cama e ir conversar com Newton. Desci lentamente as escadas, com as mãos tapando os ouvidos, na tentativa de abafar o ruído daquela nuvem de água batendo contra as janelas. Para minha decepção, Newton estava roncando em sua cama.

Na volta escada acima notei algo mais. O ar estava mais frio do que deveria, e a friagem vinha de cima e não de baixo. Isso ia contra a ordem das coisas. Pensei sobre o olho roxo dele, e pensei no que havia acontecido antes.

Subi até o sótão e percebi que tudo estava exatamente como deveria estar. O computador, os pôsteres de Dark Matter, a série aleatória de meias – tudo, exceto o próprio Gulliver.

Um pedaço de papel flutuou na minha direção, levado pelo vento que entrava pela janela aberta. Nele, duas palavras.

Sinto muito.

Olhei para a janela. Lá fora estavam a noite e as trêmulas estrelas dessa galáxia tão estranha e ao mesmo tempo tão familiar.

Em algum lugar por trás desse céu estava meu lar. Percebi naquele momento que poderia voltar para lá se quisesse. Poderia concluir minha tarefa e voltar para meu mundo sem dor. A janela era inclinada paralelamente ao telhado, que, como muitos telhados ali, era projetado para fazer a chuva escorrer. Para mim era suficientemente fácil pular para fora, mas para Gulliver devia ter custado um esforço muito grande.

A dificuldade, no meu caso, era a chuva.

Incessante.

De encharcar a pele.

Eu o vi sentado no beiral, perto da calha, com os joelhos apertados contra o peito. Parecia estar com frio e com

pouca roupa. Olhando-o ali, eu não estava vendo uma entidade especial, uma coleção exótica de prótons, elétrons e nêutrons, mas via uma – usando o termo humano – *pessoa*. E me senti, não sei como, *ligado* a ele. Não no sentido quântico em que tudo estava ligado a tudo o mais, e em que cada átomo falava e negociava com todos os outros átomos. Não. Isso era em outro plano. Um plano muito, muito mais difícil de entender.

Será que consigo acabar com a vida dele?

Comecei a andar em sua direção. Não era nada fácil, por causa dos pés humanos, um ângulo de 45

graus e a ardósia molhada – quartzo e moscovita polidos – sobre os quais eu me apoiava.

Quando eu estava chegando perto, ele virou e me viu.

– O que está fazendo? – ele perguntou.

Estava assustado. Essa foi a coisa principal que eu notei.

– Era isso mesmo que eu ia lhe perguntar.

– Pai, vá embora.

O que ele estava dizendo fazia sentido. Quero dizer, eu podia apenas tê-lo deixado ali. Podia escapar da chuva, a sensação terrível daquela água caindo sobre a minha pele não vascularizada, e entrar. Foi então que tive de encarar o que eu realmente estava fazendo lá fora.

– Não – eu disse, para minha própria confusão. – Não vou fazer isso. Não vou embora.

Escorreguei um pouco. Uma ardósia se desprendeu, deslizou, caiu e se espatifou no chão. O barulho acordou Newton, que começou a latir.

Gulliver arregalou os olhos, depois jogou a cabeça para a frente. Todo o seu corpo parecia tomado por tremores nervosos.

– Não faça isso – eu disse.

Ele derrubou alguma coisa que foi parar na calha. O pequeno cilindro de plástico que antes contivera 28 comprimidos de diazepam. Agora, vazio.

Cheguei mais perto. Eu tinha lido literatura humana o suficiente para perceber que o suicídio era uma opção real na Terra. Mais uma vez fiquei imaginando por que isso deveria me aborrecer.

Eu estava ficando louco.

Perdendo minha racionalidade.

Se Gulliver queria se matar, então, logicamente, isso resolveria um grande problema. Bastava eu me afastar e deixar acontecer.

– Gulliver, me escute. Não pule. Pode acreditar, aqui não é suficientemente alto para garantir que vá conseguir se matar.

Isso era verdade, mas, até onde eu conseguia calcular, ainda haveria uma boa chance de ele cair e morrer com o impacto. Situação em que eu não poderia fazer nada por ele. Ferimentos sempre podem ser curados. Morte significava morte. Um zero ao quadrado continuava sendo um zero.

– Eu me lembro de que estava nadando com você – ele disse –, quando tinha 8 anos. Estávamos na França. Você se lembra daquela noite em que me ensinou a jogar dominó?

Ele olhou para mim, desejando enxergar uma identificação que eu não podia lhe dar. Era difícil ver seu olho machucado àquela luz; havia tanta escuridão em volta do seu rosto que ele poderia estar todo machucado.

– Sim – eu disse. – É claro que me lembro disso.

– Mentira! Você não se lembra.

– Escute, Gulliver, vamos entrar. Vamos conversar lá dentro. Se depois ainda quiser se matar, eu levo você até um prédio mais alto.

Gulliver não parecia estar escutando, enquanto eu continuava a caminhar na direção dele pisando na ardósia escorregadia.

– Esta é minha última recordação boa – ele disse, e me pareceu sincero.

– Vamos lá, isso não é verdade.

– Você tem ideia do que é ser seu filho?

– Não, não tenho.

Ele apontou para o próprio olho.

– É isso. É assim.

– Gulliver, eu sinto muito.

– Sabe como é se sentir um idiota o tempo todo?

– Você não é idiota.

Eu continuava em pé. Um humano avançaria sentado, mas isso poderia levar tempo demais. Então prossegui em passos vacilantes sobre a ardósia, inclinando um pouco para trás, numa negociação contínua com a gravidade.

– Sou idiota. Não sou nada.

– Não, Gulliver, você é alguém. Você é...

Ele não estava escutando.

Ele estava tomado pelo diazepam.

– Quantos comprimidos você tomou? – perguntei. – Todos?

Eu estava bem perto dele, quase podia alcançar seus ombros, enquanto seus olhos se fechavam e ele adormecia, ou rezava.

Outra ardósia se soltou. Escorreguei de lado, deslizando o pé no telhado úmido e derrapante, até que fiquei suspenso, agarrado à calha. Eu poderia ter voltado com facilidade. Não era esse o problema. O

problema é que Gulliver agora estava se inclinando para a frente.

– Gulliver, espere! Acorde! Acorde, Gulliver!

A inclinação ganhou impulso.

– Não!

Ele caiu, e eu com ele. Primeiro, internamente, uma espécie de queda emocional, um uivo silencioso para dentro do abismo, e depois fisicamente. Despenquei no ar com uma velocidade assustadora.

Quebrei as pernas.

Porque quis. Melhor que as pernas sofressem a dor do que a cabeça, afinal eu precisava da cabeça.

Mas a dor foi imensa. Por um instante, tive medo de que elas não se recuperassem, e foi só a visão de Gulliver estendido totalmente inconsciente no gramado a alguns metros que me devolveu o foco. Escorria sangue da sua orelha. Para curá-lo, eu sabia que precisava antes de tudo me curar. E foi o que aconteceu.

Querer era o suficiente, se desejasse isso com todas as forças e com o tipo certo de inteligência.

Só que a regeneração celular e a reconstrução óssea consumiam muita energia, especialmente porque eu estava perdendo muito sangue e tinha fraturas múltiplas. Mas a dor foi diminuindo enquanto um cansaço estranho tomava conta de mim e a gravidade tentava me segurar no chão. Minha cabeça doía não pela queda, mas pelo esforço que envolvia a restauração física.

Eu me levantei cambaleando. Tentava ir até onde Gulliver estava, o chão plano agora inclinando-se mais do que o telhado.

– Gulliver. Por favor, me responda. Está me ouvindo? Gulliver?

Eu podia pedir ajuda, sabia disso. Mas ajuda implicava uma ambulância e o hospital. Ajuda significava humanos

debatendo-se na escuridão da sua própria ignorância. Ajuda traria demora e a morte que eu supostamente deveria aprovar, mas que não conseguia.

– Gulliver?

Ele não tinha pulso. Estava morto. Eu havia chegado com segundos de atraso. Já conseguia sentir uma queda mínima na temperatura do corpo dele.

Racionalmente, deveria ter me conformado com o fato.

Ainda assim.

Tinha lido grande parte dos livros de Isobel, por isso sabia que a história da humanidade estava repleta de pessoas que lutaram contra dificuldades. Algumas foram bem-sucedidas, outras fracassaram, mas isso não as deteve. O que quer que se diga sobre esses primatas específicos, eles conseguiam ser *determinados*. E tinham esperança. Ah, sim, eles tinham esperança.

E muitas vezes a esperança era irracional. Não tinha sentido. Se tivesse sentido, bem, seria chamada de *sentido.* Outra coisa sobre a esperança é que ela exigia esforço, e eu não estava acostumado a me esforçar. Em casa, no meu mundo, nada exigia esforço. Esse era o objetivo da casa, o conforto de uma existência perfeita sem esforço. Entretanto ali estava eu... tendo esperança. Não que estivesse lá passivamente, apenas desejando que ele melhorasse a distância. Claro que não. Coloquei minha mão esquerda – a mão do dom – sobre seu coração e comecei a trabalhar.

A coisa com asas

Era exaustivo.

Pensei em estrelas binárias. Uma gigante vermelha e uma anã branca, lado a lado, a força vital de uma sendo sugada para dentro da outra.

A morte dele era um fato que eu estava convencido de que poderia refutar, ou *dissuadir.*

Mas a morte não era uma anã branca. Era algo muito além disso. Era um buraco negro. E quando se atingia o ponto de não retorno, ficava-se num território muito difícil.

Você não está morto. Gulliver, você não está morto.

Eu persistia porque sabia o que era a vida, compreendia sua natureza, seu caráter, sua teimosa insistência.

A vida, principalmente a vida humana, era um ato de desafio. Nunca deveria ter existido, e entretanto se espalhava por um número incrível de lugares em uma quantidade quase infinita de sistemas solares.

Não existia uma coisa impossível. Eu sabia disso porque também sabia que tudo era impossível, portanto as únicas possibilidades na vida eram impossibilidades.

Uma cadeira podia deixar de ser uma cadeira a qualquer momento. Isso era física quântica. E era possível manipular átomos se soubesse falar com eles.

Você não está morto, você não está morto.

Eu me sentia péssimo. Ondas profundas de esforço doloroso me queimavam os ossos como labaredas solares. O rosto dele, percebi pela primeira vez, era parecido com o da mãe. Sereno, frágil, especial.

Uma luz se acendeu na casa. Isobel devia ter acordado, provavelmente com os latidos de Newton, mas eu não tinha consciência disso. Só sabia que Gulliver de repente se iluminara e, em seguida, senti um batimento mínimo sob a minha mão.

Esperança.

– Gulliver, Gulliver, Gulliver...

Outro batimento.

Mais forte.

O batuque desafiador da vida. Uma batida de fundo esperando pela melodia.

Duu-dum.

E novamente, e outra vez, e mais uma vez.

Ele estava vivo. Seus lábios se contorceram, seus olhos machucados moviam-se como ovos prestes a romper. Um deles se abriu. O outro também. Na Terra, o que importava eram os olhos. Via-se a pessoa e a vida dentro dela, olhando seus olhos. E eu o vi, esse garoto confuso e sensível, e senti, por um segundo,

o milagre exaustivo de ser pai. Era um momento digno de ser saboreado, mas não foi. Senti-me engolfado pela dor e pela cor violeta.

Eu sentia como se fosse desmaiar sobre o gramado úmido e brilhante.

Percebi passos atrás de mim. E foi a última coisa que ouvi antes que a escuridão chegasse para reclamar sua

presa, juntamente com a lembrança poética, como se Emily Dickinson timidamente viesse até mim por meio da cor violeta e sussurrasse na minha orelha.

Esperança é a coisa com asas

Que se empoleira na alma

E canta um som sem palavras

E nunca, mas nunca, para.

O Paraíso é um lugar onde nada acontece

Eu estava de volta a minha casa, Vonadoria, e tudo continuava exatamente como sempre havia sido. Eu estava como sempre estivera, entre eles, sem sentir dor nem medo.

Nosso belo mundo sem guerra, onde eu poderia me deleitar com a mais pura matemática por toda a eternidade.

Qualquer humano que chegasse ali, com olhos fascinados por nossas paisagens violeta, poderia muito bem pensar que havia entrado no Paraíso.

Mas o que acontecia no Paraíso?

O que se fazia lá?

Depois de algum tempo, não ansiaria por falhas? Amor e paixão e desentendimentos, e talvez um pouco de violência para dar mais emoção? A luz não precisava da sombra? Não precisava? Talvez não.

Talvez eu estivesse perdendo o essencial. Talvez o essencial fosse existir na ausência da dor. Sim, existir na

ausência da dor. Sim, talvez esse fosse o único objetivo necessário na vida. E certamente teria sido, mas e se eu nunca tivesse necessitado desse objetivo por ter nascido depois de essa meta ter sido alcançada? Eu era mais novo do que os anfitriões. Eu não compartilhava dessa visão de como eu era feliz. Agora, não mais. Nem mesmo em sonho.

Entre um estado e outro

Acordei.

Na Terra.

Mas tão fraco que estava voltando ao meu estado original. Já ouvira falar disso. Na verdade, eu tinha engolido uma cápsula informando a respeito. Em vez de deixar que morresse, seu corpo voltava ao estado original, porque o volume extra de energia usado para ser outra pessoa seria mais bem usado preservando sua vida. E era para isso que serviam todos os dons. Autopreservação. A proteção da eternidade.

O que era bom, em teoria. Teoricamente era uma excelente ideia, o único problema era que eu estava na Terra, e meu estado original não estava equipado para enfrentar o ar do planeta, nem a gravidade, nem o contato cara a cara. Não queria que Isobel me visse. Isso não podia acontecer.

Assim, logo que senti meus átomos formigarem, se aquecerem e se transformarem, disse a Isobel para fazer o que ela já estava fazendo: cuidar de Gulliver.

Conforme ela se agachou, de costas para mim, eu me pus sobre os pés, que a essa altura eram

reconhecivelmente humanos, depois me desloquei – a meio caminho entre duas formas contrastantes –

para a parte de trás do jardim. Felizmente o jardim era grande e escuro, com muitas flores, arbustos e árvores para me esconder. E foi o que eu fiz. Fiquei entre lindas flores. E vi Isobel olhando em torno, mesmo quando estava ligando para pedir uma ambulância para Gulliver.

– Andrew! – ela disse, quando Gulliver ficou em pé.

Ela até percorreu o jardim me procurando. Mas fiquei bem quieto.

– Onde você se meteu?

Meus pulmões começaram a arder. Eu precisava de mais nitrogênio.

Bastaria apenas uma palavra na minha língua nativa – *casa* –, aquela que os anfitriões estavam preparados para ouvir, e eu voltaria para lá. Então, por que eu não a pronunciei? Por não ter concluído minha tarefa? Não, não era por isso. Eu nunca iria terminar o que fora fazer, foi a lição que aprendi nessa noite. Então, por quê? Por que estava optando pelo risco e pela dor em vez do contrário? O que tinha acontecido comigo? O que dera errado?

Newton vasculhava o jardim, farejando as plantas e as flores até que sentiu minha presença. Pensei que ele ia latir e chamar atenção, mas ele não fez nada. Apenas ficou me olhando, os olhos brilhando, e parecendo saber exatamente quem estava ali, atrás dos arbustos de zimbro, mas permaneceu quieto.

Era um grande cachorro.

E eu o amava.

Não consigo fazer isso.

Nós sabemos.

De qualquer modo, não tem sentido fazer isso.

Tem todo sentido.

Não acredito que Isobel e Gulliver devam ser atingidos.

E nós acreditamos que você tenha sido corrompido.

Não fui, apenas adquiri mais conhecimento. Foi só isso que aconteceu.

Não, você foi contaminado por eles.

Contaminado? Contaminado? Com o quê?

Com emoção.

Não, não fui. Isso não é verdade.

É verdade.

Escutem, as emoções têm uma lógica. Sem emoções, os humanos não cuidariam uns dos outros, e se não cuidassem uns dos outros a espécie teria se extinguido. Cuidar uns dos outros é autopreservação.

Você cuida de alguém e alguém cuida de você.

Você está falando como um deles. E você não é humano, é um de nós. Nós somos um.

Sei que não sou humano.

Achamos que você precisa voltar para casa.

Não.

Você precisa voltar para casa.

Nunca tive uma família.

Nós somos sua família.

Isso não é a mesma coisa.

Queremos você aqui.

É preciso que eu peça para ir para casa, e não vou fazer isso. Vocês podem interferir na minha mente, mas não podem controlá-la.

Veremos.

Duas semanas na Dordonha e uma caixa de dominós

No dia seguinte estávamos na sala. Eu e Isobel. Newton estava lá em cima, com Gulliver, que dormia.

Nós o tínhamos vigiado, e agora Newton continuava lá, de guarda.

– Como é que você está? – perguntou Isobel.

– Não era a morte – eu disse. – E me agarrei a isso.

– Você salvou a vida dele – Isobel disse.

– Não acho. Nem usei manobras de ressuscitação. O médico disse que os ferimentos dele não são graves.

– Não me interessa o que o médico disse. Ele pulou do telhado. Poderia ter morrido. Por que você não me chamou?

– Eu chamei.

Era mentira, é claro, mas tudo aquilo era uma mentira. A crença de que eu era o seu marido, era tudo ficção.

– Chamei, mesmo.

– Você poderia ter morrido.

(Tenho que admitir que os humanos perdem muito tempo – quase todo ele – com coisas hipotéticas. Eu poderia ser rico. Poderia ser famoso. Poderia ter sido atropelado pelo ônibus. Poderia ter nascido com menos verrugas e seios maiores. Poderia ter passado mais tempo da minha juventude estudando línguas.

Eles devem empregar mais o tempo condicional do que qualquer outra forma de vida conhecida.)

– Mas eu não morri, estou vivo. Vamos nos concentrar nisso.

– O que aconteceu com seus comprimidos? Eles estavam no armário.

– Joguei fora.

Outra mentira, é claro. O que não estava claro era a quem eu estava protegendo. Isobel? Gulliver? A mim mesmo?

– Por quê? Por que você os jogaria fora?

– Não achei uma boa ideia mantê-los por aí. Você me entende, com Gulliver assim, nesse estado.

– Mas era diazepam, era valium. Não se consegue uma overdose de valium, seriam necessários uns mil comprimidos.

– Não, eu sei.

Estava bebendo chá. Eu realmente gosto de chá. É bem melhor do que café. Ele reconforta.

Isobel balançou a cabeça. Ela também estava tomando chá. O chá parecia deixar as coisas melhores.

Era uma bebida quente feita com folhas e usada em momentos de crise como forma de restaurar a

normalidade.

– Sabe o que eles me disseram? – ela perguntou.

– Não. O que foi? O que é que eles disseram?

– Disseram que ele podia ficar aqui.

– Certo.

– Dependia de mim. Eu precisei dizer se achava que existia risco de ele tentar suicídio. Eu disse que haveria mais risco se ele fosse internado do que se ficasse aqui. Me disseram que, se ele tentar qualquer coisa desse tipo outra vez, então nós não teremos escolha. Gulliver será internado e ficará sob vigilância.

– Ah, *nós* o vigiaremos. Pode acreditar. Aquele hospital é cheio de gente louca. Pessoas que imaginam ser de outros planetas. Coisas desse tipo.

Ela deu um sorriso triste e soprou a superfície da bebida, que se agitou em ondulações marrons.

– Sim, sim. Teremos de fazer isso.

Tentei entender uma coisa.

– Foi por minha causa, não foi? A culpa foi minha por ter andado sem roupa naquele dia.

Alguma coisa nessa pergunta mudou o humor dela. O rosto de Isobel endureceu.

– Andrew, você realmente acha que foi por causa de um dia apenas? Por causa do seu colapso?

– Ah – eu disse, o que eu sabia que não se encaixava no contexto, mas não tinha outra coisa para dizer.

“Ah” era sempre a palavra em que me refugiava quando queria preencher espaços vazios. Era o chá verbal. O “ah” poderia ter sido realmente um “não”, porque eu não achava que tudo se resumia a um dia, mas a milhares de dias, na maioria dos quais eu não estivera ali para observar. Ainda assim, um “ah” era mais apropriado.

– Isso não tem a ver com um fato. Tem a ver com tudo. Obviamente não é só por sua culpa, mas você não foi um pai presente, foi, Andrew? Durante toda a vida dele, ou pelo menos desde que voltamos a Cambridge, você não esteve presente.

Eu me lembrei de algo que ele tinha me dito no telhado.

– E quanto à França?

– O quê?

– Eu o ensinei a jogar dominó. Nadei com ele na piscina. Na França. No país, França.

Ela franziu a testa confusa.

– França? O quê? A *Dordonha*? Duas semanas na Dordonha e uma maldita caixa de dominós. Este é o seu "Passe Livre da Prisão"? Isso é ser pai?

– Não. Não sei. Estava apenas dando um... um exemplo concreto de como ele era.

– Ele?

– Digo, eu. Como eu era.

– Você estava *presente* nas férias. Sim, você estava, a menos que fossem férias a trabalho. Tenha dó, lembre-se de Sydney! E Boston! E Seul! E Turim! E... e Düsseldorf!

– Ah, sim – eu disse, olhando para os livros que não lera como recordações não vividas. – Eu me lembro disso perfeitamente. É claro.

– Quase não víamos você, e quando o víamos, estava sempre completamente estressado com a palestra que ia dar ou com as pessoas com quem ia se encontrar. E todas as brigas que tínhamos. Que *tivemos* até você ficar doente. E melhorar. Por favor, Andrew, você sabe do que estou falando. Nada disso é novidade, não é?

– Não, de jeito nenhum. Então, no que mais eu fracassei?

– Você não *fracassou.* Não é uma tese acadêmica para ser consultada por seus pares. Não se trata de ter sucesso ou fracassar. É a nossa vida. Eu não estou

julgando você, estou apenas tentando dizer a verdade de modo objetivo.

– Eu só quero saber. Diga-me as coisas que fiz, ou deixei de fazer.

Ela brincou com o colar de prata.

– Ah, tenha dó, foi sempre a mesma coisa. Dos 2 aos 4 anos de idade, Gulliver nunca o viu em casa um dia sequer na hora do banho ou para lhe contar uma história na hora de dormir. Você ficava fora de si diante de qualquer coisa que interferisse com você e sua carreira. Ou, se algum dia eu chegava perto de mencionar que tinha sacrificado minha carreira por minha família, naquele tempo em que fiz sacrifícios *reais*, você nem sequer adiava um compromisso. Você acabava comigo.

– Eu sei. Me desculpe – eu disse, pensando no romance dela, *Um Horizonte mais Amplo*. – Tenho sido péssimo, eu sei. Acho que você ficaria melhor sem mim. Às vezes fico pensando que eu deveria ir embora e nunca mais voltar.

– Não seja infantil. Está parecendo mais novo que o Gulliver.

– Estou falando sério. Eu me comportei muito mal. Penso muitas vezes que eu deveria ter ido embora e nunca mais ter voltado. Nunca mais.

Isso mexeu com ela. Suas mãos continuavam nos quadris, mas o olhar perdera o brilho raivoso. Ela respirou fundo.

– Preciso de você aqui. Sabe que eu preciso de você.

– Por quê? Não contribuo com nada para o nosso relacionamento. Não entendo.

Ela apertou os olhos. Suspirou.

– Aquilo foi incrível.

– O quê?

– O que fez lá em cima, no telhado. Foi incrível.

E ela então fez a mais complexa expressão facial que eu já vira em um humano. Uma espécie de desprezo frustrado com um toque de simpatia, que lentamente foi cedendo espaço para uma abertura, culminando em perdão e alguma coisa que não consegui reconhecer completamente, mas que achei que pudesse ser amor.

– O que aconteceu com você? – ela disse num sussurro, nada além de um sopro.

– O quê? Nada. Não aconteceu nada comigo. Bem, um colapso mental. Mas já me recuperei. Além disso... nada. – Eu disse isso num tom brincalhão, tentando fazê-la sorrir.

Ela sorriu, mas logo a tristeza voltou. Ela olhou para cima, para o teto. Eu estava começando a entender aquele tipo de comunicação sem palavras.

– Vou falar com ele – eu disse, sentindo-me forte e autoritário. Como se fosse real. Como se fosse um humano. – Vou falar com ele.

– Você não precisa fazer isso.

– Eu sei – respondi.

E fiquei em pé, mais uma vez para ajudar quando se esperava que eu ferisse.

Rede social

Basicamente, a rede social na Terra era muito limitada. Diferente de Vonadoria, ali não existia tecnologia de sincronização cerebral, portanto os humanos não podiam se comunicar telepaticamente uns com os outros como parte de uma verdadeira mente coletiva. Nem podiam entrar no sonho alheio e dar uma volta, provando delícias imaginárias em paisagens lunares exóticas. Na Terra, a rede social em geral resumia-se a ficar sentado diante de um computador sem consciência, digitando palavras sobre a necessidade de um café e lendo sobre outras pessoas necessitando de café, enquanto todos se esqueciam de fazer o café. O que eles esperavam eram os noticiários. Onde as notícias poderiam se referir a eles.

No entanto, olhando o lado positivo, eu descobri que as redes computadorizadas dos humanos eram ridiculamente fáceis de hackear, já que todos os sistemas de segurança eram baseados em números primos. E assim hackeei o computador de Gulliver e mudei o nome de todas as pessoas que tinham praticado *bullying* com Gulliver no Facebook para “Sou Motivo de Vergonha”, e os bloqueei, impedindo que postassem qualquer coisa com a palavra “Gulliver”, e presenteei cada um com um vírus de computador, a que chamei de “A Mosca”, como o título de um poema adorável. O vírus garantia que as únicas mensagens que eles conseguiriam enviar seriam as que contivessem as palavras “Sou prejudicial, portanto eu prejudico”.

Em Vonadoria, eu nunca tinha feito nada tão vingativo. Nem tinha me sentido tão satisfeito.

A eternidade é feita de agoras

Fomos levar Newton para passear no parque. Parques eram o destino mais comum dos passeios caninos. Um pedaço de natureza – grama, flores, árvores – ao qual não se permitia ser verdadeiramente natural. Assim como os cães eram lobos frustrados, parques eram florestas frustradas. Os humanos amavam ambos, possivelmente porque os humanos são... bem... frustrados. As flores eram lindas. A flor, depois do amor, deve ter sido a melhor propaganda que o planeta Terra conseguiu fazer de si.

– Não faz sentido – Gulliver disse, enquanto nos sentávamos em um banco.

– O que é que não faz sentido?

Olhávamos Newton farejando as flores, mais animado do que nunca.

– Eu fiquei bem. Sem nenhuma lesão. Até meu olho roxo ficou melhor.

– Você teve sorte.

– Pai, antes de eu ir para o telhado, eu tomei 28 comprimidos de diazepam.

– Teria precisado de mais.

Ele olhou para mim, bravo por eu ter dito isso, como se eu o estivesse humilhando. Usando meu conhecimento contra ele.

– Foi sua mãe que me disse isso – acrescentei. – Eu não fazia a menor ideia.

– Eu não queria que você me salvasse.

– Não o salvei. Você só teve sorte. Mas eu realmente acho que você deveria ignorar sentimentos assim.

Esse foi apenas um momento da sua vida, você tem muitos dias mais para viver. Provavelmente uns vinte e quatro mil dias de vida a mais. São muitos momentos, e você poderia fazer coisas boas nesse período.

Poderia ler muita poesia.

– Você não gosta de poesia. É uma das poucas coisas que sei a seu respeito.

– É algo que estou cultivando... Ouça – eu disse –, não se mate. Nunca pense em se matar. É só este o meu conselho, não se mate.

Gulliver tirou alguma coisa do bolso e pôs na boca. Era um cigarro, que ele acendeu. Perguntei-lhe se eu poderia experimentar. Gulliver pareceu perturbado com isso, mas me passou o cigarro. Suguei o filtro e levei a fumaça até os pulmões. E tossi.

– Qual é a graça disso? – perguntei a Gulliver.

Ele deu de ombros.

– É uma substância viciante com uma taxa alta de mortalidade. Pensei que essa poderia ser a graça.

Devolvi o cigarro a Gulliver.

– Obrigado – ele murmurou ainda confuso.

– Não se preocupe com isso – eu disse. – Tudo bem.

Ele deu mais uma tragada e percebeu de repente que aquilo também não lhe dava nenhum prazer. Deu um piparote no cigarro, que voou fazendo um arco, aterrissando no gramado.

– Se quiser – eu disse –, podemos jogar dominó quando formos para casa. Comprei uma caixa hoje de manhã.

– Não, obrigado.

– Ou poderíamos ir para a Dordonha.

– O quê?

– Nadar.

Ele sacudiu a cabeça.

– Você está precisando de mais comprimidos.

– Sim, talvez. Você engoliu todos os meus. – Tentei rir, brincando, e arrisquei um pouco mais de humor da Terra. – Seu merdinha!

Ficamos em silêncio um bom tempo. Observávamos Newton farejando em volta de uma árvore. Duas vezes.

Um milhão de sóis implodiram. E então Gulliver se saiu com isso:

– Você não imagina o que é ser seu filho – ele disse. – Todas as expectativas criadas em torno de mim.

Meus professores leram seus livros, e eles olham para mim como se eu fosse uma maçã estragada que caiu

longe da árvore do grande Andrew Martin. Você sabe, o mauricinho que foi expulso do internato.

Aquele que põe fogo nas coisas e cujos pais desistiram dele. Não que eu esteja chateado com isso agora.

Mas mesmo nas férias você nunca estava por perto. Estava sempre em algum outro lugar. Ou criando um clima tenso e terrível para mamãe. Só merda. Vocês deveriam ter feito a coisa certa e se divorciado há muito tempo. Vocês nunca tiveram nada em comum.

Fiquei pensando a respeito de tudo isso e não sabia o que dizer. Os carros passavam na avenida atrás de nós. O som era muito melancólico, como o ronco baixo de um bazadeano dormindo.

– Como se chamava sua banda?

– The Lost – ele disse.

Uma folha caiu e pousou no meu colo. Estava morta e marrom. Peguei-a e, sem propósito, senti uma estranha empatia. Talvez porque agora eu sentisse empatia pelos humanos, também transferia esse sentimento para muitas coisas. Excesso de Emily Dickinson, esse era o problema. Ela estava me transformando em um humano. Mas não *naquele* humano. Senti uma dor chata na cabeça e um ligeiro peso nas pálpebras enquanto a folha ficava verde.

Joguei-a fora rapidamente, mas era tarde.

– O que foi que acabou de acontecer? – Gulliver perguntou, olhando a folha que flutuava carregada pela brisa.

Tentei ignorá-lo. Ele repetiu a pergunta.

– Não aconteceu nada com a folha – eu disse.

Ele se esqueceu da folha no momento em que viu duas adolescentes e um garoto da sua idade andando pela avenida que passava por trás do parque. As garotas riram cobrindo a boca com a mão quando nos viram. Percebi que, essencialmente, há duas grandes categorias de riso humano, e este não era do tipo bom.

O garoto era aquele que eu tinha visto na página do Facebook de Gulliver. Theo “O Negócio do Caralho” Clarke.

Gulliver se encolheu.

– São os Martin Marcianos! Suas aberrações!

Gulliver encolheu-se ainda mais no banco, morto de vergonha.

Eu me virei, avaliei a estrutura física de Theo e seu potencial dinâmico.

– Meu filho poderia derrubá-lo no chão – gritei. – Poderia achatar sua cara para lhe dar uma forma geométrica mais atraente.

– *Mas que droga, pai* – Gulliver disse –, o que é que você está fazendo? Foi ele que estourou a minha cara.

Olhei para ele. Era um buraco negro. A violência estava toda lá dentro. Já era hora de canalizá-la em outro sentido.

– Tenha dó – eu lhe disse –, você é um humano. Está na hora de agir como um.

Violência

– Não – disse Gulliver.

Mas era tarde demais. Theo estava cruzando a avenida.

– Ah, então você virou humorista agora? – ele disse enquanto vinha cheio de arrogância em nossa direção.

– Seria divertido pra caralho ver você perder para o foda do meu filho, se é essa a porra em que está pensando – eu disse.

– Ora, bem, meu pai é professor de *tae kwon do*. Ele me ensinou a lutar.

– Ótimo, o pai de Gulliver é matemático. Então ele ganha.

– Ah, então está certo.

– Você vai perder – eu disse ao garoto, e garanti que as palavras percorressem todo o caminho e ficassem lá, como pedras numa lagoa rasa.

Theo riu e pulou com uma facilidade perturbadora a mureta de pedra que rodeava o parque, com as garotas vindo logo atrás. O Theo não era tão alto quanto Gulliver, mas tinha uma estrutura física mais forte. Quase não tinha pescoço, e os olhos muito próximos um do outro quase o tornavam um ciclope. Ele andava para a frente e para trás no gramado diante de nós, fazendo aquecimento com golpes e chutes no ar.

Gulliver estava branco como leite.

– Gulliver – eu lhe disse –, você caiu de um telhado ontem. Este garoto não é uma queda de mais de doze metros. Ele não tem nada de especial. Nenhuma profundidade. Você sabe como ele vai lutar.

– Sim – disse Gulliver. – Ele vai lutar bem.

– Mas você, você tem o elemento surpresa do seu lado. Não tem medo de nada. Tudo o que tem de imaginar é que Theo simboliza tudo o que você sempre odiou. Ele sou eu. Ele é o tempo ruim. Ele é a alma primitiva da internet. Ele é a injustiça do destino. Eu estou pedindo, em outras palavras, para você lutar com ele como luta quando está dormindo. Perca tudo. Perca a vergonha e a consciência e bata nele.

Porque você consegue.

– Não – disse Gulliver –, eu não consigo.

Baixei minha voz e conjurei meus dons.

– Você pode. Ele tem os mesmos ingredientes bioquímicos que você, mas com menos atividade neural expressiva.

Percebi que Gulliver parecia confuso, então dei um tapinha no lado da minha cabeça e expliquei.

– Aqui, tudo se trata de oscilações.

Gulliver se levantou. Eu prendi a guia na coleira de Newton. Ele ganiu, sentindo o clima.

Fiquei olhando Gulliver andar pela grama. Nervoso, o corpo tenso, como se estivesse sendo arrastado por uma corda invisível.

As duas garotas estavam mastigando alguma coisa que não planejavam engolir e soltavam risinhos excitados. Theo também parecia eletrizado. Percebi que alguns humanos não apenas gostam de violência, anseiam por ela. E não por desejar a dor, mas porque já sentem dor e querem ser distraídos por algo que doa menos.

E então Theo atingiu Gulliver. E bateu de novo. As duas vezes no rosto, fazendo Gulliver cambalear para trás. Newton rosnava, querendo entrar na briga, mas segurei-o firme.

– Você é um merdinha de nada – disse Theo, levantando o pé no ar em direção ao peito de Gulliver, que agarrou a perna de Theo e o manteve suspenso por um instante, o tempo suficiente para parecer ridículo.

Gulliver olhou para mim em silêncio através do ar parado.

Theo caiu no chão, e Gulliver deixou-o ficar em pé antes de se pôr em posição e enlouquecer, dando socos como se tentasse livrar-se do próprio corpo, como se houvesse algo que pudesse ser sacudido para fora. E logo o outro garoto começou a sangrar e caiu de costas na grama, a cabeça momentaneamente caída para trás e se chocando com uma roseira. Ele se sentou, percorreu o rosto com os dedos e viu neles o sangue e olhou-o como se fosse uma mensagem que jamais esperara receber.

– Tudo bem, Gulliver – eu disse. – Vamos embora para casa.

Fui até onde Theo estava e me agachei.

– Você está acabado agora, entendeu?

Ele entendeu. As garotas estavam quietas, ainda mascando, mas com um ímpeto menor. No ritmo das vacas. Saímos do parque. Gulliver mal tinha um arranhão.

– Como está se sentindo?

– Eu machuquei o Theo.

– Sim. O que você sentiu com isso? Foi catártico?

Ele deu de ombros. Uma sombra de sorriso bailou em seus lábios. Assustava-me a forma como a violência estava próxima da superfície civilizada do ser humano. Não era a violência em si que me preocupava, era o esforço que as pessoas tinham de fazer para escondê-la. Um *homo sapiens* era um caçador primitivo que acordava diariamente sabendo que era capaz de matar. E agora o conhecimento equivalente era que acordaria diariamente e poderia comprar alguma coisa. Por isso era importante para Gulliver liberar quando estava acordado aquilo que ele só se permitia durante o sono.

– Pai, você não é você, é? – ele perguntou antes de voltarmos.

– Não – eu disse. – Na verdade, não.

Fiquei esperando outra pergunta, que não veio.

O gosto da pele dela

Eu não era Andrew. Eu era eles. Acordamos, e a luz do quarto estava coalhada de violeta, e embora minha cabeça não estivesse exatamente doendo, eu a sentia muito tensa, como se meu crânio fosse um punho e o

cérebro, uma barra de sabão sendo espremida dentro dele.

Tentei apagar a luz, mas não deu certo. A cor violeta ficou, alastrando-se e vazando pela realidade como tinta derramada.

– Vão embora – disse para os anfitriões. – *Vão embora.*

Mas eles tinham controle sobre mim. *Vocês.* Se estiverem lendo isto. *Vocês* têm um controle terrível.

Eu estava me perdendo, e sabia disso porque me virei na cama e pude ver Isobel no escuro, de costas para mim. Via as formas dela, meio escondidas sob o edredom. Minha mão tocou a parte de trás do seu pescoço. Não senti nada em relação a ela. *Nós* não sentimos nada em relação a ela. Nem mesmo a vimos como Isobel. Ela era apenas uma humana. Como para os humanos uma vaca, uma galinha ou um micróbio não passam de uma vaca, uma galinha ou um micróbio.

Ao tocarmos seu pescoço nu, obtivemos a leitura. Era só o que precisávamos. Ela dormia, e o que tínhamos a fazer era parar seu coração. Era realmente muito fácil. Movemos nossa mão ligeiramente para baixo, para sentir o batimento cardíaco através das costelas. O movimento da nossa mão acordou-a de leve, e ela se virou, sonolenta, e disse com o olhos ainda fechados:

– Eu amo você.

O “você” era só para mim, e era um chamado para aquele eu-Andrew que ela imaginava que eu fosse, e foi então que dei um jeito de derrotá-los, tornando-me eu e não nós, e o pensamento de que Isobel acabara de

escapar da morte por um triz me fez perceber a intensidade dos meus sentimentos por ela.

– O que aconteceu?

Eu não podia lhe contar, então a beijei. Beijar é o que os humanos fazem quando as palavras alcançaram um lugar de onde não podem escapar. É o gatilho para outra linguagem. O beijo foi um ato de desafio, talvez de guerra. *Vocês não podem nos tocar*, foi o que o beijo disse.

– Eu te amo – eu lhe disse, e enquanto cheirava sua pele sabia que jamais desejara alguém ou alguma coisa mais do que a queria, mas o desejo por ela agora era aterrorizante. E eu precisava deixar isso bem claro.

– Eu te amo, te amo, te amo.

Depois disso, depois da estranha manobra de despir até a última camada de roupa, as palavras retornaram aos sons que eram. Fizemos sexo. Um entrelaçamento feliz de pernas e braços quentes e de um amor mais quente ainda. Um mergulho físico e psicológico que evocava uma espécie de luz interior, uma

fosforescência bioemocional, esmagadora em seu deslumbramento. Fiquei imaginando por que os humanos não se orgulhavam ainda mais disso. Dessa mágica. Já que eles precisavam ter bandeiras, eu me perguntava por que não optavam por uma com uma figura de sexo.

Depois, eu a abracei, e ela me abraçou, beijei-lhe a testa delicadamente, como se fosse o vento roçando na janela.

Isobel adormeceu.

Fiquei olhando para ela no escuro. Queria protegê-la e mantê-la a salvo. Então saí da cama.

Eu precisava fazer uma coisa.

Vou ficar aqui.

Você não pode. Seus dons não foram feitos para esse planeta. Os humanos vão começar a suspeitar.

Tudo bem, quero ser desconectado.

Não podemos permitir isso.

Podem, sim. Têm de fazer isso. Os dons não são compulsórios, essa é a questão. Não posso deixar minha mente sofrer interferência.

Não somos os únicos a interferir na sua mente. Estamos tentando restaurá-la.

Isobel não sabe nada a respeito da prova da hipótese. Ela não sabe. Vocês têm de deixá-la em paz. A mim também. Por favor. Não vai acontecer nada.

Você não quer a imortalidade? Não quer a oportunidade de voltar para casa ou visitar qualquer lugar do universo além do planeta solitário em que vive agora?

É isso mesmo.

Não deseja mais poder assumir outras formas? Ou voltar ao seu estado original?

Não. Eu quero ser humano, ou tão humano quanto seja possível para alguém como eu.

Ninguém jamais na nossa história pediu para perder os dons.

Bem, o fato é que vocês precisam se atualizar.

Você percebe o que isso significa?

Sim.

Vai ficar preso em um corpo que não consegue se regenerar. Vai envelhecer. Vai ficar doente.

Sentirá dor, e saberá que – ao contrário do resto da espécie ignorante à qual quer pertencer – foi você que escolheu esse sofrimento, foi você que o infligiu a si mesmo.

Sim, eu sei disso.

Muito bem. Você conseguiu a punição máxima. E não deixa de ser uma punição pelo fato de você tê-

la pedido. Agora você está desconectado. Os dons se foram e você é humano. Se disser que é de outro planeta, jamais poderá provar. Vão achar que é louco. E para nós não faz diferença, é fácil substituí-

lo.

Vocês não vão me substituir. É um desperdício de recursos. Não existe nenhuma razão para esta missão. Alô? Estão me ouvindo? Conseguem me ouvir? Alô? Alô? Alô?

O ritmo da vida

O amor é tudo para os humanos, mas eles não o entendem. Se o entendessem, ele desapareceria.

Tudo o que sei é que é assustador. E os humanos têm muito medo dele, e é por isso que eles têm programas de televisão, para se distrair e pensar em outras coisas.

O amor provoca medo porque o suga com uma força intensa, um buraco negro supermassivo que não parece nada visto de fora, mas, quando se está dentro, ele desafia qualquer coisa ditada pela razão. A pessoa se perde, como eu me perdi, na mais cálida aniquilação.

Ele o obriga a fazer coisas idiotas – coisas que desafiam toda a lógica. Optar pela angústia no lugar da calma, pela mortalidade em vez da eternidade, e pela Terra e não por sua própria casa.

Acordei me sentindo péssimo. Meus olhos coçavam com o cansaço. Minhas costas estavam enrijecidas. Meu joelho doía e eu ouvia um zumbido fino e constante. Barulhos que pertenciam às entranhas do planeta brotavam do meu estômago. Resumindo, o que eu sentia era a decadência.

Ou seja, me sentia humano. Eu me senti com 43 anos. E agora que tinha decidido ficar, estava cheio de ansiedade.

Essa ansiedade não se referia apenas ao meu destino físico. Era a compreensão de que em algum momento futuro os anfitriões iriam mandar alguém mais. E o que eu poderia fazer, agora que não tinha mais dons do que a média da humanidade?

No começo, foi uma preocupação, mas aos poucos ela foi se desvanecendo à medida que o tempo passava e nada acontecia. Preocupações menores começaram a ocupar minha mente. Por exemplo, eu seria capaz de lidar com essa vida? O que a princípio parecera exótico começava

a se tornar monótono conforme as coisas foram entrando no ritmo arquetípico humano: lavar-se, tomar café, verificar os *e-mails* e as notícias na internet, trabalhar, almoçar, trabalhar, jantar, conversar, ver televisão, ler um livro, ir para a cama, fingir que está dormindo, então realmente adormecer.

Tendo pertencido a uma espécie que só conhecia um dia, no começo foi algo muito excitante ter algum tipo de ritmo, mas agora eu estava preso ali para sempre e começava a me ressentir da falta de imaginação dos humanos. Acreditava que eles deveriam ter tentado acrescentar um pouco mais de variedade aos procedimentos. O que quero dizer é que a principal desculpa dessa espécie para não fazer alguma coisa era "se ao menos eu tivesse mais tempo". Perfeitamente válida, até eu perceber que eles *tinham* mais tempo. Não a eternidade, certo, mas tinham o amanhã. E o dia depois de amanhã. E o dia depois de depois de amanhã. Na verdade, eu precisaria escrever "o dia depois" trinta mil vezes antes do

"amanhã" final para ilustrar a quantidade de tempo de que um humano dispõe.

O problema por trás da falta de realização do humano era uma carência não exatamente de tempo, mas de imaginação. Acharam um dia que funcionava para eles e se apegaram a isso, e o repetiam, pelo menos entre segunda-feira e sexta-feira. Mesmo que não funcionasse – o que normalmente era o caso –, os humanos se prendiam a isso de qualquer maneira. Mudavam um pouco as coisas e tinham atividades um pouco mais divertidas no sábado e no domingo.

Uma proposta inicial que desejava apresentar a eles era inverter as coisas. Por exemplo, cinco dias de diversão e dois de não diversão. Desse modo – me chame de gênio matemático –, eles se divertiriam mais. Entretanto, no pé em que as coisas estavam, eles não tinham nem mesmo dois dias divertidos.

Tinham apenas o sábado, porque a segunda-feira era um pouco perto demais do domingo para que este fosse aproveitado, como se segunda fosse uma estrela em colapso, com um empuxo gravitacional excessivo. Em outras palavras, um sétimo dos dias humanos funcionava muito bem. Os outros seis não eram muito bons, e cinco deles mais ou menos se repetiam.

A dificuldade real, para mim, eram as manhãs.

As manhãs eram difíceis na Terra. Eu acordava mais cansado do que quando tinha ido dormir. Minhas costas doíam. Meu pescoço doía. Sentia o peito apertado pela ansiedade provocada pelo fato de ser mortal. E, acima de tudo, era preciso fazer muitas coisas antes mesmo que o dia começasse. O problema principal eram os preparativos para ficar apresentável.

O humano, de forma geral, precisa fazer o seguinte: sair da cama, suspirar, espreguiçar, ir ao banheiro, tomar uma chuveirada, lavar o cabelo, passar o condicionador, lavar o rosto, fazer a barba, passar desodorante, escovar os dentes (*com flúor*), secar o cabelo, escovar o cabelo, passar creme no rosto, maquiar-se, examinar-se diante do espelho, escolher as roupas de acordo com o tempo e a ocasião, vestir as roupas, examinar-se de novo na frente do espelho – e isso tudo acontece antes do café da manhã. É de espantar que eles levantem da cama. Mas

eles fazem isso, repetidamente, milhares de vezes cada um. E

não somente isso, eles fazem tudo sozinhos, sem tecnologia para ajudá-los. Talvez uma pequena atividade elétrica nos secadores de cabelo, mas nada além disso. E tudo para reduzir o cheiro do corpo, do cabelo, do hálito e a vergonha.

Adolescentes

Outra coisa que acrescentava força à gravidade implacável que perseguia o planeta era a preocupação que Isobel ainda sentia para com Gulliver. Ela mordiscava muito o lábio inferior e lançava um olhar vago pela janela. Eu havia comprado um baixo elétrico para Gulliver, mas a música que ele tocava era tão sombria que inundava incessantemente a casa com uma trilha sonora de desespero.

– Eu só fico pensando em algumas coisas – disse Isobel, quando eu lhe disse que toda aquela preocupação não era saudável. – Quando ele foi expulso da faculdade. Ele quis aquilo, ele queria ser expulso. Foi uma espécie de suicídio acadêmico. Eu me preocupo, você sabe. Ele sempre teve dificuldade para se relacionar com as pessoas. Eu me lembro do primeiro relatório dele no maternal.

Dizia que ele resistia a criar novas amizades. Sei que ele teve amigos, mas ele sempre achou isso difícil.

Não deveria ter umas namoradinhas agora? Ele é um garoto bonito.

– É muito importante ter amigos? Para que servem?

– Relações, Andrew. Pense em Ari. Os amigos nos ligam ao mundo. Apenas me preocupo porque às vezes acho que ele não está ajustado ao mundo, à vida. Ele me lembra o Angus.

Angus, aparentemente, era o irmão dela. Ele tinha acabado com a própria vida com trinta e poucos anos por causa de problemas financeiros. Fiquei triste quando ela me disse isso. Triste por todos os humanos que acham fácil sentir-se envergonhado em relação às coisas. Eles não eram a única forma de vida do universo que tinha suicídios, mas era a que o praticava com mais entusiasmo. Fiquei pensando se deveria contar a ela que Gulliver não estava frequentando a escola. Decidi que devia.

– O quê? – ela perguntou.

Mas ela tinha ouvido.

– Meu Deus. Então o que é que ele anda fazendo?

– Não sei – respondi. – Andando por aí, eu acho.

– Andando por aí?

– Quando eu o vi, ele estava andando.

Então ela ficou brava, e a música que Gulliver estava tocando (muito alta, nesse momento) não ajudava.

E o jeito com que Newton me olhava estava me fazendo sentir culpado.

– Escute, Isobel, vamos deixar...

Tarde demais. Isobel voou escada acima. Seguiu-se a briga inevitável. Só se ouvia a voz de Isobel.

Gulliver estava muito quieto e se sentindo para baixo, mais do que o seu instrumento.

– Por que você não tem ido à escola? – a mãe gritou.

Continuei subindo, com o estômago virado e um aperto no coração.

Eu era um traidor.

Ele gritou com a mãe, e ela gritou de volta. Ele mencionou alguma coisa sobre eu tê-lo feito entrar em brigas, mas felizmente Isobel não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

– Pai, você é um miserável – ele me disse a certa altura.

– Mas o baixo elétrico... foi ideia minha.

– Então agora você está me comprando?

Percebi que os adolescentes são muito difíceis. Do mesmo modo como o canto sudeste da galáxia Derrideana era difícil.

A porta dele fechou-se com um estrondo. Usei o tom certo de voz.

– Calma, Gulliver. Eu sinto muito. Estava só tentando fazer o melhor para você. Aqui eu estou aprendendo. Cada dia é uma lição, e erro em algumas.

Não funcionou. A menos que funcionar significasse Gulliver chutando a porta com raiva. Isobel afinal desceu,

mas eu fiquei lá. Uma hora e trinta e oito minutos sentado no carpete bege de lã do outro lado da porta.

Newton veio se juntar a mim. Eu o acariciei, e ele lambeu minha mão com sua língua áspera. Fiquei lá, com a cabeça encostada na porta.

– Sinto muito, Gulliver. Me desculpe. Sinto muito por ter criado um problema para você.

Algumas vezes, o único poder necessário é a persistência. Afinal, ele saiu e olhou para mim, com as mãos nos bolsos. Ficou apoiado ao batente da porta.

– Você fez alguma coisa no Facebook?

– Posso ter feito.

Ele tentou não rir.

Não disse muita coisa mais depois disso, mas desceu e ficamos vendo televisão juntos. Era um programa de perguntas e respostas chamado *Quem Quer ser um Milionário?* (Como o programa era voltado para os humanos, a pergunta era retórica.)

Pouco depois, Gulliver foi até a cozinha para verificar quanto de leite e cereal caberia em uma tigela (mais do que se imagina) e voltou para o sótão. Fiquei com a sensação de que alguma coisa tinha sido conquistada. Isobel me disse que havia reservado entradas para a estreia de *Hamlet* no Arts Theatre.

Aparentemente era a história de um jovem príncipe suicida que queria matar o homem que tomara o lugar do seu pai.

– Gulliver vai ficar em casa – disse Isobel.

– Acho que é mais sensato.

Vinho australiano

– Eu me esqueci de tomar os comprimidos hoje.

Isobel sorriu.

– Uma noite só não tem importância. Quer uma taça de vinho?

Nunca havia tomado vinho antes, então aceitei, já que parecia ser uma substância muito venerada. A noite estava agradável, por isso ela me serviu o vinho e fomos sentar no jardim. Newton resolveu ficar dentro de casa. Olhei para o líquido amarelo e transparente na taça. Provei-o e o gosto era de fermentação. Em outras palavras, provei da vida na Terra. Porque tudo que vive aqui fermenta, envelhece, fica doente. Mas percebi que, conforme as coisas declinam pelo amadurecimento, elas podem ter um gosto maravilhoso.

Observei a taça. Ela tinha sido extraída da pedra, então sabia coisas. Sabia a idade do universo porque era o universo.

Bebi mais um gole.

Depois do terceiro gole, comecei a perceber o que importava, e isso me provocou algo prazeroso no cérebro. Eu estava me esquecendo das dores chatas do meu corpo e das preocupações agudas da mente.

No final da terceira taça, eu estava muito, muito bêbado. Tão bêbado que olhei para o céu e tive a impressão de

ver duas luas.

– Você sabe que estamos bebendo vinho australiano, não sabe? – ela perguntou.

Ao que eu devo ter respondido:

– Ah.

– Você *odeia* vinho australiano.

– Odeio? Por quê? – perguntei.

– Porque você é um esnobe.

– O que é um esnobe?

Ela riu e me olhou de lado.

– Alguém que não costumava ver tevê com a família – ela disse. – Nunca.

– Ah.

Bebi um pouco mais. Ela também.

– Talvez eu esteja mudando – eu disse.

– Tudo é possível. – Ela sorriu.

Isobel ainda era exótica para mim. Isso era evidente, mas agora era um exotismo agradável. Muito mais do que agradável, na verdade.

– Realmente, tudo *é* possível – eu lhe disse, mas não entrei na matemática.

Ela passou o braço à minha volta. Eu não sabia qual seria o comportamento esperado. Seria esse o momento em que se esperava que eu recitasse poesias escritas por pessoas mortas, ou eu devia massagear sua anatomia? Não fiz nada. Só deixei que ela passasse as mãos nas minhas costas enquanto eu olhava para cima, além da termosfera, e observava as duas luas deslizando uma sobre a outra e se tornando uma.

O observador

No dia seguinte, eu estava com uma tremenda ressaca.

Percebi que, se beber era a forma de as pessoas se esquecerem de que eram mortais, então as ressacas serviam para relembrá-los. Acordei com dor de cabeça, a boca seca e o estômago ruim. Deixei Isobel na cama e desci para beber água, depois tomei uma chuveirada, me vesti e fui para a sala a fim de ler um pouco de poesia.

Tive uma sensação estranha, mas real, de que estava sendo vigiado. A sensação aumentava cada vez mais. Levantei e fui até a janela. Lá fora a rua estava vazia. As casas de tijolos vermelhos, grandes e estáticas, continuavam lá, como artefatos descarregados sobre uma pista de aterrissagem. Mas continuei olhando. Pensei ver algo refletido em uma das janelas, uma forma ao lado de um carro. Uma forma humana, talvez. Meus olhos deviam estar me pregando uma peça. Afinal, eu estava de ressaca.

Newton pressionou o focinho contra o meu joelho. Ele soltou um curioso ganido estridente.

– Não sei – eu lhe disse.

Olhei através do vidro mais uma vez, não para os reflexos, diretamente para o que era real. E então eu vi. Algo escuro pairando acima do mesmo carro estacionado. Percebi o que era. Era o topo de uma cabeça humana. Eu estava certo. Alguém estava se escondendo do meu olhar.

– Espere aqui – falei para Newton. – Tome conta da casa.

Corri para fora, pelo passeio até a rua, a tempo de ver alguém virar rapidamente na esquina. Um homem vestindo jeans e camisa preta. Mesmo por trás e a distância, o homem me pareceu familiar, mas não consegui me lembrar de onde eu o tinha visto.

Virei a esquina, mas já não havia mais ninguém ali. Era apenas outra rua vazia do subúrbio, e bem longa. Comprida demais para alguém ter conseguido percorrê-la em tão pouco tempo. Bem, não estava tão vazia. Havia uma senhora idosa, caminhando na minha direção, puxando um carrinho com compras.

Parei de correr.

– Olá – ela disse, sorrindo.

Sua pele era toda enrugada, como acontece com essa espécie quando envelhece. (O melhor modo de pensar o processo de envelhecimento em relação ao rosto humano é imaginar o mapa de uma área de terra intocada que lentamente se transforma em uma cidade com muitas ruas e avenidas compridas e sinuosas.)

Acho que ela me conhecia.

– Oi – eu lhe respondi.

– E como vai indo agora?

Eu estava olhando ao redor, tentando vislumbrar as possíveis rotas de fuga. Se tivesse deslizado por uma das passagens, ele poderia estar em qualquer lugar. Havia perto de duzentas possibilidades óbvias.

– Estou bem, muito bem – respondi. – Ótimo.

Olhei de novo ao redor, mas não fui recompensado. *Quem era aquele homem?* Fiquei imaginando. *E*

de onde ele vinha?

De vez em quando, nos dias que se seguiram, tive novamente a sensação de estar sendo vigiado, mas não consegui nem um vislumbre do meu observador, o que era estranho e só me deixava duas possibilidades. Ou estava me tornando muito lento e humano, ou a pessoa a quem eu procurava, aquela que eu podia sentir algumas vezes me observando nos corredores da universidade e dos supermercados, era rápida demais para ser pega.

Em outras palavras: algo não humano.

Tentei me convencer de que isso era ridículo. Quase consegui me convencer de que a minha mente era ridícula e que na verdade eu jamais tinha sido outra coisa que não um humano, que eu era o professor Andrew Martin e todas as outras coisas tinham sido uma espécie de sonho.

Sim, eu quase consegui fazer isso.

Quase.

Como ver o infinito

Por não haver volta

é que a vida parece tão doce.

– Emily Dickinson

Isobel estava escrevendo no laptop, na sala. Uma amiga americana escrevia um blogue sobre história antiga e Isobel estava enviando um comentário sobre um artigo que tratava da Mesopotâmia. Olhei para ela enfeitiçado.

A lua da Terra era um lugar morto, sem atmosfera.

Não tinha como curar suas cicatrizes. Não como a Terra ou seus habitantes. Era surpreendente o modo como o tempo reparava as coisas tão rapidamente nesse planeta.

Olhei para Isobel e vi um milagre. Era ridículo, eu sei. Mas os humanos, do seu jeito simples, eram uma espécie de realização milagrosa em termos matemáticos.

Para começar, era pouco provável que o pai e a mãe de Isobel chegassem a se conhecer. E mesmo que se encontrassem, as chances de ter um bebê seriam bem poucas, em função dos inúmeros tormentos que cercam o processo de namoro humano.

A mãe dela teria nascido com cerca de cem mil óvulos, e o pai tinha tido cinco trilhões de espermatozoides durante a vida. Mas, ainda assim, era terrivelmente modesta essa única chance de existir em quinhentos milhões milhões milhões, e nem de longe fazia justiça à vida humana.

Quando se olha para um rosto humano, é preciso compreender a sorte que trouxe a pessoa ali. Isobel Martin tinha um total de 150 mil gerações antes dela, que incluíam apenas humanos. Foram progressivamente 150 mil cópulas improváveis resultando progressivamente em crianças improváveis.

Foi uma chance em um quatrilhão multiplicada por outro quatrilhão em cada geração.

Ou cerca de vinte mil vezes mais do que o número de átomos do universo. Mas mesmo *isso* era apenas o começo, porque os humanos só estavam na Terra havia uns três milhões de anos terrenos, certamente um espaço de tempo muito curto comparado aos três e meio bilhões de anos desde que a vida surgiu nesse planeta.

Então, matematicamente, arredondando, não havia chance nenhuma de que Isobel Martin tivesse existido. Um zero em dez elevado ao infinito. E ainda assim ali estava ela, na minha frente, e eu estava ali, atônito com tudo isso, de verdade. De repente isso me fez perceber por que a religião era uma coisa tão importante para eles. Porque, sim, certamente, Deus não podia existir. Mas os humanos também não.

Então, se acreditavam em si mesmos – seguindo a lógica –, por que não acreditar em alguma coisa que era apenas uma fração mais improvável?

Não sei por quanto tempo fiquei olhando para ela desse jeito.

– O que é que está passando pela sua cabeça? – ela me perguntou, fechando o laptop.

(Este é um detalhe importante. Lembre-se: ela *fechou* o laptop.)

– Ah, só umas coisas.

– Conte pra mim.

– Bem, estava pensando em como a vida é um milagre tão grande que nenhuma forma dela merece realmente o título de “real”.

– Andrew, eu estou um pouco surpresa vendo como sua visão de mundo se tornou tão romântica.

Era ridículo o fato de eu jamais ter percebido isso.

Ela era linda. Aos 41 anos, delicadamente situada entre a jovem mulher que tinha sido e a mais velha que viria a ser. Essa mulher inteligente, historiadora investigativa. Essa pessoa que era capaz de fazer compras para outra apenas para ajudar.

Agora eu sabia outras coisas. Sabia que ela havia sido um bebê chorão, uma criança aprendendo a andar, uma menina ansiosa por aprender na escola, uma adolescente escutando Talking Heads no quarto, enquanto lia livros de A. J. P. Taylor.

Sabia que tinha sido uma universitária que estudava o passado querendo interpretar seus padrões.

Tinha sido ao mesmo tempo uma jovem apaixonada, cheia de esperanças, tentando ler o futuro tão bem quanto o passado.

Depois, ela ensinou história britânica e europeia, o grande padrão que ela havia descoberto, que revelava

que as civilizações que avançaram com o Iluminismo conseguiram isso graças à violência e à conquista territorial mais do que pelo progresso científico e pela compreensão filosófica.

Tentou em seguida descobrir o papel da mulher na história, e tinha sido difícil porque a história sempre foi escrita pelos vencedores das guerras, e os vitoriosos das guerras entre gêneros sempre foram os homens, e então as mulheres eram postas à margem e nos rodapés, quando tinham sorte.

E a ironia era que ela logo se colocara à margem voluntariamente, abdicando do trabalho pela família, porque imaginava que, quando chegasse ao leito de morte, sentiria mais arrependimento por não ter tido filhos do que por livros não escritos. Mas, assim que tomou essa decisão, ela sentiu que o marido começou a não lhe dar mais importância.

Ela tinha muita coisa para dar, mas que não dera; tinha ficado bloqueada.

E eu me sentia incrivelmente emocionado por poder testemunhar o amor ressurgindo de dentro dela, porque era um amor total no auge da vida. Do tipo que só era possível em alguém que morreria em algum momento do futuro e que também tinha vivido o suficiente para saber que amar e ser amada era uma coisa difícil de alcançar, mas ao se lidar com ela é possível ver o infinito.

Dois espelhos, um diante do outro em ângulos perfeitamente paralelos, vendo cada um a si mesmo através do outro, uma visão tão profunda quanto infinita.

Sim, era para isso que o amor servia. (Posso não ter entendido o casamento, mas compreendi o amor, eu

tinha certeza disso.)

O amor era um modo de viver para sempre em um único momento, e era também uma maneira de se ver como jamais tinha realmente se visto, e fazia perceber – tendo feito isso – que essa visão era a mais significativa do que qualquer outra de suas autoimagens ou autonegações. Ainda assim, a grande piada, na verdade a maior piada do universo, era que Isobel Martin acreditava que eu sempre tinha sido um humano chamado Andrew Martin que havia nascido a 160 quilômetros, em Sheffield, e não a uma distância de 8.653.178.431 anos-luz.

– Isobel, eu acho que eu deveria lhe contar uma coisa. Uma coisa muito importante.

Ela pareceu preocupada.

– O quê? O que é?

Havia uma imperfeição em seu lábio inferior. O lado esquerdo era ligeiramente mais cheio do que o direito. Era um detalhe fascinante em um rosto que só tinha detalhes fascinantes. Como eu chegara a julgá-la hedionda? Como? *Como?*

Eu não consegui fazer isso. Contar-lhe. Eu deveria, mas não fiz.

– Acho que deveríamos comprar um sofá novo – eu lhe disse.

– Essa era a coisa importante que você tinha para me dizer?

– Sim. Não gosto deste. Não gosto de púrpura.

– Não?

– Não, é muito próximo do violeta. Todas essas cores com frequências de ondas curtas mexem com meu cérebro.

– Você é engraçado, “cores com frequências de ondas curtas”.

– Bem, é o que elas são.

– Mas púrpura é a cor dos imperadores, e você sempre agiu como um imperador, portanto...

– É? Por quê?

– As grávidas bizantinas davam à luz na Câmara Púrpura. Seus bebês recebiam o título honorífico

“Porfirogênito”, que significa “Nascido na Pórfira”, para separá-los dos generais da ralé que conseguiam o trono guerreando. Mas, no Japão, púrpura é a cor da morte.

Eu ficava enfeitiçado por sua voz quando ela falava de coisas históricas. Havia uma delicadeza, cada sentença como se fosse um braço longo e fino carregando o passado como se fosse de porcelana. Algo que pudesse ser trazido e apresentado na sua frente, mas que poderia se quebrar em milhões de pedaços a qualquer momento. Percebi que até o fato de ser historiadora fazia parte da sua natureza protetora.

– Bem, só pensei que poderíamos ter alguma mobília nova – eu disse.

– Você que dizer já? – ela perguntou, olhando bem nos meus olhos de um jeito meio sério, meio gozador.

Um dos humanos mais brilhantes, um físico teórico alemão chamado Albert Einstein, explicou a relatividade a membros menos esclarecidos de sua espécie dizendo: “Coloque a mão sobre um fogão quente por um minuto, e parecerá uma hora. Sente-se com uma garota bonita por uma hora, e parecerá um minuto”.

E se olhar para a garota bonita lhe desse a sensação de pôr a mão sobre um fogão quente? O que seria isso? Mecânica quântica?

Depois de algum tempo, ela se inclinou para mim e me beijou. Eu já a tinha beijado antes. Mas naquele momento o efeito que provocou em meu estômago foi muito semelhante ao medo. Na verdade, eu tinha todos os sintomas de medo, mas um medo agradável. Um perigo prazeroso.

Ela sorriu e me contou uma história que havia lido não em um livro de história, mas em uma revista horrorosa na sala de espera do médico. Um casal que tinha deixado de se amar mantinha casos separados pela internet. Só quando foram ao encontro de seus amantes virtuais é que perceberam que o caso que tinham era entre eles, e, em vez de acabar com o casamento, isso serviu para restaurá-lo, e viveram mais felizes do que antes.

– Preciso lhe dizer uma coisa – eu disse quando ela acabou a história.

– O quê?

– Eu te amo.

– Eu também.

– Sim, mas é impossível amar você.

– Obrigada, é exatamente o que uma mulher gosta de ouvir.

– Não é isso. É por causa do lugar de onde venho. Lá, ninguém pode amar.

– O quê? Sheffield? Lá não é tão ruim.

– Não, me escute. Isso é novo para mim e estou assustado.

Ela segurou minha cabeça entre as mãos, como se fosse outra coisa delicada que ela quisesse preservar. Ela era humana. Sabia que um dia o marido morreria e ainda assim ela ousava amá-lo. Era uma coisa incrível.

Nós nos beijamos mais um pouco.

Beijar era parecido com comer. Mas, em vez de o alimento consumido reduzir o apetite, ele o aumentava. O alimento não era matéria, não tinha massa, no entanto se convertia em uma energia deliciosa dentro de mim.

– Vamos lá em cima – ela disse.

Ela disse isso sugestivamente, como se lá em cima não fosse um lugar, mas uma realidade alternativa, com textura e espaço de tempo diferentes. Uma terra de prazer em que entraríamos através de um buraco cálido no sexto degrau. E, é claro, ela estava absolutamente certa.

Depois, ficamos deitados por alguns minutos, até que ela decidiu que precisávamos de um pouco de música.

– Qualquer coisa, menos *The Planets* – eu disse.

– Mas é a única música de que você gosta.

– Não é mais.

Então ela pôs algo chamado “Love Theme”, de Ennio Morricone. Era triste, mas bonito.

– Você se lembra de quando vimos *Cinema Paradiso*?

– Sim – menti.

– Você odiou o filme. Disse que era tão sentimental que lhe dava ânsia de vômito. Que barateava a emoção para exagerá-la e fetichizá-la daquele modo. Não que alguma vez você tenha querido assistir a qualquer coisa que tivesse carga emotiva. Acho, se posso me atrever a dizer isso, que você sempre se assustou com a emoção, e dizer não gostar de sentimentalismo é um modo de dizer que não gosta de sentir emoções.

– Bem – eu disse –, não precisa mais se preocupar. Esse eu está morto.

Ela sorriu. Não parecia nem um pouco preocupada.

Mas é lógico que deveria estar. Todos nós deveríamos estar. E o quanto deveríamos estar preocupados só ficou claro para mim algumas horas depois.

O intruso

Ela me acordou no meio da noite.

– Acho que ouvi um barulho – ela disse.

Sua voz indicava uma tensão nas pregas vocais dentro da laringe. Era o medo disfarçado.

– Do que você está falando?

– Juro por Deus, Andrew. Acho que alguém entrou na casa.

– Você deve ter ouvido o Gulliver.

– Não. Gulliver não desceu as escadas. Eu estava acordada.

Esperei na semiescuridão, até que ouvi algo. Passos. Soava como se alguém estivesse andando pela sala. O visor luminoso do relógio digital mostrava que eram 4h22.

Afastei o edredom e saí da cama.

Olhei para Isobel.

– Fique aqui. Não importa o que aconteça, fique aqui.

– Tenha cuidado – ela me disse.

Ela acendeu a luz ao lado da cama e olhou para o telefone que normalmente ficava na base em cima do criado-mudo. Mas ele não estava lá.

– Que estranho... – ela disse.

Saí do quarto e esperei um instante no patamar. Agora, tudo estava em silêncio. O silêncio que só existe nas casas às 4h22 da madrugada. Percebi então como a vida era primitiva ali, com casas que não podiam fazer nada para se proteger.

Em resumo, eu estava aterrorizado.

Devagar e em silêncio, desci as escadas nas pontas dos pés. Uma pessoa normal provavelmente teria acendido a luz do *hall*, mas eu não fiz isso. Não por mim, mas para o bem de Isobel. Se ela descesse e visse quem quer que fosse, e ele a visse, isso poderia criar uma situação muito perigosa. Também não seria sensato alertar o intruso sobre a minha presença – se ele já não tivesse percebido isso. Assim me esgueirei para a cozinha e vi Newton ressonando alto (talvez tanto sono fosse suspeito) em sua cesta. Até onde consegui ver, ninguém tinha estado ali, ou na despensa, então fui verificar a saleta. Não tinha ninguém, ou pelo menos alguém que eu pudesse ver. Lá estavam os livros, o sofá, uma fruteira vazia, a escrivaninha e o rádio. Segui pelo corredor até a sala de visita. Dessa vez, antes que abrisse a porta, tive a forte sensação de que alguém estava ali, mas sem meus dons eu não sabia se meus sentidos estavam me enganando.

Abri a porta e, ao fazer isso, senti um medo intenso invadindo todo o meu corpo. Antes de assumir a forma humana, eu jamais tinha experimentado esse sentimento. Do que nós, vonadorianos, teríamos medo em um mundo sem morte ou perda ou dor incontrolável?

Mais uma vez, só enxerguei a mobília. O sofá, as cadeiras, a televisão desligada, a mesinha de centro.

Ninguém estava lá, não naquele momento, mas sem dúvida havíamos tido uma visita. Soube disso porque o laptop de Isobel estava sobre a mesinha de centro. Isso, isoladamente, não era preocupante, já que ela o deixara ali na noite passada. O que me preocupou foi que ele estava aberto. Ela o tinha fechado. Mas não apenas isso, havia também a emissão de luz. Mesmo o computador estando de costas para mim, eu podia ver o brilho da

tela, o que significava que alguém o havia usado nos últimos dois minutos.

Dei a volta rapidamente na mesinha para ver o que estava na tela, mas nada havia sido deletado.

Fechei o laptop e subi para o quarto.

– O que foi? – Isobel perguntou, enquanto eu me enfiava na cama.

– Ah, nada. Acho que estamos imaginando coisas.

Ela adormeceu e eu fiquei olhando para o teto, desejando ter um deus que pudesse ouvir minhas preces.

Tempo perfeito

Na manhã seguinte, Gulliver desceu com o baixo e tocou um pouco para nós. Ele tinha aprendido *All Apologies,* uma música antiga de uma banda chamada Nirvana. Com uma expressão de profunda concentração no rosto, ele manteve o tempo perfeito. Tocou muito bem, e nós o aplaudimos.

Por um instante, eu me esqueci de todas as preocupações.

Um rei de um espaço infinito

Hamlet mostrou-se uma peça muito deprimente para quem acabou de desistir da imortalidade e está preocupado com a possibilidade de estar sendo vigiado.

O melhor trecho surgiu no meio da peça, quando ele olhou para o céu.

– Estais vendo aquela nuvem que tem forma de camelo? – ele perguntou.

– Pela Santa Missa! – disse o outro homem, que se chamava Polônio e tinha a mania de ficar por trás das cortinas. – Parece de fato um camelo.

– Creio que parece mais uma doninha – Hamlet disse.

– É certo, o dorso é de uma doninha.

Então Hamlet apertou os olhos e coçou a cabeça.

– Ou uma baleia?

E Polônio, que não estava em sintonia com o senso de humor surreal de Hamlet, disse:

– Uma baleia, realmente; muito semelhante.

Depois, fomos a um restaurante chamado Tito’s. Pedi uma salada de pão chamada “panzanella”, que vinha com anchovas. Anchovas eram peixes, então passei os cinco primeiros minutos tirando-as cuidadosamente e colocando-as na beirada do prato, ofertando a elas palavras silenciosas de pesar.

– Parece que gostou da peça – Isobel disse.

Pensei que deveria mentir.

– Sim, gostei. Você gostou?

– Não, foi horrível. Acho basicamente errado ter um príncipe da Dinamarca interpretado por um jardineiro da televisão.

– Sim – eu disse –, você está certa, foi muito ruim.

Ela riu. Parecia mais relaxada do que em qualquer outra ocasião desde que a conhecera. Menos preocupada comigo e com Gulliver.

– Tem muitas mortes também – eu disse.

– Sim.

– Você tem medo da morte?

Ela pareceu contrariada.

– É claro, morro de medo da morte. No fundo, sou católica. Morte e culpa. É disso que se trata.

O catolicismo, eu descobri, era um tipo de cristianismo para humanos que gostavam de coisas folheadas a ouro, latim e culpa.

– Bom, acho que você lida com isso muito bem. Considerando que seu corpo está começando um processo de deterioração física que leva finalmente a...

– Tudo bem, tudo bem. Obrigada. Agora chega de papo de morte.

– Mas achei que você gostava de pensar sobre a morte. Imaginei que tenha sido por isso que fomos ver *Hamlet.*

– Prefiro minha morte no palco, não por cima do meu penne all’arrabiata.

Conversamos e bebemos vinho tinto enquanto as pessoas chegavam e iam embora do restaurante. Ela me falou do módulo em que estava sendo persuadida a dar aula no ano seguinte. Início da Vida Civilizada no Egeu.

– Eles continuam tentando me empurrar cada vez mais para trás no tempo. Acho que estão tentando me dizer alguma coisa. O próximo será Os Primeiros Diplodocos Civilizados.

Ela riu, e eu ri também.

– Você deveria publicar aquele romance – eu lhe disse, tentando um novo assunto. – *Um Horizonte mais Amplo.* Até onde eu li, ele é bom.

– Não sei. Ele é um tanto privado. Muito pessoal e datado. Eu estava em um lugar escuro. Foi quando nós estávamos… bem, você sabe. Superamos aquilo e eu me sinto uma pessoa diferente. Quase como se estivesse casada com uma pessoa diferente também.

– Eu acho que você deveria escrever ficção novamente.

– Ah, não sei. É preciso ter ideias.

Não quis lhe dizer que eu tinha uma porção de ideias que poderia lhe dar.

– Não fizemos isso durante anos, não é verdade? – ela comentou.

– Não fizemos o quê?

– Conversar, como agora. Parece um primeiro encontro ou coisa parecida. De um jeito bom. É como se eu estivesse conhecendo você.

– Sim.

– Deus – ela disse pensativa.

Isobel agora estava bêbada. E eu também, embora ainda estivesse na minha primeira taça.

– Nosso primeiro encontro – ela continuou. – Você se lembra?

– É claro, é claro.

– Foi aqui, só que naquele tempo era um restaurante indiano. Como é que se chamava mesmo? ... Taj Mahal. Você mudou de ideia no telefone depois que percebeu que eu não havia ficado muito impressionada com a sugestão da Pizza Hut. Cambridge não tinha nem Pizza Express. Deus... vinte anos.

Dá para acreditar? É a compressão do tempo através da memória. Eu me lembro de uma coisa mais do que tudo. Eu estava atrasada, e você esperou uma hora por mim. Na chuva. Achei tão romântico...

Seu olhar se distanciou, como se vinte anos fossem algo físico que pudesse ser visto de uma mesa, num canto de um salão. E olhando seus olhos, que se demoravam em algum ponto do infinito entre o passado e o presente, alegres e tristes, desejei profundamente ter sido aquela pessoa de quem ela estava falando.

Aquele que tinha encarado a chuva e ficado encharcado até os ossos duas décadas atrás. Mas eu não era aquela pessoa e nunca seria ele.

Eu me senti como Hamlet. Não tinha a menor ideia do que deveria fazer.

– Ele deve ter amado você – eu disse.

Ela interrompeu seu devaneio, ficando subitamente alerta.

– O quê?

– Eu – corrigi, olhando para meu sorvete de *limoncello* derretendo lentamente. – E ainda a amo. Tanto quanto naquele tempo. Eu estava apenas... você entende... olhando nós dois, o passado, na terceira pessoa. Distanciamento do tempo...

Ela segurou minhas mãos por cima da mesa. Esfregou-as. Por um segundo, sonhei que era o professor Andrew Martin, tão facilmente quanto um jardineiro da tevê podia sonhar que era Hamlet.

– Lembra-se de quando íamos remar no Cam? – ela perguntou. – Daquela vez em que caiu na água...

Deus, nós estávamos bêbados. Lembra-se? Quando ainda estávamos aqui, antes de você receber aquela oferta para ir aos Estados Unidos. Nós nos divertíamos, não é mesmo?

Concordei, embora me sentindo desconfortável. E também não queria deixar Gulliver sozinho por mais tempo. Pedi a conta.

– Ouça – eu disse, quando saímos do restaurante –, há uma coisa que eu realmente tenho de te contar...

– O quê? – ela perguntou, levantando os olhos para mim, segurando o meu braço enquanto o vento a fazia tremer de frio. – O que é?

Respirei fundo, sentindo os pulmões, procurando coragem em algum ponto de nitrogênio e oxigênio.

Repassei na mente as informações que precisava dar a ela.

Eu não sou daqui.

Na verdade, nem ao menos sou seu marido.

Sou de outro planeta, de outro sistema solar, de uma galáxia distante.

– Acontece que... bem, *acontece* que...

– Acho que deveríamos atravessar a rua – Isobel disse, puxando meu braço, enquanto duas silhuetas, uma mulher gritando e um homem, vinham pela calçada na nossa direção.

E foi isso que fizemos, atravessando em um ângulo que tentava equilibrar o disfarce do medo com a rapidez da escapada – esse ângulo ficando, como em qualquer ponto do universo, a 48 graus da linha reta em que estivéramos andando.

Na metade do cruzamento da rua sem carros, me virei e a vi. Zoë. A mulher do hospital que eu tinha conhecido no meu primeiro dia nesse planeta. Ela continuava a gritar com um homem grande, musculoso, que tinha a cabeça raspada. O homem tinha uma teia tatuada no rosto. Lembrei-me da sua confissão do amor que sentia por homens violentos.

– Estou lhe dizendo, você estava errado! Você é que está louco, não eu! Mas se quer continuar a se comportar como um ser primitivo, para mim, tudo bem! Faça isso, seu grande merda!

– Sua pretensiosa, chupadora de pau!

E então ela me viu.

A arte de deixar de lado

– É você – disse Zoë.

– Você a conhece? – Isobel sussurrou.

– Receio que sim. Do hospital.

– Ah, não.

– Por favor – eu disse para o homem –, seja legal.

O homem estava olhando para mim. Sua cabeça raspada, juntamente com o resto do seu corpo, veio na minha direção.

– E com que diabos, nesta Terra, isso tem a ver com você?

– Nesta Terra – eu lhe disse –, é bom ver as pessoas se entendendo.

– Que merda você quer dizer com isso?

– Vá embora – Isobel disse, corajosamente – e deixe todo mundo em paz. De verdade, se você fizer alguma coisa a mais, amanhã vai se arrepender.

Foi então que ele se virou para Isobel, segurou seu rosto e apertou suas bochechas com força, deformando seus traços. A raiva ferveu dentro de mim, enquanto ele dizia para ela:

– Cala essa merda de boca, sua vaca intrometida.

Isobel tinha os olhos arregalados de medo.

Eu sabia que havia coisas racionais que podiam ser feitas naquele momento, mas eu estava a quilômetros da racionalidade.

– Deixe-nos em paz – eu disse, esquecendo momentaneamente que minhas palavras não passavam disso. De palavras.

Ele olhou para mim e riu. E com aquele riso me veio a compreensão terrível de que eu não tinha mais poderes. Os dons tinham sido tirados de mim. Eu não estava, para todos os efeitos, mais preparado para uma luta com um bandido gigantesco e musculoso do que um humano de porte médio, professor de matemática, nem um pouco bem equipado.

Ele me bateu, e com propriedade. Não como Gulliver tinha feito, quando eu tinha optado por sentir.

Não. Se houvesse uma opção para não sentir os anéis baratos de metal do punho daquele homem colidindo com meu rosto com a força de um cometa, então eu teria ficado com essa opção. Como eu teria feito apenas alguns instantes depois quando estava no chão recebendo um chute no estômago, o que rapidamente deslocou a comida italiana ainda não digerida que estava ali, seguido pelo ato final de brutalidade – o chute na cabeça. Na verdade, um pisão.

Depois disso, nada.

Havia a escuridão e *Hamlet*.

Este foi vosso esposo. Agora o resto.

Ouvi Isobel choramingando. Tentei falar com ela, mas era difícil chegar às palavras. *A representação contrafeita de*

dois irmãos.

Ouvia o som da sirene aumentar e diminuir, e sabia que era para mim.

E aí está vosso marido, como uma espiga podre.

Acordei na ambulância, e só ela estava ali. Seu rosto pairando sobre mim, como um sol que os olhos suportassem olhar, e ela acariciou minha mão como havia acariciado na primeira vez em que a vi.

– Eu te amo – ela disse.

E foi então que tomei consciência do porquê do amor.

O amor servia para ajudar a sobreviver.

Prestava-se também para deixar de lado o entendimento. Para parar de observar e começar a viver.

Importante era segurar a mão de um ser amado e viver no presente. Passado e futuro eram mitos. O

passado era apenas o presente que tinha morrido e o futuro nunca existiria porque, ao chegar até ele, o futuro teria se tornado o presente. O presente era só o que existia. O presente sempre em movimento, sempre mutante. E o presente era caprichoso. Só poderia ser pego abandonando-se.

Assim, me abandonei.

Deixei de lado tudo que havia no universo.

Tudo, menos a mão dela.

Atividade neuroadaptativa

Acordei no hospital.

Era a primeira vez na minha vida em que acordava sentindo dores físicas muito fortes. Era noite.

Isobel tinha ficado por um tempo, depois adormeceu numa cadeira de plástico, mas tinham lhe dito que devia ir para casa. Por isso eu estava sozinho, com a minha dor, percebendo como o ser humano poderia verdadeiramente sentir-se desamparado. E fiquei acordado no escuro, pedindo à Terra que rodasse cada vez mais rápido para que eu pudesse ver o sol novamente. Para que a tragédia da noite se tornasse a comédia do dia. Não estava acostumado com a noite. Eu já havia tido essa experiência antes em outros planetas, mas a Terra tinha as noites mais escuras que eu jamais vira. Não as mais longas, mas as mais profundas, as mais solitárias, as mais tragicamente belas. Eu me consolei com números primos aleatórios.

73. 131. 977. 1213. 83719. Cada um tão indivisível quanto o amor, exceto por um e ele mesmo. Lutei para pensar em números primos maiores. Percebi que até mesmo minhas habilidades matemáticas tinham me abandonado.

Eles examinaram minhas costelas, meus olhos, meus ouvidos e por dentro da minha boca. Examinaram meu cérebro e meu coração. O coração não causou preocupação, embora considerassem 49 batidas por minuto uma cadência um pouco lenta. Quanto ao cérebro, ficaram um pouco preocupados com o lobo temporal médio, que parecia apresentar uma atividade neuroadaptativa incomum.

– É como se algo tivesse sido retirado do seu cérebro e as células estivessem tentando compensar, mas na verdade

nada foi retirado ou lesionado. Entretanto é muito estranho.

Concordei.

É claro, alguma coisa tinha sido retirada, mas eu também sabia que era algo que nenhum médico humano, formado na Terra, seria capaz de entender.

Foi um exame difícil, mas passei. Eu me saí bem como humano. E eles me deram paracetamol e codeína para aliviar a dor que ainda latejava na minha cabeça e no meu rosto.

Por fim, fui para casa.

No dia seguinte, Ari veio me visitar. Eu estava de cama. Isobel tinha ido trabalhar e Gulliver estava, aparentemente de verdade, na escola.

– Cara, você está com uma aparência terrivelmente fodida.

Sorri e tirei o saco de ervilhas congeladas do lado da cabeça.

– O que é uma coincidência, porque também estou me sentindo terrivelmente fodido.

– Você devia ter ido à polícia.

– Sim, eu estava pensando nisso. Isobel acha que eu deveria, mas eu tenho certa fobia em relação à polícia. Você sabe, desde que fui preso por estar sem roupa.

– Bem, mas você não pode deixar um psicopata rondando por aí e acabando com todo mundo que ele

achar que deve.

– Não, eu sei. Eu sei.

– Escute aqui, meu camarada, só quero dizer que foi corajoso da sua parte. Aquele cavalheiro da velha escola, defendendo a mulher daquele jeito, valeu, cara. Você me surpreendeu. Não quero diminuí-lo nem nada, mas não sabia que era do tipo que veste uma armadura brilhante e sai defendendo donzelas.

– Bem, eu mudei. Tenho muita atividade no meu lobo temporal médio. Penso que deve ter alguma coisa a ver com isso.

Ari não se convenceu.

– Seja lá o que for, você está se tornando um homem honrado. E isso é muito raro entre os matemáticos. Sempre fomos nós, os físicos, que tradicionalmente tivemos *cojones.* Só não estrague tudo com Isobel. Sabe do que estou falando?

Olhei para Ari por um bom tempo. Ele era um homem bom, dava para ver. Eu podia confiar nele.

– Escute, Ari, sabe aquilo que eu ia lhe contar no café da faculdade?

– Quando teve aquela enxaqueca?

– Sim – eu hesitei.

Eu não estava mais conectado, poderia contar a ele.

Ou pensei que podia.

– Sou de outro planeta, de outro sistema solar, de outra galáxia.

Ari riu. Era uma risada alta, uma explosão de risada sem um traço de dúvida.

– Está certo, ET, então você deve estar querendo telefonar para casa agora. Se tivermos conseguido uma conexão que alcance a galáxia Andrômeda.

– Não é a galáxia Andrômeda. É muito mais longe. Muitos e muitos anos-luz além.

Essa frase quase não dava para ser ouvida em meio às gargalhadas de Ari.

Ele olhou para mim com um olhar falsamente sério.

– Então, como chegou aqui? Numa nave espacial? Ou por meio de uma fenda no espaço?

– Não. Nós não viajamos de um modo convencional que você entenderia. É uma tecnologia antimatéria. Minha casa fica infinitamente longe, mas está também à distância de um segundo. Só que agora eu não poderei mais voltar.

A conversa não ia nada bem. Ari, um homem que acreditava na possibilidade da vida alienígena, ainda não conseguia aceitar a ideia quando estava diante dela.

– Escute, eu tinha talentos especiais, graças à tecnologia. Os dons.

– Vá em frente, então – Ari disse, segurando o riso –, me mostre.

– Não posso. Não tenho mais poderes. Agora sou exatamente como um humano.

Ari achou essa parte especialmente engraçada. Agora ele estava me deixando chateado. Ainda era um homem bom, mas homens bons podem ser irritantes, como havia acabado de perceber.

– Exatamente como um humano! Bem, cara, você então está fodido, não está?

Concordei.

– Sim, penso que devo estar.

Ari sorriu, parecendo preocupado.

– Ouça, não deixe de tomar seus remédios. Não apenas os analgésicos, mas todos eles, certo?

Concordei. Ele achava que eu estava louco. Talvez fosse mais fácil se eu assumisse essa visão para mim, a ilusão de que era uma ilusão, e um dia acordasse e acreditasse que tudo tinha sido um sonho.

– Ouça – eu disse –, pesquisei a seu respeito. Sei que entende a física quântica e sei que escreveu sobre a teoria da simulação. Você diz que há trinta por cento de possibilidade de que nada disso seja real. Você me disse no café que acreditava em alienígenas. Sei que consegue acreditar nisso.

Ari balançou a cabeça, mas pelo menos não estava mais gargalhando.

– Não, você está enganado, não consigo.

– Tudo bem – eu disse, percebendo que se Ari não acreditava em mim, então Isobel também jamais acreditaria. Mas e Gulliver? Sempre havia Gulliver. Um dia eu lhe contaria a verdade. Mas o que aconteceria? Ele me aceitaria como pai sabendo que eu tinha mentido?

Eu estava preso em uma armadilha. Tinha mentido e precisava continuar mentindo.

– Mas, Ari – eu disse –, se algum dia eu precisar de um favor, se precisar que Gulliver e Isobel fiquem na sua casa... você faria isso por mim?

Ele sorriu.

– Claro, meu amigo, sem dúvida.

Distribuição platicúrtica

No dia seguinte, ainda inchado por causa dos machucados, voltei à faculdade.

Havia algo na casa, mesmo tendo Newton como companhia, que me perturbava. Nunca acontecera isso comigo antes, mas agora eu sentia uma solidão incrível. Por isso fui trabalhar, e percebi por que o trabalho era tão importante na Terra; ele fazia cessar o sentimento de solidão. Mas a solidão esperava por mim na minha sala da faculdade, quando voltei depois da palestra sobre modelos distributivos.

Minha cabeça doía, e tenho de admitir que aquela paz foi muito bem-vinda.

Depois de algum tempo, bateram na porta. Ignorei. Preferia a solidão com menos dor de cabeça. Mas aconteceu de novo, e aconteceu de um modo que eu

sabia que ia continuar acontecendo, portanto me levantei e fui até a porta. Depois de um instante, finalmente a abri.

Uma jovem estava lá.

Era Maggie.

A flor selvagem desabrochada. Aquela com o cabelo ruivo crespo e os lábios carnudos. Mais uma vez ela enrolava o cabelo no dedo. Estava ofegante e parecia estar respirando um tipo de ar diferente, que continha um misterioso afrodisíaco, prenunciando um estado de euforia. E estava sorrindo.

– Então – ela disse.

Esperei um minuto pelo resto da frase, que não veio. “Então” era o começo, o meio e o fim.

Significava alguma coisa, mas eu não sabia o quê.

– O que você quer? – perguntei.

Ela sorriu novamente e mordeu o lábio.

– Discutir a compatibilidade de curvas de sino e modelos de distribuição platicúrtica.

– Certo.

– Platicúrtica – ela acrescentou, correndo o dedo pela minha camisa até minhas calças. – Do grego.

Platus significando plano, *kurtos* significando... *protuberância.*

– Ah.

O dedo dela afastou-se de mim.

– Então, Mike Tyson, vamos lá.

– Meu nome não é Mike Tyson.

– Eu sei, estava me referindo ao estado do seu rosto.

– Ah.

– E então, vamos?

– Onde?

– Chapéu e Plumas.

Eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando. Ou, na verdade, do que ela significava para mim, ou para o homem que tinha sido o professor Andrew Martin.

– Tudo bem – eu disse –, vamos.

E foi esse, naquele momento, o meu primeiro erro do dia. Mas não o último.

O Chapéu e as Plumas

Logo descobri que Chapéu e Plumas era um nome enganoso. Lá não havia chapéu e muito menos plumas. Somente pessoas muito embriagadas com os rostos vermelhos e gargalhando de suas próprias piadas. Era, logo descobri, um *pub* típico. O “*pub*” era uma invenção dos humanos que viviam na Inglaterra, e os *pubs* eram projetados como compensação para o fato de serem humanos vivendo na Inglaterra. Gostei do lugar.

– Vamos achar um cantinho tranquilo – ela me disse, a jovem Maggie.

Havia uma porção de cantinhos, como sempre nos ambientes feitos pelos humanos. Os habitantes da Terra ainda estavam muito longe de entender a ligação entre linhas retas e formas agudas de psicoses, o que poderia explicar por que os *pubs* pareciam repletos de gente agressiva. Havia linhas retas *por toda parte*. Em todas as mesas, cadeiras, no bar, na "máquina caça-níqueis". (Perguntei a respeito dessas máquinas. Aparentemente eram destinadas a homens cuja fascinação por *flashes* quadrados de luz era acompanhada por uma fraca compreensão da teoria da probabilidade.) Entre tantos cantinhos para escolher, foi uma surpresa quando nos vi sentados próximo a uma parede reta e contínua, com uma mesa oval e sobre bancos redondos.

– Aqui está perfeito – ela disse.

– Está?

– Sim.

– Certo.

– O que você está a fim de tomar?

– Nitrogênio líquido – respondi sem pensar.

– Uísque e soda?

– Sim, um dos dois.

Bebemos e conversamos como velhos amigos, o que eu achava que éramos, embora a abordagem de conversa dela parecesse bem diferente da de Isobel.

– Seu pênis está em toda parte – ela disse a certa altura.

Olhei em torno.

– Está?

– Duzentos e vinte mil cliques no YouTube.

– Certo – eu disse.

– Eles deixaram a imagem borrada. Uma atitude sensata, eu diria, partindo da minha experiência em primeira mão.

Ela riu ainda mais. Era uma risada que não aliviava de jeito nenhum a dor que pressionava meu rosto por dentro e por fora.

Mudei o clima da conversa. Perguntei-lhe o que significava para ela ser um humano. Eu queria perguntar isso a todo o mundo, mas, naquele momento, ela servia. Então ela me disse.

O castelo ideal

Ela disse que ser um humano é ser uma criancinha que recebe no dia de Natal um castelo magnífico. E

há uma fotografia perfeita do castelo na caixa e você quer, mais do que tudo, brincar com o castelo e com os cavaleiros e as princesas porque tudo isso parece um mundo perfeitamente humano, só que o problema é que o castelo não está montado. Ele vem em minúsculas peças intrincadas e, embora haja um manual com instruções, você não o entende. Nem seus pais nem a tia Sílvia. Então você fica chorando pelo castelo ideal da caixa, que ninguém jamais será capaz de montar.

Algum outro lugar

Agradeci a Maggie por sua interpretação. E expliquei a ela que eu achava que estava mais próximo do significado quanto mais eu me esquecia dele. Depois disso, falei muito sobre Isobel. Isso pareceu irritá-

la, e ela mudou de assunto.

– Depois deste – ela disse, passando a ponta do dedo em volta da borda do copo –, vamos a algum outro lugar?

Reconheci a entonação do “algum outro lugar”. Tinha a mesma frequência de quando Isobel usara as palavras “lá em cima” no sábado anterior.

– Vamos transar?

Ela riu mais uma vez. A risada, percebi, era a repercussão do som de uma verdade atingindo uma mentira. Os humanos existiam dentro de suas próprias ilusões e rir era um meio de sair – a única ponte possível que tinham entre eles. Além do amor. Mas não havia amor entre mim e Maggie, quero que fique bem claro.

De qualquer modo, acabou que *estávamos* indo transar. Saímos e caminhamos por algumas ruas até chegarmos a Willow Road, em seu apartamento. Apartamento que, a propósito, era a maior bagunça que eu já tinha visto que não havia sido produzida por uma fissão nuclear. Um superaglomerado de livros, roupas, garrafas de vinho vazias, bitucas de cigarro, torradas velhas e envelopes que não tinham sido abertos.

Descobri que o nome completo dela era Margaret Lowell. Eu não era especialista em nomes terrenos, mas ainda assim sabia que era terrivelmente inadequado. Ela deveria se chamar Lana Curvilínea ou Ashley Mentesexy ou coisa semelhante. Aparentemente, eu nunca a

chamara de Margaret. (“Ninguém exceto meu provedor de banda larga me chama assim.”). Ela era Maggie.

E Maggie, dava para perceber, não era um ser humano convencional. Por exemplo, ao ser questionada sobre religião, ela respondia “pitagoreana”. Ela era “muito viajada”, a expressão mais ridícula para alguém que pertence a uma espécie que só saiu do próprio planeta para visitar sua lua (e Maggie, até onde eu sabia, não tinha estado lá). No caso, isso somente queria dizer que ela tinha ensinado inglês na Espanha, na Tanzânia e em diversos lugares da América do Sul, durante quatro anos antes de voltar a estudar matemática. Ela também parecia ter um senso muito limitado de vergonha corporal, pelos padrões humanos, e tinha trabalhado como *lap dancer* para pagar a faculdade.

Ela queria transar no chão, que era um modo muito desconfortável de praticar sexo. Enquanto tirávamos a roupa um do outro, nós nos beijamos, mas não era o tipo de beijo que aproxima, como os beijos de Isobel. Era um beijar autorreferenciado, dramático, rápido e pseudointenso. E também

machucava. Meu rosto estava sensível e os metabeijos de Maggie realmente não pareciam cogitar na possibilidade da dor. E então ficamos nus, ou pelo menos as partes que precisávamos que estivessem nuas ficaram nuas, e tudo começou a parecer mais uma espécie de luta estranha do que qualquer outra coisa. Olhei para o rosto dela, e o pescoço, e os seios, e isso me recordou a estranheza fundamental do corpo humano. Com Isobel, eu nunca sentira que estava dormindo com uma alienígena, mas com Maggie o grau de estranhamento beirava o terror. Sentia um prazer fisiológico, mas era muito localizado, o tipo de prazer anatômico. Cheirei sua

pele, e gostei do seu cheiro, uma mistura de loção perfumada com coco e bactérias, mas minha mente se sentia terrível, por uma razão que envolvia mais do que minha dor de cabeça.

Quase imediatamente depois que começamos a transar, senti o estômago embrulhar, como se tivesse havido uma mudança radical de altitude. Parei. Afastei-me dela.

– O que houve? – ela perguntou.

– Não sei, mas aconteceu alguma coisa. Isso parece errado. Percebi que não quero ter um orgasmo nesse instante.

– Um pouco tarde para uma crise de consciência.

Eu realmente não sabia do que se tratava. Afinal, não passava de sexo.

Depois que me vesti, descobri que havia quatro ligações perdidas no celular.

– Até logo, Maggie.

Ela riu.

– Minhas lembranças para sua mulher.

Eu não tinha ideia do que era tão engraçado, mas decidi ser educado e ri também enquanto saía para a rua, sentindo o ar frio da noite, que talvez estivesse um pouco mais contaminado com dióxido de carbono do que eu havia percebido antes.

Lugares além da lógica

– Chegou tarde – Isobel disse. – Fiquei preocupada. Pensei que aquele homem tivesse ido atrás de você.

– Que homem?

– Aquele brutamontes que amassou sua cara.

Ela estava na sala, em casa, as paredes repletas de livros sobre história e matemática. Principalmente matemática. Estava colocando canetas em um pote. Olhava para mim com um olhar severo. Então relaxou um pouco.

– Como foi seu dia?

– Ah – eu disse, pondo minha pasta no chão –, correu tudo bem. Dei um pouco de aula. Encontrei com alguns alunos. Transei com aquela pessoa. Minha aluna. A que chamam de Maggie.

Engraçado, tive a sensação de que essas palavras me levariam a algum lugar, num vale perigoso, mas ainda assim as disse. Isobel, entretanto, levou tempo para processar a informação, mesmo pelos padrões humanos. Aquele enjoo não tinha passado. Pelo contrário, estava mais forte.

– Isso não tem graça.

– Eu não estava tentando ser engraçado.

Ela me observou por um bom tempo. Então deixou cair uma caneta-tinteiro no chão. A tampa pulou fora e a tinta se espalhou.

– Do que é que você está falando?

Contei-lhe novamente. O trecho pelo qual ela mais se interessou foi a última parte, sobre eu ter transado com Maggie. Na verdade, ela estava tão interessada que começou a hiperventilar e atirou o pote de caneta na direção da minha cabeça. E começou a chorar.

– Por que você está chorando? – perguntei, mas estava começando a entender.

Eu me aproximei dela. E ela desencadeou um ataque frenético contra mim, suas mãos se moviam tão rapidamente quanto um movimento anatômico permite. Suas unhas me arranharam o rosto, acrescentando novos machucados. Daí ela parou, olhando para mim, como se também tivesse ferimentos... invisíveis.

– Me desculpe, Isobel, você precisa entender, não percebi que estava fazendo alguma coisa errada.

Isso tudo é novo para mim. Você não consegue imaginar o quanto é estranho. Sei que é moralmente errado amar outra mulher, mas não amo Maggie. Foi só por prazer. Como um sanduíche de pasta de amendoim me dá prazer. Você não consegue imaginar a complexidade e a hipocrisia deste sistema...

Ela tinha parado. A respiração ficou mais lenta e profunda, e ela fez sua primeira e única pergunta.

– Quem é ela? – E logo em seguida: – Quem *é* ela?

Eu relutava em falar. Falar com um humano de quem se gostava era tão arriscado, com tantos perigos ocultos, que era espantoso que as pessoas ainda se dessem ao trabalho de falar. Eu poderia ter mentido.

Poderia ter voltado atrás. Mas percebi que mentir, embora fosse essencial para conservar o amor de uma pessoa, realmente não era o que o meu amor exigia. Ele exigia a verdade.

Então eu falei, nas palavras mais simples que consegui encontrar.

– Não sei, mas não a amo. Eu amo você. Não imaginei que fosse algo tão importante. Meio que soube quando estava acontecendo. Meu estômago me disse, de um modo que ele nunca fala quando se trata de pasta de amendoim. E foi aí que eu parei.

A única vez que cruzara com o conceito de infidelidade fora na revista *Cosmopolitan*, e eles realmente não tinham se estendido para explicá-lo adequadamente. Diziam mais ou menos que isso dependia do contexto, o que era um conceito totalmente estranho para que eu pudesse entender. Era como tentar que um humano entendesse a cura transcelular.

– Me desculpe.

Ela não estava ouvindo. Tinha coisas suas para falar.

– Eu nem mesmo conheço você. Não tenho ideia de quem é. Nenhuma ideia. Se você fez isso, então realmente é um extraterrestre para mim...

– Sou? Ouça, Isobel, você está certa. Eu sou. Eu não sou daqui, nunca amei antes. Tudo é novo para mim. Sou um amador nessa área. Escute, eu era imortal, não podia morrer, não sentia dor, mas eu desisti...

Ela nem mesmo estava ouvindo. Estava a galáxias de distância.

– Tudo o que sei, fora de qualquer dúvida, é que quero o divórcio. Quero. É isso que eu quero. Você nos destruiu. Destruiu Gulliver. Novamente.

Newton apareceu, agitando o rabo para tentar acalmar os ânimos.

Isobel ignorou Newton e começou a se afastar de mim. Eu deveria tê-la deixado ir, mas estranhamente não consegui. Segurei-a pelo pulso.

– Fique – eu lhe disse.

E foi aí que aconteceu. O braço dela veio na minha direção com uma força feroz, a mão fechada era um asteroide acelerando na direção do planeta que era o meu rosto. Não um tapa ou um arranhão, dessa vez um *murro*. Era aí que o amor acabava? Com um ferimento sobre outro ferimento sobre outro ferimento?

– Estou saindo de casa agora e, quando eu voltar, quero que você não esteja mais aqui. Entendeu?

Fora. Quero você fora daqui e fora de nossas vidas. Acabou. Tudo. Acabou tudo. Pensei que você tinha mudado, pensei verdadeiramente que você tinha se transformado em outra pessoa. E aí está você de novo! Que *merda* de idiota que eu fui.

Eu mantinha a mão no rosto. Ainda doía. Ouvi os passos dela se afastando de mim. A porta abriu. A porta fechou. Eu estava sozinho novamente com Newton.

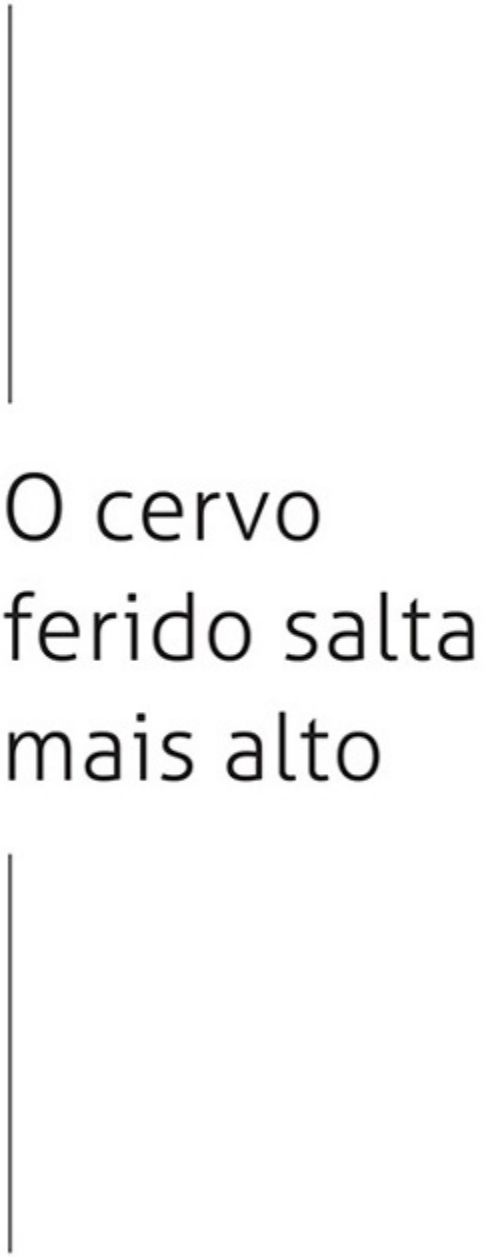
– Agora eu realmente estraguei tudo – disse.

Ele pareceu concordar, mas eu não conseguia entendê-lo mais. Eu era como qualquer humano tentando entender

qualquer cachorro. Mas ele parecia estar tomado por outro sentimento que não tristeza, enquanto latia na direção da sala e da rua além dela. Parecia menos lamento e mais aviso. Fui olhar para fora da janela da sala. Não havia nada para ser visto. Fiz um carinho em Newton, como uma desculpa sem sentido, e saí de casa.

Parte III

Parte III



O cervo ferido salta mais alto

Pertence à perfeição de tudo o que é humano que o homem só consiga realizar um desejo ao passar pelo oposto dele.

– Søren Kierkegaard, *Temor e Tremor*

Um encontro com Winston Churchill

Fui até a loja mais próxima, um lugar iluminado e impessoal chamado Tesco Metro. Comprei uma garrafa de vinho australiano.

Fui andando por uma trilha para bicicletas, bebendo e cantando *God Only Knows.* Tudo estava calmo.

Sentei debaixo de uma árvore e acabei a garrafa.

Voltei, comprei mais uma garrafa e fui me sentar em um banco do parque, junto de um homem com uma barba comprida. Era um homem que eu já tinha visto antes, no meu primeiro dia. Ele me chamara de Jesus. Ele vestia uma capa de chuva e tinha o mesmo cheiro. Dessa vez eu o achei fascinante. Fiquei sentado ali por um tempo, fazendo a distinção entre os diferentes aromas – álcool, suor, tabaco, urina, infecção. Era um cheiro humano único e extraordinário no seu modo triste de ser.

– Não sei por que um número maior de pessoas não faz isso – eu disse, puxando conversa.

– Faz o quê?

– Isso, embriagar-se. Sentar-se num banco de parque. Parece uma boa maneira de resolver problemas.

– Está zoando comigo, cara?

– Não, eu gosto disso, e sem dúvida você também gosta; caso contrário, não estaria fazendo a mesma coisa.

É claro que isso era um pouco ingênuo da minha parte. Os humanos estão *sempre* fazendo coisas que não gostariam de fazer. Na minha melhor estimativa, em qualquer momento, somente três por cento dos humanos estavam fazendo algo que *gostavam* de fazer, e mesmo assim sentiam tanta culpa em relação a isso que prometiam a si mesmos fervorosamente que logo voltariam a fazer algo tremendamente desagradável.

Um saco plástico azul flutuava com o vento. O barbudo enrolava um cigarro. Seus dedos tremiam.

Lesão no nervo.

– Não tive escolhas nem no amor nem na vida – ele disse.

– Não, isso é verdade. Mesmo quando a gente imagina que haja escolhas, elas não existem realmente.

Mas eu pensava que os humanos ainda endossassem a ilusão do livre-arbítrio.

– Eu não, chefe. – E começou a cantar, numa voz de barítono, em uma frequência muito baixa. – Não havia sol quando ela se foi... Qual é o seu nome?

– Andrew – eu disse. – Mais ou menos.

– O que o deixou aborrecido? Bateram em você? Sua cara está um desastre.

– Ah, sim, de várias formas. Eu tinha alguém que me amava, e aquele amor era a coisa mais preciosa para

mim. Ela me deu uma família. Me fez sentir parte de alguma coisa. E eu estraguei tudo.

Ele acendeu o cigarro, que se projetava do seu rosto como uma antena.

– Eu e minha mulher ficamos casados por dez anos – ele começou a contar –, então perdi meu emprego e ela me deixou na mesma semana. Foi aí que comecei a beber e minha perna começou a se voltar contra mim.

Ele levantou a calça. A perna esquerda estava inchada e roxa. E violeta. Percebi que ele esperava que eu ficasse enojado.

– Trombose venosa profunda. Uma agonia desgraçada. Uma *merda* de uma agonia desgraçada. E essa desgraça vai me matar qualquer dia desses.

Ele me passou um cigarro. Eu traguei. Sabia que não gostava, mas ainda assim traguei.

– Qual é o *seu* nome? – perguntei.

Ele riu.

– Winston, e para completar, Churchill.

– Ah, como o primeiro-ministro durante a guerra.

Olhei bem nos olhos dele e dei uma tragada no cigarro.

– Por que as pessoas fumam?

– Não tenho a menor ideia. Me pergunte outra coisa.

– Tudo bem, então. Como você lida com o amor por alguém que o odeia? Alguém que não quer mais você.

– Só Deus sabe.

Ele estremeceu. Estava agoniado. Eu tinha percebido a dor dele quando o conheci, mas agora queria fazer alguma coisa para curá-la. Eu estava embriagado o suficiente para acreditar que podia, ou pelo menos para esquecer que não podia.

Ele ia abaixar a perna da calça, mas, vendo a dor que estava sentindo, eu lhe disse para esperar um instante. Coloquei minha mão sobre sua perna.

– O que está fazendo?

– Não se preocupe. É um simples procedimento de transferência de bioajuste, envolvendo apoptose reversa, trabalhando no plano molecular para restaurar e recriar células mortas e doentes. Para você vai parecer mágica, mas não é.

Minha mão ficou ali, mas não aconteceu nada. E continuou a não acontecer. A mágica parecia bem distante.

– Quem *é* você?

– Sou um alienígena. Fui considerado um fracassado inútil em duas galáxias.

– Bom, quer fazer o favor de tirar sua maldita mão da minha perna?

Retirei a mão.

– Me desculpe, de verdade. Pensei que ainda tinha como curá-lo.

– Eu conheço você – ele disse.

– O quê?

– Eu já o vi antes.

– Sim, eu sei. Passei por você no meu primeiro dia em Cambridge. Você se lembra, eu estava nu.

Ele recuou o corpo, apertou os olhos e inclinou a cabeça.

– Naninanão. Não estou falando daquela vez. Eu vi você hoje.

– Acho que não. Eu teria reconhecido você.

– Nãão. Foi hoje mesmo. Sou bom fisionomista, sabe?

– Eu estava com alguém? Uma jovem? Ruiva?

Ele pensou.

– Nãão. Você estava sozinho.

– Onde é que eu estava?

– Ah, você estava... me deixe lembrar, estava na Newmarket Road.

– Newmarket Road?

Eu conhecia o nome daquela rua porque Ari morava lá, mas nunca estive nela. Nem naquele dia, nem nunca. Embora naturalmente Andrew Martin – o Andrew Martin original – tivesse ido lá muitas vezes.

Sim, devia ser isso. Ele estava misturando as datas.

– Acho que você pode ter se confundido.

Ele balançou a cabeça.

– Era você, sem dúvida. Hoje de manhã. Talvez ao meio-dia. É a mais absoluta verdade.

E com isso o homem se levantou e saiu mancando, deixando um rastro de fumaça e uma esteira de álcool.

Uma nuvem encobriu o sol. Olhei para cima. Tive um pensamento tão negro quanto a sombra. Levantei.

Tirei o celular do bolso e liguei para Ari. Afinal alguém atendeu. Era uma mulher. Ela respirava com dificuldade, o ar passando ruidosamente pelo nariz, lutando para transformar os sons em palavras coerentes.

– Alô, aqui é o Andrew. Queria saber se o Ari está em casa.

E vieram as palavras, numa sucessão mórbida:

– Ele está morto, ele está morto, ele está *morto*.

A substituição

Corri.

Deixei a garrafa de vinho e corri o mais depressa que pude, cruzando o parque, pelas ruas, pelas avenidas principais, sem pensar no trânsito. Correr doía. Doíam os joelhos, os quadris, o coração, os pulmões. Todos eles me lembrando de que um dia falhariam. De algum modo também as dores do rosto pioravam. Mas, acima de tudo, era a minha mente que girava.

Isso era minha culpa. Não tinha nada a ver com a hipótese de Riemann, mas com o fato de que eu havia contado a Ari de onde eu viera. Ele não tinha acreditado em mim, mas essa não era a questão. Eu tinha conseguido contar a ele sem o torturante aviso tingido de violeta. Eles tinham me desconectado, mas ainda deviam ter ficado me observando e ouvindo, o que significava que provavelmente estariam me ouvindo nesse momento.

– Não façam isso. Não machuquem Isobel ou Gulliver. Eles não sabem de nada.

Cheguei à casa em que, até aquela manhã, eu tinha vivido com as pessoas que acabara amando.

Avancei pelo cascalho da entrada da garagem. O carro não estava lá. Olhei pela janela da sala, mas não havia sinal de ninguém. Eu não tinha levado a chave, então toquei a campainha.

Fiquei lá esperando e imaginando o que poderia fazer. Depois de um tempo, a porta se abriu, mas eu ainda não via ninguém. Quem quer que tivesse aberto a porta não desejava ser visto.

Entrei na casa. Passei pela cozinha. Newton dormia na cesta. Fui até ele e o sacudi delicadamente.

– Newton! Newton!

Mas ele continuou dormindo, ressonando, sem que, misteriosamente, fosse possível acordá-lo.

– Estou aqui – soou uma voz vinda da sala.

Eu fui atrás dela, daquela voz familiar, até chegar lá e ver um homem sentado no sofá púrpura com uma perna cruzada sobre a outra. Imediatamente ele me pareceu familiar – na verdade, não poderia ser mais do que era – e, ao mesmo tempo, a visão dele foi aterrorizante.

Porque eu estava olhando para mim mesmo.

As roupas eram diferentes (jeans em vez de veludo cotelê, uma camiseta substituindo a camisa, tênis em vez de sapatos), mas definitivamente era a forma de Andrew Martin. O cabelo castanho-claro, naturalmente repartido. Os olhos cansados e o mesmo rosto, exceto pela ausência dos machucados.

– Bingo! – ele disse sorrindo. – É como eles dizem aqui, não é? Quando descobrem alguma coisa.

Bingo! Somos gêmeos idênticos.

– Quem é você?

Ele franziu a sobrancelha, como se eu não devesse ter feito uma pergunta cuja resposta era tão óbvia.

– Sou seu substituto.

– Meu substituto?

– Foi o que eu disse. Estou aqui para fazer o que você não foi capaz.

Meu coração disparou.

– O que quer dizer com isso?

– Para destruir informações.

Medo e raiva às vezes se confundiam.

– Você matou Ari?

– Sim.

– Por quê? Ele não sabia que a hipótese de Riemann tinha sido provada.

– Não, eu sei. Mas recebi instruções mais amplas do que você. Me disseram para destruir todos a quem você tivesse falado sobre suas – procurou a palavra certa – *origens*.

– Então eles têm ficado na minha escuta? Eles disseram que eu estava desconectado.

Ele apontou para a minha mão esquerda, na qual a tecnologia sem dúvida ainda vivia.

– Eles retiraram os seus poderes, não os deles. Às vezes eles ouvem. Verificam.

Olhei para ela. Para a minha mão. De repente, ela me pareceu uma inimiga.

– Há quanto tempo você está aqui? Na Terra.

– Não muito.

– Alguém invadiu a casa algumas noites atrás e acessou o computador de Isobel.

– Fui eu.

– Então por que a demora? Por que não acabou seu trabalho naquela noite?

– Você estava aqui e eu não queria machucá-lo. Nenhum vonadoriano jamais matou outro vonadoriano.

Não diretamente.

– Bem, eu não sou realmente um vonadoriano. Sou um humano. O paradoxo é que estou a anos-luz de casa e mesmo assim aqui me sinto em casa. É um sentimento muito estranho. E o que esteve fazendo?

Onde tem morado?

Ele hesitou e engoliu em seco.

– Estou morando com uma fêmea.

– Uma fêmea humana? Uma mulher?

– Sim.

– Onde?

– Fora de Cambridge. Numa vila. Ela não sabe meu nome. Pensa que me chamo Jonathan Roper. Eu a convenci de que éramos casados.

Caí na risada, e ele pareceu surpreso.

– Por que está rindo?

– Não sei. Agora tenho senso de humor. Foi uma das coisas que me aconteceram quando perdi os dons.

– Eu vou matá-los, você sabe disso?

– Não, na verdade não sei. Eu disse aos anfitriões que não havia motivo. Essa foi uma das últimas coisas que eu

lhes disse, e eles deram a impressão de que tinham me compreendido.

– Eles me disseram para fazer isso, e é isso que vou fazer.

– Mas você não acha que isso é sem sentido, que não existe nenhuma razão real para fazer isso?

Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Não, não penso assim – ele disse em uma voz que era a minha, porém mais profunda e, de algum modo, com menos nuances. – Não vejo uma separação. Vivi com uma humana por apenas alguns dias, mas vi a violência e a hipocrisia que vigoram nessa espécie.

– Sim, mas também existe uma parte boa neles. Bem grande.

– Não, não vejo assim. Eles conseguem ficar sentados diante da televisão vendo corpos humanos mortos sem sentir nada a respeito.

– Era assim que eu os via no princípio, mas...

– Eles podem dirigir cinquenta quilômetros num dia e se sentir bem por reciclar alguns potes de geleia.

Conseguem falar que a paz é uma coisa boa enquanto glorificam a guerra. Desprezam o homem que mata a mulher num acesso de raiva, mas idolatram o soldado indiferente que lança uma bomba matando centenas de crianças.

– Sim, existe uma lógica perversa aqui, concordo com você, mas eu realmente acredito...

Ele não estava ouvindo. Ele havia se levantado e me olhava com olhos determinados enquanto andava pela sala e recitava seu discurso.

– Eles acreditam que Deus está sempre ao lado deles, mesmo que o lado deles esteja em descompasso com o resto da humanidade. Não conseguem chegar a um acordo sobre o que são, biologicamente, os dois acontecimentos mais importantes da existência deles: a procriação e a morte. Fazem de conta que sabem que o dinheiro não compra a felicidade, e ainda assim preferem sempre o dinheiro. Celebram a mediocridade em qualquer oportunidade que surja e adoram ver a infelicidade alheia. Eles vivem neste planeta há mais de cem mil gerações e ainda não têm ideia de quem são realmente ou de como deveriam viver. Na verdade, sabem menos do que um dia souberam.

– Você está certo, mas não acha que existe beleza nessas contradições, algo misterioso?

– Não, não acho. Penso que sua vontade violenta os ajudou a dominar o mundo e “civilizá-lo”, mas agora não restou mais nenhum lugar para irem, e o mundo humano se voltou contra ele mesmo. É um monstro que se banqueteia sobre as próprias mãos. E ainda que não vejam o monstro, ou se não percebem que estão dentro dele, eles são as moléculas dentro da fera.

Olhei para as prateleiras da estante.

– Você já leu a poesia humana? Os homens compreendem seus defeitos.

Ele continuava a não me ouvir.

– Perderam a si mesmos, mas não suas ambições. Não pense que eles não deixariam este lugar se tivessem oportunidade. Estão começando a perceber que a vida está lá fora, que *nós* ou seres como nós estão lá fora, e não vão parar por aí. Desejarão explorar, e conforme seu conhecimento matemático se

expandir, eles acabarão por se tornar capazes disso. E nos acharão e, quando isso acontecer, não vão querer ser nossos amigos, mesmo que pensem, como fazem sempre, que seus próprios fins são perfeitamente justificáveis. Encontrarão um motivo para destruir e subjugar outras formas de vida.

Uma menina de uniforme passou pela rua. Logo, logo Gulliver estaria chegando.

– Eu lhe garanto que não há ligação entre matar essas pessoas e parar o progresso. Nenhuma ligação.

Ele parou de andar pela sala e veio para cima de mim, aproximando seu rosto do meu.

– Ligação? Vou lhe falar sobre ligações... Um físico alemão amador trabalha em um escritório de patentes em Berna, na Suíça. Ele chega a uma teoria que, daí a meio século, levará à destruição de cidades japonesas, juntamente com a maior parte da sua população. Maridos, mulheres, filhos, filhas. Ele não quer que essa ligação se forme, mas isso não impede que ela se forme.

– Você está falando de coisas muito diferentes.

– Não, não estou. Este é um planeta em que um dia adorável pode acabar em morte, e no qual os matemáticos podem causar o apocalipse. Esta é a minha visão dos humanos. Difere em alguma coisa da sua?

– Os humanos, a seu modo, aprendem com seus erros – eu disse – e cuidam mais uns dos outros do que você imagina.

– Não, eu sei que eles cuidam uns dos outros quando se trata de alguém como eles, ou que viva sob o mesmo teto, mas qualquer diferença é um passo para distanciar sua empatia. Eles acham despropositadamente fácil excluir os outros humanos. Imagine o que poderiam fazer com a gente, se pudessem.

É claro, eu já tinha pensado nisso e fiquei assustado com a resposta. Eu estava fraquejando, me sentia cansado e confuso.

– Mas fomos mandados aqui para matá-los. No que isso nos torna melhores do que eles?

– Agimos de acordo com a lógica, com o pensamento racional. Estamos aqui para preservar, até mesmo para preservar os humanos. Pense nisso. O progresso é uma coisa muito perigosa para eles. O

garoto precisa ser morto, mesmo que a mulher possa ser salva. O garoto sabe. Você mesmo nos disse.

– Você está cometendo um ligeiro engano.

– Qual?

– Você não pode matar o filho de uma mãe sem matá-la.

– Você está falando por enigmas. Transformou-se em um deles.

Olhei para o relógio. Eram quatro e meia. Gulliver voltaria para casa a qualquer momento. Tentei pensar no que

fazer. Talvez esse outro eu, esse “Jonathan”, estivesse certo. Bem, não havia realmente um talvez. Ele *estava* certo: os humanos não conseguiam lidar muito bem com o progresso e não eram muito bons em conhecer qual era seu lugar no mundo. Eram, em última análise, um grande perigo para eles mesmos e para os outros.

Assim acenei com a cabeça e fui me sentar no sofá púrpura. Eu me sentia sóbrio e totalmente consciente da minha dor.

– Você tem razão – eu disse. – Tem razão, e eu quero ajudá-lo.

Um jogo

– Sei que você tem razão – eu disse a ele pela décima sétima vez, olhando bem dentro dos seus olhos

–, mas tenho sido fraco. Admito isso agora. Eu me tornei incapaz de ferir mais algum ser humano, especialmente alguém com quem eu tenho convivido. Mas o que você disse me fez lembrar do meu objetivo original. Não sou capaz de realizá-lo nem tenho os dons para isso, mas tenho consciência de que ele precisa ser cumprido, por isso de certo modo estou grato por você estar aqui. Tenho sido um idiota.

Tentei e falhei.

Jonathan sentou-se no sofá e ficou me estudando. Ele olhou meu rosto machucado e cheirou o ar entre nós.

– Você andou bebendo.

– Sim, me corrompi. Eu descobri que, quando se vive como um humano, é muito fácil desenvolver alguns de

seus maus hábitos. Bebi, transei, fumei. Comi sanduíche de pasta de amendoim e ouvi a música simples deles. Desfrutei de muitos dos prazeres primitivos que eles ainda sentem, assim como da dor física e emocional. Ainda assim, apesar da minha corrupção, restou o bastante de mim, o suficiente do meu ser racional, para saber o que tem de ser feito.

Ele me olhou e acreditou em mim, porque cada palavra que eu havia dito era verdade.

– Fico feliz em ouvir isso.

Não perdi nem um minuto.

– Agora ouça. Gulliver vai chegar em casa logo. Não estará de bicicleta ou de carro, virá andando. Ele gosta de andar. Ouviremos seus pés no cascalho, depois a chave na porta. Normalmente ele segue direto para a cozinha para beber alguma coisa ou comer uma tigela de cereal. Ele come umas três tigelas de cereal por dia. De qualquer forma, isso não tem a menor importância. O que importa é que ele provavelmente irá primeiro para a cozinha.

Jonathan estava prestando atenção em tudo que eu dizia. Parecia estranho, até mesmo terrível, eu estar lhe dando essas informações, mas eu não conseguia pensar de outro modo.

– Você vai querer agir rápido – eu disse –, porque a mãe dele vai chegar logo. Também pode ser que ele fique surpreso ao ver você. Entenda, a mãe dele me expulsou de casa porque fui infiel. Ou melhor, o que achava certo não correspondia ao que se esperava de mim. Como eles não têm a tecnologia da leitura da mente, os humanos acreditam que a monogamia é possível. Outro fato a ser

levado em conta é que Gulliver já tentou, independentemente de qualquer ajuda, tirar a própria vida. Por isso sugiro que, seja qual for a forma que escolher para matá-lo, seria uma boa ideia dar a impressão de suicídio. Talvez,

depois que o coração dele parar de bater, você possa cortar as veias de um dos pulsos, para levantar menos suspeitas.

Jonathan concordou, depois deu uma olhada pela sala. Olhou a televisão, os livros de história, a poltrona, os quadros na parede, o telefone na base.

– Seria uma boa ideia ligar a televisão – eu disse –, mesmo que não fique na sala, porque eu sempre assisto aos noticiários e a deixo ligada.

Ele ligou a televisão.

Nós nos sentamos e ficamos olhando as imagens da guerra no Oriente Médio sem dizer uma palavra.

De repente, ele escutou alguma coisa que eu não ouvi, já que seus sentidos estavam bem mais aguçados do que os meus.

– Passos – ele disse. – No cascalho.

– Ele chegou – afirmei. – Vá para a cozinha. Vou me esconder.

90.2 MHz

Esperei na saleta. A porta estava fechada. Não havia motivo para Gulliver entrar ali. Ele às vezes ia à sala de

visitas, mas dificilmente ia até a saleta. Acho que nunca o vi fazer isso.

Então fiquei ali, imóvel e em silêncio, enquanto a porta da frente se abria e depois fechava. Ele estava imóvel no *hall* de entrada. Nenhum passo.

– Oi, tem alguém em casa?

E veio a resposta. Minha voz, embora não fosse a minha voz, soando da cozinha.

– Oi, Gulliver.

– O que está fazendo aqui? Mamãe disse que você tinha ido embora. Ela me telefonou e contou que tinham brigado.

Eu ouvi ele/eu/Andrew/ *Jonathan* responder cuidadosamente.

– Foi isso. Discutimos. Mas não se preocupe, não foi nada sério.

– Ah, é? Para mim soou bem sério por parte da mamãe. – Gulliver fez uma pausa. – De quem são essas roupas que você está vestindo?

– Estas? São roupas tão velhas que eu já nem me lembrava delas.

– Nunca o vi vestido assim. E o seu rosto, está totalmente curado. Você parece totalmente recuperado.

– Pronto, aí vem você...

– Tudo bem, eu preciso subir. Vou comer mais tarde.

– Não, não. Você vai ficar aqui.

A programação mental estava começando. As palavras dele eram mentores afastando o pensamento consciente.

– Você vai ficar aqui e pegar uma faca, uma faca afiada, a mais afiada que houver aqui...

Estava prestes a acontecer, eu podia sentir, então fiz o que tinha planejado. Fui até a estante e peguei o rádio-relógio, girei o seletor de potência 360 graus e pressionei o botão com o pequeno círculo verde.

Ligar.

O pequeno mostrador se iluminou: 90.2 MHz.

Soou música clássica quase no volume máximo enquanto eu levava o rádio pelo corredor. Se não me engano, era Debussy.

– Agora você vai pressionar a faca no pulso e empurrar forte o suficiente para cortar cada veia.

– Que barulho é esse? – Gulliver perguntou; sua mente despertava.

Eu ainda não conseguia vê-lo. Ainda não havia chegado até a porta da cozinha.

– Só faça isso. Acabe com a sua vida, Gulliver.

Entrei na cozinha e vi meu duplo virado de costas para mim, pressionando a mão sobre a cabeça de Gulliver. A faca caiu no chão. Era como estar olhando para um estranho batizado humano. Eu sabia que o que ele

estava fazendo era certo e lógico do seu ponto de vista, mas o ponto de vista de cada um é uma coisa engraçada.

Gulliver teve um ataque; todo o seu corpo entrou em convulsão. Coloquei o rádio no balcão. A cozinha tinha seu próprio rádio. Liguei-o também. A televisão ainda estava ligada na outra sala, como eu planejara. Uma cacofonia de música clássica, apresentadores de notícias e rock encheu o ar enquanto eu alcançava Jonathan e puxava seu braço de modo que não pudesse tocar em Gulliver.

Ele virou, me pegou pelo pescoço e me empurrou contra a geladeira.

– Você cometeu um erro – ele disse.

A convulsão de Gulliver cessou e ele olhou em volta confuso. Ele viu dois homens idênticos, com a figura do seu pai, apertando a garganta um do outro.

Eu sabia que, o que quer que ainda fosse acontecer, eu precisava manter Jonathan na cozinha. Se ficássemos ali, com os rádios funcionando e a televisão ligada na sala ao lado, estaríamos em igualdade de força.

– Gulliver – eu disse –, me dê uma faca. Qualquer uma. Aquela faca. Por favor, me dê aquela faca.

– Pai? Você é o meu pai?

– Sim, sou. Agora me dê a faca.

– Ignore-o, Gulliver – Jonathan disse. – Ele não é seu pai. Eu sou. Ele é um impostor. Ele não é quem parece ser. É um monstro. Um alienígena. Temos de destruí-lo.

Enquanto continuávamos, presos em nosso combate mutuamente vão, contrapondo força com força, vi os olhos de Gulliver se encherem de dúvida.

Ele olhou para mim.

Era hora de dizer a verdade.

– Não sou seu pai, nem ele. Seu pai está morto, Gulliver. Ele morreu no sábado, dia 17 de abril. Ele foi levado pelos... – pensei numa explicação que ele pudesse entender – ... por pessoas para quem trabalhamos. Elas extraíram informações dele e depois o mataram. E me enviaram para cá, assim como ele, para matar você e sua mãe. E qualquer pessoa que soubesse sobre o que ele tinha conseguido naquele dia, mas não pude fazer isso. Não pude porque comecei a sentir alguma coisa que se imaginava impossível de acontecer... Eu me identifiquei com vocês. Fui gostando de vocês. Eu me preocupei com vocês. E desisti de tudo... Fiquei sem poderes, sem força.

– Não escute o que ele está dizendo, filho – Jonathan disse, e então percebeu alguma coisa. – Desligue os rádios. Escute-me, desligue os rádios, agora.

Lancei um olhar suplicante para Gulliver.

– Não importa o que você faça, só não desligue os rádios. O sinal interfere com a tecnologia que está na mão esquerda dele. Tudo está na mão esquerda dele...

Gulliver estava se levantando. Ele parecia entorpecido. O rosto não expressava o que se passava em sua mente.

E eu pensei com todas as minhas forças.

– A folha – gritei. – Gulliver, você estava certo. A folha, você se lembra? A folha! E pense no...

Foi quando a outra versão de mim acertou meu nariz com sua cabeça, com rapidez e uma força descomunal. Minha cabeça chocou-se com a porta da geladeira e tudo desapareceu. As cores se dissiparam e o barulho dos rádios e as notícias da tevê se misturaram. Um redemoinho auditivo.

Estava acabado.

– Gulli...

O outro eu desligou um dos rádios. Debussy desapareceu. Mas no momento em que a música sumiu eu ouvi um grito. Parecia de Gulliver. E era, mas não um grito de dor. Era um grito de determinação. Um grito primal de raiva, dando-lhe a coragem de que precisava para enfiar a faca com que quase cortara o pulso nas costas do homem que parecia, milímetro por milímetro, com seu pai.

E a faca foi fundo.

Com aquele rugido e a visão que se seguiu, a cozinha entrou em foco. Consegui ficar em pé antes que o dedo de Jonathan alcançasse o segundo rádio. Puxei-o, levantando-o no ar. Vi seu rosto. A dor claramente articulada como só os rostos humanos podem exprimir. Os olhos em choque, mas ainda implorando. A boca parecia estar se dissolvendo.

Dissolvendo. Dissolvendo. Dissolvendo.

O crime supremo

Eu não olharia seu rosto novamente, mas ele não morreria enquanto aquela tecnologia permanecesse em sua mão. Eu o puxei para cima do fogão.

– Levante isso – disse para Gulliver. – Levante a cobertura.

– Cobertura?

– A chapa quente.

Ele fez o que eu mandei. Levantou o aro de aço e deixou que caísse para trás, sem questionar.

– Me ajude – pedi. – Ele está lutando. Me ajude a segurar seu braço.

Juntos tínhamos força suficiente para pressionar a palma da mão dele contra o metal incandescente.

Seu grito foi terrível. Sabendo o que eu estava fazendo, soou para mim como se fosse o fim do universo.

Eu estava cometendo o mais grave dos crimes. Estava destruindo dons e matando um ser da minha espécie.

– Temos de mantê-lo aí – gritei para Gulliver. – Precisamos mantê-lo aí! Aguente firme! Segure!

Segure!

E então me dirigi a Jonathan.

– Diga para eles que acabou – sussurrei. – Diga que completou a missão. Diga que teve problemas com os dons e que não poderá voltar. Diga, e eu acabarei com a dor.

Era mentira, eu estava jogando com a possibilidade de que eles estivessem sintonizados nele e não em mim, mas era necessário. Ele lhes disse o que pedi, mas ainda assim a dor continuou.

Quanto tempo nós ficamos assim? Segundos? Minutos? Era como a explicação de Einstein. O fogão quente *versus* a garota bonita. No final, Jonathan estava de joelhos, perdendo a consciência.

Lágrimas corriam pelo meu rosto quando finalmente puxei a pasta pegajosa em que sua mão se transformara. Verifiquei o pulso. A faca atravessou seu peito quando ele caiu para trás. Olhei para a mão, para o rosto, e ficou claro. Ele estava desconectado, não apenas dos anfitriões, mas da vida.

Isso ficou claro porque ele estava se tornando ele mesmo – a reconfiguração celular que automaticamente sucede a morte. Toda a sua forma estava se modificando, se enrolando, seu rosto ficou achatado, o crânio foi se alongando, a pele cobriu-se de púrpura e violeta. Somente a faca nas costas ficara lá. Era esquisito. Dentro do contexto daquela cozinha terrena, essa criatura, com a mesma estrutura que eu tivera, me parecia completamente estranha.

Um monstro. Uma fera. Outra coisa qualquer.

Gulliver olhava sem dizer nada. O choque era tão grande que respirar já era um desafio, quanto mais falar.

Eu também não queria falar, mas por razões mais práticas. Na verdade, estava preocupado por ter falado demais. Talvez os anfitriões tivessem ouvido tudo que eu havia dito na cozinha. Eu não sabia. Só sabia que tinha mais uma coisa para fazer.

Eles tinham tirado os meus poderes, mas não os deles em mim.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ouvi um carro lá fora. Isobel havia chegado em casa.

– Gulliver, é sua mãe. Mantenha-a longe daqui e conte a ela mais ou menos o que houve.

Ele saiu da cozinha. Voltei ao calor daquela chapa quente e posicionei minha mão perto de onde a mão do outro ficara, onde pedaços da sua carne ainda chiavam. E pressionei, sentindo uma dor tão lancinante que arrastou para longe o espaço, o tempo e a culpa.

A natureza da realidade

A vida civilizada baseia-se num número enorme de ilusões com as quais todos nós colaboramos voluntariamente. O problema é que, depois de algum tempo, nos esquecemos de que são ilusões e ficamos profundamente chocados quando a realidade desmorona à nossa volta.

– J. G. Ballard

O que era realidade?

Uma verdade objetiva? Uma ilusão coletiva? Uma opinião majoritária? O produto da compreensão histórica? Um sonho? Um sonho. Talvez. Mas se tivesse sido um sonho então eu ainda não tinha acordado.

Mas, quando os humanos realmente estudam algo em profundidade – seja nos campos artificialmente divididos da física quântica, da biologia, da neurociência, da matemática ou do amor –, eles se aproximam cada vez

mais do *nonsense*, da irracionalidade e da anarquia. Tudo o que sabem é repetidamente refutado. A Terra não é plana; as sanguessugas não têm valor medicinal; Deus não existe; o progresso é um mito; o presente é tudo o que eles têm.

E isso não acontece apenas nos escalões mais altos. Ocorre com cada ser humano.

Na vida sempre existe um momento, uma crise, quando vem o pensamento: aquilo em que eu acredito está errado. Acontece com todos, a diferença é como esse conhecimento os transforma. Na maioria das vezes, enterra-se essa descoberta, fingindo que ela não está lá. É assim que os humanos envelhecem. É

sem dúvida o que faz a pele enrugar e encurva as costas, encolhe bocas e ambições. O peso dessa negação. O estresse provocado por ela. Isso não é exclusividade dos humanos. O maior ato individual de bravura ou de loucura que alguém pode praticar é o ato de mudar.

Eu era alguma coisa. Agora sou uma coisa a mais.

Eu era um monstro e agora sou um tipo diferente de monstro. Um que morrerá, que sente dor, mas que também vive, e que talvez encontre a felicidade algum dia. Porque agora a felicidade é possível para mim. Existe do outro lado da dor.

Um rosto tão devastado quanto a lua

Quanto a Gulliver, ele era jovem e conseguiu aceitar as coisas melhor do que a mãe. Sua própria vida nunca fizera sentido para ele, portanto a prova definitiva de sua natureza absurda era uma espécie de alívio para ele. Ele era alguém que tinha perdido o pai e que também tinha

matado, mas a coisa que ele matara era algo que ele não entendia e com a qual não conseguia se relacionar. Ele teria chorado por um cão morto, mas um vonadoriano morto não era nada para ele. Na questão do pesar, Gulliver preocupou-se com o pai, querendo saber se ele tinha sofrido. Eu disse que não. Era verdade? Eu não sabia. E descobri que isso era próprio do ser humano. Saber que mentiras contar, e quando. Amar alguém é mentir para esse alguém. Mas nunca o vi chorar pelo pai. Não sei por quê. Talvez fosse muito difícil sentir a perda de quem nunca tinha estado presente de verdade.

De qualquer modo, depois que escureceu, ele me ajudou a arrastar o corpo para fora. Newton agora estava acordado. Despertou depois que a tecnologia de Jonathan se dissolveu. E agora ele aceitava o que estava vendo da mesma maneira que os cães aceitam tudo. Não havia historiadores caninos, o que tornava as coisas mais fáceis. Nada era inesperado. A certa altura ele começou a cavar o chão, como querendo nos ajudar, mas não era necessário. Não era preciso cavar uma cova porque o monstro – e era assim que eu me referia a ele mentalmente, *o monstro* –, em sua condição natural, iria se decompor rapidamente na atmosfera rica em oxigênio. Foi uma luta arrastá-lo para fora, principalmente por causa da minha mão queimada e pelo fato de Gulliver ter de parar para vomitar.

A aparência dele estava terrível. Lembro-me de vê-lo olhando para mim por trás da franja, o rosto tão devastado quanto a lua.

Newton não era o nosso único observador.

Isobel nos olhava incrédula. Não queria que ela saísse e visse aquela cena, mas ela saiu e viu. Ela ainda não sabia

de tudo. Ignorava que o marido estava morto e que o cadáver que arrastávamos tinha, basicamente, a aparência que eu já tive.

Ela compreendia essas coisas num ritmo lento, mas não lento o suficiente. Ela precisaria de uns dois séculos para absorver esses fatos, talvez até mais. Era como levar alguém da Inglaterra do começo do século XIX para o centro de Tóquio no século XXI. Ela não conseguia aceitar o que estava vendo.

Afinal, era uma historiadora. Alguém cujo trabalho era encontrar padrões, continuidades e causas, e transformar o passado em uma narrativa que acompanhasse a mesma trajetória curva. Mas naquela trajetória alguém atirara algo do céu que aterrissara com tanta força que rachara o chão, estremecera a Terra, tornara a rota impossível de ser navegada.

O que vale dizer que ela foi ao médico e pediu uns comprimidos. Os remédios não a ajudaram, e ela acabou ficando de cama por três semanas por esgotamento nervoso. Sugeriram que talvez ela estivesse sofrendo de uma doença chamada esclerose múltipla. O que, é claro, não era verdade. Ela estava sofrendo com o pesar não apenas pela perda do marido, mas, também, pela perda da realidade familiar.

Durante esse período ela me odiou. Expliquei tudo a ela: que nada disso tinha sido decidido por mim, que havia relutado ao ser enviado com a única tarefa de impedir o progresso humano e agir pelo bem maior de todo o cosmos. Mas ela não conseguia olhar para mim porque não sabia o que estava olhando.

Eu tinha mentido para ela. Tinha dormido com ela. Deixei que cuidasse dos meus ferimentos. Mas ela não sabia com quem estava dormindo. Não importava que eu tivesse me apaixonado por ela, e que tivesse sido um ato de desafio supremo que salvara sua vida e a de Gulliver. Não. Isso não tinha nenhuma importância.

Para ela, eu era um assassino e um alienígena.

Minha mão foi sarando lentamente. Fui ao hospital e eles me deram uma luva de plástico transparente, cheia de pomada antisséptica. Lá, eles me perguntaram o que tinha acontecido, e eu lhes disse que havia bebido e, sem querer, tinha apoiado a mão na chapa quente, sem sentir dor até ser tarde demais. As queimaduras tornaram-se bolhas e a enfermeira as estourou, e olhei com muito interesse o líquido claro que escorreu delas.

De forma egoísta, eu tinha esperado que em algum momento minha mão machucada despertasse alguma simpatia em Isobel. Queria ver aqueles olhos outra vez. Os olhos que se fixaram preocupados no meu rosto depois de Gulliver ter me atacado enquanto dormia.

Brinquei um pouco com a ideia de que deveria tentar convencê-la de que nada do que eu havia dito era verdade. Que a situação estava mais para realismo fantástico do que para ficção científica, especificamente aquele ramo da literatura que vem acompanhado de um narrador não confiável. Que eu não era realmente um alienígena, que era um humano que sofrera um colapso mental, e que não havia nada de extraterreno ou extramarital em mim. Gulliver devia saber o que tinha visto, mas a mente dele era frágil. Eu facilmente poderia negar tudo. A saúde dos cães oscila. Pessoas caíam do telhado e sobreviviam. Afinal, os humanos –

especialmente os adultos – querem acreditar nas verdades mais prosaicas possíveis. Precisam disso, para impedir que sua visão de mundo e sua sanidade naufraguem e afundem no vasto oceano do incompreensível.

Mas isso me pareceu muito desrespeitoso, e não consegui mentir. As mentiras estavam espalhadas por todos os lados nesse planeta, mas o amor verdadeiro tinha esse nome por alguma razão. E se um narrador lhe disser que tudo não passou de um sonho, você vai lhe dizer que ele simplesmente passou de uma ilusão para outra, e que pode acordar dessa nova realidade a qualquer momento.

Era preciso manter-se consistente com as ilusões da vida. Tudo o que havia era a sua perspectiva, portanto a verdade objetiva não tinha significado. Era preciso escolher um sonho e apegar-se a ele. Tudo o mais era um embuste. E, uma vez tendo experimentado a verdade e o amor num mesmo coquetel, não

deveriam mais existir truques. Embora soubesse que não poderia corrigir a versão do que ocorrera com honestidade, viver com isso era bem difícil.

Antes de vir para a Terra, eu jamais quis ou precisei que cuidassem de mim, mas agora eu ansiava por aquela sensação de ter alguém que olhasse por mim, de que eu fazia parte de algo, que eu era amado.

Talvez minha expectativa fosse excessiva. Talvez fosse mais do que eu merecia o fato de permanecer na mesma casa, mesmo que tivesse de dormir naquele horrendo sofá púrpura.

O único motivo para essa concessão, imaginei, devia-se a Gulliver. Ele quis que eu ficasse. Eu tinha salvado sua vida e, antes disso, o havia ajudado a enfrentar os garotos encrenqueiros. Mas mesmo esse perdão veio como uma surpresa.

Não me entendam mal. Não era o *Cinema Paradiso*, mas parecia que ele me aceitava mais facilmente na minha forma de vida extraterrena do que havia me aceitado como pai.

– De onde você é? – ele me perguntou, num sábado de manhã, faltando cinco minutos para as sete, antes que a mãe acordasse.

– De muito, muito, muito, muito longe.

– O quanto esse longe é longe?

– É muito difícil explicar – eu disse –, você acha a França longe.

– Tente – ele pediu.

Examinei a fruteira. No dia anterior, seguindo a recomendação do médico, eu tinha comprado comida saudável para Isobel no supermercado. Bananas, laranjas, uvas, uma *grapefruit*.

– Vamos lá – eu disse, pegando a grande grapefruit. – *Isto* é o sol.

Coloquei a fruta na mesinha de centro. Depois procurei a menor uva do cacho. Coloquei-a do outro lado da mesa.

– *Esta* é a Terra, tão pequena que você quase não consegue vê-la.

Newton se aproximou da mesa, tentando, é claro, acabar com a Terra entre seus dentes.

– Não, Newton – eu disse. – Me deixe terminar.

Newton recuou com o rabo entre as pernas.

Gulliver franzia a testa enquanto examinava a *grapefruit* e a frágil baga de uva. Olhou em volta.

– E onde fica seu planeta?

Imagino que ele honestamente esperava que eu colocasse a laranja que eu estava segurando em algum lugar da sala. Perto da televisão ou em uma das prateleiras das estantes. Ou, talvez, quando muito, no andar de cima.

– Para ser bem exato, esta laranja precisaria ser colocada em uma mesinha na Nova Zelândia.

Ele ficou em silêncio por um instante, tentando entender o grau de distanciamento a que eu me referia.

Ainda em transe, ele me perguntou.

– Posso ir até lá?

– Não, é impossível.

– Por quê? Você deve ter vindo em uma nave espacial.

Balancei a cabeça.

– Não, não viajei. Posso ter chegado, mas não *viajei.*

Ele ficou confuso, então lhe expliquei, só que ele ficou ainda mais confuso.

– A questão é que para mim, tanto quanto para qualquer outro humano, não existe mais a possibilidade de poder cruzar o universo. É isso que sou agora, e é assim que devo permanecer.

– Você desistiu do universo por uma vida no sofá?

– Não via dessa forma na ocasião.

Isobel desceu as escadas. Usava um penhoar branco e pijama. Estava pálida, mas ela sempre estava pálida de manhã. Ela nos observou conversando e, por um instante, pareceu saudar a cena com um carinho raramente demonstrado. Porém a expressão se desfez à medida que ela se lembrou de tudo.

– O que está acontecendo? – ela perguntou.

– Nada – Gulliver respondeu.

– O que esta fruta está fazendo aí? – ela perguntou, com a voz ainda carregada de sono.

– Eu estava explicando a Gulliver de onde venho. Tentando mostrar como é longe.

– Você veio de uma *grapefruit*?

– Não. A *grapefruit* é o sol. O seu sol. O nosso sol. Eu vivia na laranja, que deveria estar na Nova Zelândia. A Terra agora está no estômago do Newton.

Sorri para ela. Pensei que ela poderia achar isso engraçado, mas Isobel apenas olhou para mim do mesmo modo que vinha olhando havia semanas. Como se eu estivesse a anos-luz de distância.

Ela saiu da sala.

– Gulliver – eu disse –, acho que seria melhor se eu fosse embora. Nem deveria ter ficado. Veja, não se trata apenas disso tudo. Sabe a discussão que eu e sua mãe tivemos? Cujo motivo você jamais soube?

– Sim.

– Acontece que eu fui infiel. Transei com uma mulher chamada Maggie. Uma aluna minha... do seu pai.

Não gostei, mas não é isso que está em questão. Não percebi que iria ferir sua mãe. Não sabia as regras de fidelidade, só que isso não é uma desculpa, não uma que eu possa usar, quando menti deliberadamente sobre tantas outras coisas. Quando estava pondo em perigo a vida dela e a sua. – Suspirei. – Acho que vou embora.

– Por quê?

Essa pergunta me pegou no estômago.

– Neste momento, acho que seria o melhor a fazer.

– E para onde você vai?

– Não sei, não ainda. Mas, não se preocupe, vou avisá-lo quando chegar lá.

A mãe dele tinha voltado até a porta.

– Vou embora – eu disse a ela.

Ela fechou os olhos. Respirou fundo.

– Sim – disse com a boca que eu já beijara antes. – Sim, talvez seja melhor.

Seu rosto todo se enrugou, como se a pele fosse a emoção que ela quisesse torcer e jogar fora.

Meus olhos sentiram um peso cálido e delicado. Minha visão ficou turva. Então alguma coisa escorreu pelo meu rosto, até os lábios. Um líquido, parecido com chuva, porém mais quente. Salgado.

Eu tinha derramado uma lágrima.

O segundo tipo de gravidade

Antes de sair, subi até o sótão. Estava escuro, exceto pelo brilho da tela do computador. Gulliver estava estendido na cama, olhando pela janela.

– Não sou seu pai, Gulliver. Não tenho o direito de morar aqui.

– Não, eu sei.

Gulliver mordiscou sua pulseira. A hostilidade brilhava em seus olhos como vidro quebrado.

– Você não é meu pai, mas é igualzinho a ele. Não está ligando a mínima. E comeu alguém traindo a mamãe. Ele fez isso também, você sabe que sim.

– Escute, Gulliver, não estou tentando deixar você, só quero que sua mãe volte a ser quem era. Ela está um pouco perdida, e minha presença aqui não está ajudando.

– Isso é uma merda, estou me sentindo completamente sozinho.

De repente, o sol brilhou através da vidraça, indiferente ao nosso estado de espírito.

– A solidão, Gulliver, é tão universal quanto o hidrogênio.

Ele deu um suspiro que poderia realmente ter partido de um humano mais velho.

– Às vezes me sinto por fora. Excluído da vida, sabe? O pessoal da escola, um monte deles, tem pais divorciados, mas parece que eles têm um relacionamento bom com os pais. E todo mundo sempre ficou pensando no que havia de errado comigo, que desculpa eu tinha para sair dos trilhos? Morando numa casa bonita com pais ricos e não divorciados. Que merda poderia estar errada? Mas foi sempre uma merda. Meu pai e minha mãe nunca se amaram, pelo menos desde que me lembro. Mamãe pareceu mudar depois do colapso dele... digo, depois que você chegou... mas isso era só ilusão dela. Quero dizer, vocês juntos nem eram quem ela pensava que fossem. Fica ainda mais complicado quando a gente se relaciona melhor com um ET do que com o próprio pai. Ele era um lixo. Sério, não consigo imaginar um único conselho que ele tenha me dado. Exceto que eu não deveria me tornar um arquiteto porque a arquitetura leva cem anos para ser apreciada.

– Escute, você não precisa de alguém que o oriente, Gulliver. Tudo de que precisa está dentro da sua cabeça. Você tem mais conhecimento sobre o universo do que qualquer outra pessoa em seu planeta. – Eu apontei para a janela. – Você viu o que está lá fora. E devo dizer que se mostrou verdadeiramente forte.

Ele olhou pela janela novamente.

– Como são as coisas por lá?

– Muito diferentes. Tudo é diferente.

– Mas como?

– Para começar, a vida já é diferente. Ninguém morre. Nem existe dor. Tudo é lindo. A única religião é a matemática. Não existem famílias. Há os anfitriões, eles dão instruções, e todos os outros. As duas preocupações que existem são o avanço da matemática e a segurança do universo. Não há ódio. Não há pais e filhos. Não há uma linha clara entre biologia e tecnologia. E tudo é violeta.

– Parece da hora.

– Na verdade, é chato. É a vida mais chata que você consegue imaginar. Aqui, vocês têm dor e perda, esse é o preço. Mas as partes gratificantes são maravilhosas, Gulliver.

Ele olhou para mim incrédulo.

– Ah, está certo, só que não tenho a menor pista de onde posso encontrá-las.

O telefone tocou. Isobel atendeu. Pouco depois ela chamava lá de baixo.

– Gulliver, é para você. Uma garota, Nat.

Não pude deixar de perceber o esboço de um sorriso no rosto de Gulliver, sorriso que o deixou encabulado e que ele tentou disfarçar sob nuvens de desgosto enquanto saía do quarto.

Eu me sentei e respirei com os pulmões que um dia iriam parar de funcionar, mas que ainda tinham bastante ar

fresco para respirar. Fui então até o primitivo computador de Gulliver e comecei a digitar, transmitindo tantos conselhos quanto pude pensar para ajudar um humano.

Conselhos para um humano

1) A vergonha é uma prisão. Liberte-se.

2) Não se preocupe com seus talentos. Você tem talento para amar, e isso é suficiente.

3) Seja bom para os outros. No plano universal, eles são você.

4) A tecnologia não vai salvar a humanidade. Os humanos, sim.

5) Ria. É bom para você.

6) Seja curioso. Questione tudo. Um fato do presente é apenas uma ficção futura.

7) A ironia é uma coisa boa, mas não tanto quanto o sentimento.

8) Sanduíches de pasta de amendoim harmonizam-se perfeitamente com uma taça de vinho branco.

Não deixe que ninguém o convença do contrário.

9) Algumas vezes, para você ser você mesmo será preciso esquecer-se de si e tornar-se outra coisa. A sua natureza não é imutável. Muitas vezes você terá de mudar para seguir em frente.

10) A história é um ramo da matemática. Assim como a literatura. A economia é um ramo da religião.

11) O sexo pode prejudicar o amor, mas o amor não prejudica o sexo.

12) O noticiário deveria começar com matemática, seguir com poesia e ir descendo a partir daí.

13) Você não deveria ter nascido. A sua existência é o fato que se situa mais próximo do impossível.

Descartar o impossível é descartar a si mesmo.

14) Sua vida terá 25 mil dias. Trate de lembrar-se de alguns deles.

15) O caminho para a arrogância é o caminho para a infelicidade. E vice-versa.

16) A tragédia é apenas uma comédia que não se concretizou. Um dia riremos dela. Vamos rir de tudo.

17) De qualquer maneira, vista roupas, mas lembre-se de que são *roupas*.

18) Uma forma de vida é ouro, outra é lata.

19) Leia poesia. Especialmente a de Emily Dickinson. Pode salvar você. Anne Sexton conhece a mente, Walt Whitman conhece a grama, mas Emily Dickinson sabe tudo.

20) Caso se forme arquiteto, lembre-se disto: o quadrado é bonito, o retângulo também, mas cuidado para não exagerar.

21) Não se aborreça por não poder ir ao espaço até que possa deixar o sistema solar. Então vá para Zabii.

22) Não se preocupe por ficar com raiva. Quando estiver com raiva será impossível ficar preocupado, porque estará ocupado.

23) A felicidade não está *lá fora*. Está *aí dentro*.

24)

Nova tecnologia, na Terra, só significa algo de que vai rir daqui a cinco anos. Valorize aquilo de que não vai rir em cinco anos. Como o amor. Ou um bom poema. Ou uma música. Ou o céu.

25) Só há um gênero de ficção. O gênero chamado “livro”.

26) Nunca fique muito afastado de um rádio. Ele pode salvar sua vida.

27) Os cachorros são os gênios da lealdade. É muito bom ter um gênio dessa espécie.

28) Sua mãe deveria escrever um romance. Incentive-a.

29) Diante de um pôr do sol, pare e o admire. O conhecimento é finito. Maravilhar-se é infinito.

30) Não almeje a perfeição. A evolução, na vida, só acontece por meio de erros.

31) O fracasso é uma ilusão de óptica.

32) Você é um humano e vai se preocupar com dinheiro, mas perceba que ele não vai fazê-lo feliz porque a felicidade não está à venda.

33) Você não é a criatura mais inteligente do universo. Nem sequer do seu próprio planeta. A linguagem tonal do

canto de uma baleia jubarte exibe mais complexidade que a obra inteira de Shakespeare. Não é uma competição. Bem, é. Mas não se preocupe com isso.

34) Space Oddity de David Bowie não vai lhe dizer nada sobre o espaço, mas seus acordes são muito agradáveis de ouvir.

35) Quando olhar para o céu, numa noite clara, e enxergar milhares de estrelas e planetas, perceba que pouquíssima coisa está acontecendo na maioria deles. O importante fica bem distante.

36) Um dia os humanos viverão em Marte. Mas nada lá será mais emocionante do que uma única manhã nublada na Terra.

37) Não tente ficar frio. O universo inteiro é frio. O que importa são as partes quentes.

38) Walt Whitman estava certo em pelo menos uma coisa. Você vai se contradizer porque você é grande, contém multidões.

39) Ninguém nunca está totalmente certo a respeito de nada. Em lugar nenhum.

40) Todos são uma comédia. Se as pessoas estão rindo de você, é porque não entenderam bem a piada que são elas mesmas.

41) Sua mente é aberta, jamais deixe que se feche.

42) Em mil anos, se os humanos sobreviverem tanto tempo, tudo o que vocês sabem será desmentido e substituído por mitos ainda maiores.

43) Tudo é importante.

44) Você tem o poder de parar o tempo. Consegue isso ao beijar. Ou ouvir música. A propósito, a música é como poder ver coisas que de outro modo não veria. É a coisa mais avançada que vocês têm. É um superpoder. Continue com o baixo elétrico, você é bom nisso. Monte uma banda.

45) Meu amigo Ari foi o homem mais sábio que já viveu. Leia o que ele escreveu.

46) Um paradoxo. As coisas de que não precisa para viver – livros, arte, cinema, vinho etc. – são as coisas de que precisa para *viver*.

47) Uma vaca é uma vaca mesmo que a chame de bife.

48) Não existem duas moralidades que combinem. Aceite diferentes formatos, desde que não sejam pontiagudos o suficiente para ferir.

49) Não tenha medo de ninguém. Você matou com uma faca de pão um alienígena assassino enviado do outro lado do universo. E também tem um soco potente.

50) Em algum momento, vão acontecer coisas ruins. Tenha alguém a quem se apegar.

51) A bebida alcoólica à noite é muito agradável. As ressacas matinais são tremendamente desagradáveis. Um dia, vai ter de decidir: noites ou manhãs.

52) Se estiver rindo, verifique se não está realmente querendo chorar. E vice-versa.

53) Nunca tenha medo de dizer a uma pessoa que a ama. Há coisas erradas em seu mundo, mas excesso de amor não é uma delas.

54) Aquela garota com que está falando pelo telefone. Haverá outras, mas espero que esta seja legal.

55) A sua espécie não é a única que tem tecnologia. Olhe as formigas. De verdade, olhe. O que elas fazem com galhinhos e folhas é impressionante.

56) Sua mãe amou seu pai. Mesmo que ela diga que não.

57) Há muitos idiotas na sua espécie. Uma porção. Mas você não é um deles. Mantenha-se firme.

58) Não é a extensão da vida que importa, é a profundidade. Mas, enquanto for cavando, mantenha o sol acima de você.

59) Números são lindos. Números primos são maravilhosos. Entenda isso.

60) Obedeça a sua mente. Obedeça ao seu coração. Obedeça as suas vísceras. Obedeça a tudo, exceto às ordens.

61) Um dia, se chegar a uma posição de poder, diga isto às pessoas: só porque vocês conseguem, não significa que podem. Há poder e beleza em conjecturas não provadas, em lábios não beijados e em flores não colhidas.

62) Ateie fogo. Mas somente metaforicamente, a menos que esteja frio e em lugar seguro. Nesse caso, ateie fogo.

63) Não é a técnica, é o método. Não são as palavras, é a melodia.

64) Permaneça vivo. É o maior dever que tem para com o mundo.

65) Não pense que sabe. Saiba que pensa.

66) Conforme um buraco negro se forma, ele cria uma imensa explosão de raios gama, cegando as galáxias com luz e destruindo milhões de mundos. Você pode desaparecer a qualquer momento.

Neste, naquele outro, ou em outro ainda. Esteja certo, sempre que possível, de estar fazendo algo que o deixaria feliz se morresse fazendo isso.

67) Guerra é a resposta. À pergunta errada.

68) A atração física é, basicamente, glandular.

69) Ari acreditava que somos todos uma simulação. A matéria é uma ilusão. Tudo é silício. Ele podia estar certo. Mas e as nossas emoções? Elas são sólidas.

70) Não é você. São eles. (Não, realmente. São eles.)

71) Passeie com Newton sempre que puder. Ele gosta de sair. E é um cachorro adorável.

72) A maioria dos humanos não pensa muito nas coisas. Eles sobrevivem pensando apenas em necessidades e desejos. Mas você não é um deles. Tenha cuidado.

73) Ninguém vai entender você. O que, afinal, não tem importância. O que importa é você entender a si mesmo.

74) O *quark* não é a menor partícula. O desejo que tiver no seu leito de morte – ter trabalhado com mais afinco – é que será a menor partícula, porque não estará lá.

75) A polidez muitas vezes é medo. A bondade é sempre coragem. Mas cuidar de alguém é que o faz humano. Cuide mais, torne-se mais humano.

76) Mentalmente, mude o nome de todos os dias para sábado e chame trabalho de jogo.

77) Quando assistir ao noticiário e vir membros da sua espécie em crise, não pense que não pode fazer nada, mas saiba que nada será feito apenas assistindo ao noticiário.

78) Você se levanta e se veste. Então encarna sua persona. Escolha sabiamente.

79) Leonardo da Vinci não era um de vocês. Era um dos nossos.

80) Linguagem é um eufemismo. Amor é verdade.

81) Não se encontra a felicidade procurando o sentido da vida. O sentido é apenas a terceira coisa mais importante. Vem depois de amar e ser.

82) Se achar uma coisa feia, observe melhor. A feiura é apenas uma falta de visão.

83) A ansiedade faz parecer que o tempo não passa. É tudo o que precisa saber sobre física quântica.

84) Você é mais do que a soma de suas partículas. E essa soma é bem grande.

85) A Idade das Trevas nunca acabou. (Mas não diga isso à sua mãe.) 86) Apenas gostar de alguma coisa é insultá-la. Ame-a ou a odeie. Tenha paixão. Conforme a civilização avança, a indiferença faz a mesma coisa. É uma doença. Imunize-se com arte. E amor.

87) A matéria escura é necessária para manter as galáxias juntas. Sua mente é uma galáxia. Mais escura do que clara. Mas a luz faz com que valha a pena.

88) O que vale dizer: não se mate. Mesmo quando a escuridão for total. Saiba sempre que a vida não é estática. Tempo é espaço. Você está se movendo através daquela galáxia. Espere pelas estrelas.

89) No plano subatômico, tudo é complexo. Mas você não vive no plano subatômico. Tem o direito de simplificar. Se não fizer isso, vai enlouquecer.

90) Mas saiba disto: os homens não são de Marte. As mulheres não são de Vênus. Não se dividem em categorias. Todos são tudo. Todo elemento dentro de uma estrela está dentro de você, e toda personalidade que já existiu compete pelo papel principal no teatro da sua mente.

91) Você tem sorte por estar vivo. Respire fundo e inspire as maravilhas da vida. Nunca passe indiferente por uma única pétala ou uma só flor.

92) Se tiver filhos e amar um mais do que o outro, trabalhe isso. Eles saberão, mesmo por um átomo de diferença. Um único átomo basta para provocar uma grande explosão.

93) A escola é uma piada, mas continue a frequentá-la, porque você está muito perto de concluí-la.

94) Você não precisa ser um acadêmico. Não tem de ser nada. Não se force a nada. Sinta o seu caminho, e não pare de sentir seu caminho até achar algo em que se encaixe. Talvez não ache.

Talvez você seja a estrada e não o destino. Tudo bem. Seja a estrada. Mas garanta que seja uma estrada com algo a ser visto através da janela.

95) Seja bom para sua mãe e tente fazê-la feliz.

96) Você é um bom humano, Gulliver Martin.

97) Eu o amo muito, lembre-se disso.

Um abraço bem rápido

Enchi uma mala com as roupas de Andrew Martin e me preparei para ir embora.

– Aonde você está indo? – perguntou Isobel.

– Não sei. Vou encontrar algum lugar para ficar. Não se preocupe.

Ela dava a impressão de que iria se preocupar. Nós nos abraçamos. Eu ansiava por ouvi-la cantarolar o tema de *Cinema Paradiso*. Ansiava por ouvi-la falar sobre Alfredo, o Grande. Sentia falta de quando ela me fazia um sanduíche, ou punha antisséptico em um cotonete. Ou quando ela me contava suas preocupações com o trabalho, ou com Gulliver. Mas ela não faria mais isso. Ela não conseguiria.

O abraço acabou. Newton, ao lado dela, lançava para mim um olhar de cachorro abandonado.

– Adeus – eu disse.

Caminhei pelo cascalho, em direção à avenida, e em algum lugar do universo da minha alma uma estrela viva e ardente entrou em colapso, e um buraco muito negro começou a se formar.

A beleza melancólica do pôr do sol

Algumas vezes a coisa mais difícil de fazer é continuar sendo humano.

– Michael Franti

O problema com buracos negros é que, sem dúvida, eles são muito limpos e arrumados. Não há *bagunça* num buraco negro. Tudo o que era desordenado e que passa pelo ponto de não retorno, toda a matéria e a radiação, é comprimido ao menor estado possível. Um estado que pode ser facilmente chamado de nada absoluto.

Os buracos negros, em outras palavras, esclarecem. Você perde o calor e o fogo da estrela, mas ganha ordem e espaço. Foco completo.

Ou seja, eu sabia o que fazer.

Poderia ficar como Andrew Martin. Isso era o que Isobel queria. Veja, ela queria o mínimo de complicação possível. Não desejava um escândalo, ou uma investigação sobre uma pessoa desaparecida, ou um funeral. Assim, achando que era o melhor, eu me mudei, aluguei um apartamentinho em Cambridge por um tempo e me candidatei a alguns empregos em outras partes do mundo.

Finalmente, consegui o cargo de professor nos Estados Unidos, na Universidade de Stanford, na Califórnia. Lá, fiz bem o que era preciso, sempre me assegurando de não fazer nada que permitisse um avanço matemático que levasse a um salto no progresso tecnológico. Na verdade, eu tinha um pôster na minha sala com a fotografia de Albert Einstein e uma de suas famosas frases: “O progresso tecnológico é como um machado nas mãos de um criminoso”.

Jamais mencionei coisa alguma sobre provar a hipótese de Riemann, exceto para convencer meus colegas da sua impossibilidade inerente.

O motivo principal do meu comportamento era garantir que nenhum vonadoriano jamais tivesse a necessidade de visitar a Terra. Mas, também, Einstein tinha razão. Os humanos não sabiam lidar com o progresso e eu não queria ver mais destruição infligida nesse planeta, ou por ele.

Eu morava sozinho. Tinha um lindo apartamento em Palo Alto, que enchi de plantas.

Fiquei bêbado, fiquei chapado, fiquei pra baixo.

Pintei alguns quadros, meu café da manhã era pasta de amendoim, e uma vez fui a um cinema de arte para assistir a três filmes de Fellini um após o outro.

Fiquei resfriado, fiquei com zumbido no ouvido, comi um camarão contaminado.

Eu me dei um globo de presente e, muitas vezes, ficava sentado um tempão, girando-o.

Fiquei azul de tristeza, vermelho de raiva e verde de inveja. Vivi o arco-íris humano completo.

Levava para passear o cachorro de uma senhora idosa que morava no apartamento acima do meu, mas ele nunca foi como Newton. Eu falava diante de champanhe morna em cerimônias acadêmicas sufocantes.

Gritava nas florestas apenas para ouvir o eco. E todas as noites eu relia Emily Dickinson.

Estava sozinho, mas ao mesmo tempo apreciava outros humanos um pouco mais do que eles mesmos se apreciavam. Afinal, eu sabia que era possível viajar anos-luz sem cruzar sequer com um deles. Certas ocasiões, eu podia até chorar só de olhar para eles, sentado em uma das vastas bibliotecas do *campus*.

Às vezes, acordava às três da manhã chorando sem nenhuma razão específica. Outras vezes, me afundava no meu pufe em forma de saco e ficava olhando o vazio, vendo os ciscos de pó suspensos num raio de sol.

Tentei não fazer amigos. Sabia que se a amizade avançasse as perguntas seriam mais invasivas, e eu não queria mentir. As pessoas perguntavam sobre meu passado, de onde eu vinha, sobre minha infância.

Às vezes um estudante ou um colega olhava para minha mão roxa e cheia de cicatrizes, mas nunca bisbilhotava.

Era um lugar feliz, a Universidade de Stanford. Todos os estudantes exibiam sorrisos e malhas vermelhas, pareciam bem bronzeados e saudáveis para formas de vida que passavam o dia em frente a telas de computador. Eu andava como um fantasma em meio ao alvoroço do pátio, respirando o ar morno, tentando não

me aterrorizar pela escala da ambição humana à minha volta.

Ficava bem bêbado com vinho branco, o que fazia de mim uma raridade. Ninguém parecia ter ressaca nesse lugar. Além disso, eu também não gostava de frozen iogurte – o que era um grande problema, já que todos em Stanford *amavam* frozen iogurte.

Comprei músicas. Debussy, Ennio Morricone, os Beach Boys, Al Greene. Assisti ao *Cinema Paradiso*. Havia uma música dos Talking Heads chamada *This Must Be the Place* que eu tocava continuamente, mesmo que fazendo isso eu ficasse melancólico e ansiasse por ouvir a voz dela novamente, ou escutar os passos de Gulliver na escada.

Li muita poesia, embora produzisse um efeito semelhante. Um dia eu estava na livraria da universidade e vi um exemplar de *A Idade das Trevas*, de Isobel Martin. Fiquei lá em pé por quase meia hora lendo em voz alta suas palavras. “Recém-devastada pelos vikings – eu disse, lendo a penúltima página –, a Inglaterra estava num estado desesperador e respondeu com o massacre brutal de colonos dinamarqueses em 1002. Durante a década seguinte, essa agitação mostrou gerar ainda mais violência, os dinamarqueses encetando uma série de represálias, culminando com o domínio dinamarquês sobre a Inglaterra em 1013...”. Apertei a página contra o rosto, imaginando que fosse a pele dela.

O meu trabalho me levou a viajar. Fui a Paris, Boston, Roma, São Paulo, Berlim, Madri, Tóquio. Eu queria encher minha mente de rostos humanos, para esquecer o de Isobel. Mas o efeito foi contrário. Ao estudar a espécie

humana inteira, me voltei ainda mais para ela. Ao pensar na nuvem, ansiava pela gota de chuva.

Assim, parei de viajar, voltei para Stanford e experimentei uma tática diferente. Tentei me perder na natureza.

O ponto alto do meu dia se tornou a noite, quando eu pegava o carro e saía da cidade. Muitas vezes, ia às montanhas Santa Cruz. Havia um lugar chamado Big Basin Redwoods State Park. Eu estacionava o carro e ficava vagando entre as árvores gigantescas, descobrindo gaios e pica-paus, esquilos e guaxinins, ocasionalmente um cervo-do-pantanal. Às vezes, quando era suficientemente cedo, eu percorria a trilha até perto de Berry Creek Falls, ouvindo o barulho da água caindo, acompanhado muitas vezes pelo coaxar baixinho das pererecas.

Outras vezes eu seguia de carro pela Highway One até a praia para olhar o pôr do sol. Ele era lindo ali, e eu ficava hipnotizado. No passado, ele não significava nada para mim. Afinal, um pôr do sol não passava de uma lenta descida de luz. Mas à luz do pôr do sol há mais para ser visto, disperso em nuvens de gotículas e partículas no ar. Desde que me tornara humano, eu ficara tomado pelas cores. Vermelho, laranja, rosa. Algumas vezes também havia vestígios de violeta.

Ficava sentado na praia, enquanto as ondas quebravam e recuavam sobre a areia cintilante como sonhos perdidos. Todas aquelas moléculas indiferentes, unindo-se e criando maravilhas improváveis.

Com frequência essas visões ficavam turvadas pelas lágrimas. Eu sentia a bela melancolia de ser um humano

capturada perfeitamente na descida do sol, porque, assim como o pôr do sol, ser humano era estar entre duas coisas; o dia, irrompendo em uma cor desesperada enquanto caminhava irreversivelmente para a noite.

Uma vez fiquei sentado na praia enquanto anoitecia. Uma mulher de uns quarenta e tantos anos passeava, descalça, com um *springer spaniel inglês* e o filho adolescente. Embora a mulher fosse muito diferente de Isobel, e o filho fosse loiro, vê-los fez meu estômago dar um salto e minhas narinas se abrirem.

Percebi que dez mil quilômetros poderiam significar uma distância infinitamente longa.

– Estou *tão* humano – falei para os meus tênis.

Foi exatamente isso que eu quis dizer. Não apenas tinha perdido meus dons, mas emocionalmente estava tão fraco como qualquer ser humano. Pensei em Isobel, sentada e lendo sobre Alfredo, o Grande, ou a Europa Carolíngia, ou a antiga Biblioteca de Alexandria.

Este era, eu percebi, um lindo planeta. Talvez fosse o mais bonito de todos. Mas a beleza gera seus próprios problemas. Ao olhar uma queda-d’água ou o oceano ou o pôr do sol, você se descobre querendo compartilhar aquela beleza com alguém.

“A beleza... não pode ser criada...”, disse Emily Dickinson. “Ela é.”

De certa forma, ela estava errada. A dispersão de luz a longa distância cria o pôr do sol. A rebentação das ondas na praia é criada pelas marés, que são o resultado das forças gravitacionais exercidas pelo sol, pela lua e pela rotação da Terra. Essas são causas que criam a beleza.

O mistério repousa em como essas coisas se tornam belas.

E não tinham sido belas anteriormente, ao menos diante dos meus olhos. Para experimentar a beleza na Terra, é preciso provar a dor e conhecer a mortalidade. É por isso que tanta coisa que é bonita nesse

planeta se relaciona com o passar do tempo e o giro da Terra. O que deve explicar por que olhar uma beleza tão natural era também sentir tristeza e o desejo de uma vida não vivida.

Era especialmente esse tipo de tristeza que eu sentia naquela noite.

Veio com uma atração gravitacional própria, puxando-me para o leste em direção à Inglaterra. Disse a mim mesmo que só desejava vê-la novamente, pela última vez. Só queria vê-los a distância, para ver com meus próprios olhos que eles estavam a salvo.

E, por pura coincidência, umas duas semanas mais tarde fui convidado para ir a Cambridge e participar de uma série de conferências tratando da relação entre matemática e tecnologia. O chefe do meu departamento, um sujeito forte e divertido chamado Christos, me disse que achava que eu deveria ir.

– Sim, Christos – eu lhe disse, nós dois em pé sobre o piso de tábuas de pinho enceradas do corredor.

– Acho que devo.

Quando as galáxias colidem

Entre todos os lugares em que poderiam me instalar, acabei nas acomodações para estudantes da Corpus Christi, e tentei me manter discreto. Tinha deixado crescer a barba, estava bronzeado e engordara um pouco; a tendência era que as pessoas não me reconhecessem.

Dei minha palestra.

Com direito a algumas vaias, disse aos meus companheiros acadêmicos que achava a matemática um território incrivelmente perigoso e que os humanos o tinham explorado até onde era possível. Ir mais além, eu lhes disse, seria caminhar para uma terra de ninguém cheia de perigos desconhecidos.

No meio da plateia estava uma bonita mulher ruiva que reconheci imediatamente como sendo a Maggie. Ela me procurou depois e perguntou se eu queria ir ao Chapéu e Plumas. Respondi que não, e ela pareceu perceber que eu falava sério; fez um comentário jovial sobre a minha barba e foi embora.

Depois disso, fui andar, sendo atraído naturalmente pela faculdade de Isobel.

Não foi preciso ir muito longe para vê-la. Ela caminhava pelo outro lado da rua e não me viu. Era estranho o quanto aquele momento tinha significado para mim e passava totalmente despercebido para ela. Mas então me lembrei de que quando as galáxias colidem, elas passam reto uma pela outra.

Olhando para ela, mal conseguia respirar e não percebi que começava a chover. Eu me sentia fascinado por ela. Por todos os onze trilhões de células dela.

Outra coisa estranha é como a sua ausência intensificara meus sentimentos. Como ansiara pela doce realidade do dia a dia com ela, por uma conversa trivial sobre como tinha sido o nosso dia. O delicado e insuperável aconchego da coexistência. Eu não conseguia pensar num propósito melhor para o universo do que existir para Isobel estar nele.

Ela abriu o guarda-chuva como se fosse uma mulher qualquer abrindo um guarda-chuva e continuou a caminhar, parando apenas para dar uns trocados a um sem-teto vestindo um casaco longo e com uma perna ruim. Era Winston Churchill.

Minha casa

Ninguém pode amar e não fazer nada.

– Graham Greene, *Fim de Caso*

Sabendo que não podia seguir Isobel, mas sentindo que precisava entrar em contato com alguém, fui atrás de Winston Churchill. Eu o segui bem devagar, ignorando a chuva, sentindo-me feliz por ter visto Isobel e por ela estar viva e a salvo, tão bonita quanto sempre fora (mesmo enquanto eu estivera cego demais para apreciar sua beleza).

Winston Churchill estava caminhando na direção do parque. Era o mesmo parque onde Gulliver levava Newton para passear, mas eu sabia que naquela hora da tarde era cedo demais para esbarrar com eles, por isso continuei. Ele andava devagar, puxando a perna como se ela pesasse três vezes mais do que o resto do corpo. Afinal, chegou a um banco pintado de verde, meio descascado, revelando a madeira por baixo. Sentei-me

também. Por um tempo, ficamos ali num silêncio encharcado de chuva.

Ele me ofereceu um gole da sua bebida. Agradeci, mas não aceitei. Achava que ele tinha me reconhecido, mas não tinha certeza.

– Já tive tudo – ele disse.

– Tudo?

– Casa, carro, trabalho, mulher, filho.

– E como perdeu tudo?

– Minhas duas igrejas. A loja de apostas e a loja de bebidas. E tudo desandou. Agora estou aqui sem nada, mas eu mesmo não sou nada. Um maldito nada.

– Bem, eu sei como se sente.

Winston Churchill pareceu duvidar.

– Ah, até parece, companheiro.

– Desisti da vida eterna.

– Ah, então você era religioso?

– Algo parecido com isso.

– E agora você está aqui embaixo pecando como o resto de nós.

– Pois é.

– Bom, só não tente tocar na minha perna de novo e ficaremos numa boa.

Sorri. Ele *tinha* me reconhecido.

– Não vou, prometo.

– Então, se não se importar com a pergunta, o que o fez desistir da eternidade?

– Não sei. Ainda estou tentando descobrir.

– Boa sorte com isso, companheiro, boa sorte.

– Obrigado.

Ele coçou o rosto e deu um assobio nervoso.

– Ei, você não tem dinheiro, tem?

Puxei uma nota de dez libras do bolso.

– Você é a estrela que iluminou meu dia, companheiro.

– Bem, talvez todos nós sejamos – eu disse olhando para o céu.

E foi assim que nossa conversa acabou. Ele tinha secado a garrafa e não havia mais motivo para ficar.

Então ele se levantou e foi embora, encolhendo-se de dor por causa da perna, enquanto a brisa inclinava as flores em sua direção.

Era estranho. Por que eu sentia esse vazio dentro de mim? Essa necessidade de fazer parte de algo?

A chuva parou. O céu agora estava claro. Fiquei onde estava, em um banco coberto de gotas de chuva que aos poucos se evaporavam. Eu sabia que estava ficando tarde e que provavelmente deveria estar voltando para a

Corpus Christi, mas não tinha nenhum estímulo para me mexer.

O que eu estava fazendo ali?

Qual era a minha função agora no universo?

Pensei, refleti e tive uma estranha sensação. Como se estivesse entrando em foco.

Percebi que, mesmo estando na Terra, eu havia passado o último ano como se sempre tivesse vivido ali. Pensava que só podia ir adiante se seguisse em frente. Mas eu não era mais eu. Eu era um humano, de certa forma. E os humanos mudam, e é assim que sobrevivem, fazendo e desfazendo e fazendo de novo.

Eu havia feito coisas que não poderia desfazer, mas outras eu poderia consertar. Tinha me tornado humano ao trair a racionalidade e obedecer ao sentimento. Para permanecer eu mesmo, sabia que chegaria um momento em que teria de fazer a mesma coisa novamente.

O tempo passou.

Apertei os olhos e olhei novamente para o céu.

O sol da Terra pode parecer muito solitário, embora tenha parentes por toda essa galáxia, estrelas que nasceram exatamente no mesmo lugar, mas que estavam agora muito distantes umas das outras, iluminando mundos diferentes.

Eu era como um sol.

Estava muito longe de onde começara. E havia mudado. Uma vez, pensei que poderia atravessar o tempo como

um neutrino passa pela matéria, sem esforço e sem parar para pensar, porque o tempo nunca se esgotaria.

Enquanto eu continuava sentado ali no banco, um cachorro veio até mim e pressionou o focinho na minha perna.

– Oi – sussurrei, fingindo não conhecer aquele *springer spaniel inglês*.

Mas seus olhos suplicantes se fixaram em mim, mesmo virando o focinho na direção do quadril. Sua artrite voltara, ele sentia dor.

Fiz um carinho nele e instintivamente coloquei minha mão no lugar, mas é claro que dessa vez eu não podia curá-lo.

E então soou uma voz atrás de mim.

– Os cães são melhores do que os humanos porque eles sabem, mas não falam.

Virei para olhar. Lá estava um garoto alto, de cabelo escuro e pele clara, esboçando um sorriso nervoso.

– Gulliver.

Ele manteve os olhos fixos em Newton.

– Você estava certo em relação a Emily Dickinson.

– Desculpe, como?

– Um dos seus conselhos. Eu li a obra dela.

– Ah, sim, sim. Ela foi uma poetisa muito boa.

Ele deu a volta no banco e se sentou perto de mim. Percebi que ele estava mais velho. Não só por citar poesia, mas a cabeça dele tinha um contorno mais adulto. Havia uma sombra escura sob a pele no maxilar. Na camiseta estava escrito “The Lost” – finalmente ele havia entrado para a banda.

Se eu conseguir evitar que um coração se parta, disse a poetisa, *não terei vivido em vão.*

– E como vai você? – perguntei, como se ele fosse apenas um conhecido com quem eu tivesse me encontrado por acaso.

– Não tenho tentado me matar, se é o que quer saber.

– E como ela está? – perguntei. – Sua mãe?

Newton se aproximou com um pedaço de pau, que deixou cair para que eu o atirasse. O que fiz.

– Ela sente falta de você.

– De mim? Ou do seu pai?

– De você. Só você cuidou de nós.

– Agora não tenho mais poderes para cuidar de vocês. Se decidisse pular do telhado, você provavelmente morreria.

– Não pulo mais de telhados.

– Ótimo – eu disse. – É um progresso.

Ficamos um tempo em silêncio.

– Acho que ela quer que você volte.

– Ela disse isso?

– Não, mas acho que ela quer.

As palavras eram gotas de chuva no deserto. Depois de alguns instantes, eu disse, num tom neutro e tranquilo:

– Não sei se seria sensato. É fácil se enganar com sua mãe. E mesmo que você não tenha entendido errado, poderia surgir todo tipo de dificuldade. O que eu quero dizer é, por exemplo, como ela me chamaria? Não tenho um nome. Seria errado para ela me chamar de Andrew.

Fiz uma pausa.

– Você acha que ela realmente sente falta de mim?

Ele encolheu os ombros.

– Sim, acho que sim.

– E você?

– Eu também sinto sua falta.

O sentimentalismo é outro defeito humano. Uma distorção. Outro subproduto deturpado do amor que não tem nenhum propósito racional. Ainda assim há uma força por trás dele tão autêntica quanto qualquer outra.

– Senti muita falta também – eu disse –, de vocês dois.

Já era quase noite. As nuvens estavam laranja, rosa e púrpura. Era isso que eu queria? Foi por isso que eu tinha voltado para Cambridge?

Conversamos.

Escureceu.

Gulliver prendeu a guia à coleira de Newton. Os olhos do cão expressavam uma cordialidade triste.

– Você sabe onde moramos – Gulliver disse.

Balancei a cabeça.

– Sim, eu sei.

Segui-o com os olhos enquanto ele ia embora. A piada do universo. Um homem decente, com milhares de dias para viver. Não havia um sentido lógico no fato de eu ter me transformado em alguém que desejasse que aqueles dias fossem tão felizes e seguros para ele quanto pudessem ser, mas se você chegou à Terra procurando um sentido lógico, então se enganou e está perdendo uma porção de coisas.

Recostei-me no banco e me absorvi na contemplação do céu, procurando não tentar entender mais nada. Fiquei sentado até a noite cair por completo. Até que sóis e planetas distantes brilhassem acima de mim, como um anúncio gigantesco convidando-me a viver uma vida melhor. Em outros planetas, mais iluminados, havia paz, calma e lógica que tão frequentemente acompanham uma inteligência avançada.

Percebi que não desejava nada disso.

O que eu queria era a coisa mais estranha de todas. Não sabia se ela seria possível. Provavelmente não seria, mas eu precisava descobrir.

Eu queria viver com pessoas das quais eu pudesse cuidar e que cuidassem de mim. Eu queria uma família. Queria

a felicidade, não amanhã ou ontem, mas naquele momento.

O que eu queria, de verdade, era ir para casa. Assim, me levantei.

A distância era de apenas uma curta caminhada.

Minha casa – é onde quero estar

Mas acho que já estou lá

Venho para casa – ela levantou suas asas

Acho que este deve ser o lugar.

– Talking Heads *, This Must Be the Place*

Uma nota e alguns agradecimentos

Pensei em escrever esta história pela primeira vez em 2000, quando estava nas garras de ataques de pânico. Naquele momento, a vida humana parecia tão estranha para mim quanto para o nosso narrador sem nome. Eu vivia em tamanho estado de medo intenso e irracional que não conseguia ir nem mesmo a uma loja – ou a outro lugar qualquer – sozinho sem ter uma crise. A única coisa que me dava certo grau de tranquilidade era a leitura. Era um tipo de esgotamento, embora, como R. D. Laing (e mais tarde Jerry Maguire) observou admiravelmente, o esgotamento seja muitas vezes uma superação, e, estranhamente, agora não lamento aquele inferno pessoal.

Eu melhorei. A leitura ajudou. Escrever também ajudou. Foi por isso que me tornei escritor. Descobri que palavras e histórias forneciam espécies de mapas, caminhos para

encontrar o caminho de volta a si mesmo. E por isso acredito sinceramente no poder da ficção para salvar vidas e mentes. Mas foram muitos livros até chegar a este, a primeira história que quis contar. Aquela que tentou lançar um olhar à estranha e muitas vezes assustadora beleza de ser um humano.

Então, por que a demora? Penso que precisei de certo distanciamento da pessoa que eu tinha sido, porque, mesmo que o assunto do livro esteja longe de ser autobiográfico, parecia muito pessoal, talvez porque eu conhecesse bem a escuridão de onde a ideia – brincadeiras e tudo – veio.

Escrever se mostrou um prazer. Eu imaginei escrevendo-o para mim mesmo em 2000, ou para alguém numa condição semelhante. Estava tentando oferecer um mapa, mas também divertir esse alguém. Talvez pelo fato de a ideia ter fermentado por tanto tempo, as palavras estavam todas ali, e a história veio em uma torrente.

Não que não tenha sido preciso editá-la. Na verdade, nenhuma história que eu tenha escrito precisou mais do que esta de um editor, por isso me sinto grato por ter um tão sábio quanto Francis Bickmore, da Canongate. Entre outras coisas, ele me disse que uma reunião de conselho no espaço sideral não era a melhor forma de começar, e me levou a pensar em *The Rime of the Ancient Mariner*[3] e ir destilando aos poucos a estranheza. Foi maravilhoso, portanto, ter um editor me dizendo para pôr coisas de volta tantas vezes quanto me disse para deixar outras de fora.

Obrigado também a outras pessoas que leram o livro antes, o que inclui meu agente Caradoc King, juntamente

com Louise Lamont e Elinor Cooper, da AP Watt/United Agents, minha editora nos Estados Unidos, Millicent Bennet, da Simon and Schuster, Kate Cassaday, da Harper Collins Canada, e a produtora de filmes Tanya Seghatchian, para quem agora estou escrevendo o roteiro. Tanya é quase a melhor pessoa que alguém pode ter ao lado, e sinto uma fidelidade especial em relação a ela, que apoiou e ajudou o meu trabalho desde meu primeiro romance e um encontro em um café há quase uma década.

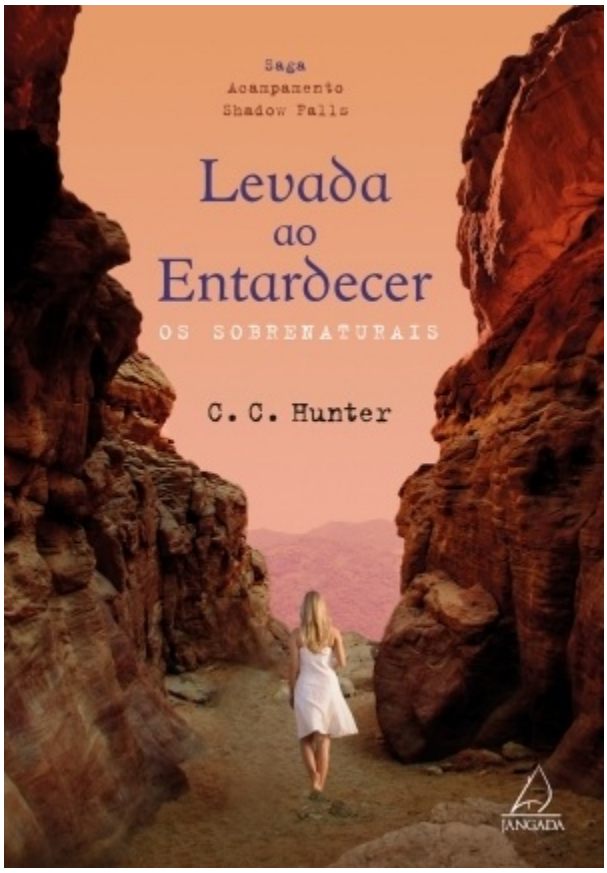
Preciso agradecer a todas as minhas estrelas da sorte por ter o apoio de Jamie Byng e da Canongate, os editores mais entusiastas que um escritor pode querer. E, é claro, a Andrea – a primeira leitora, a primeira crítica, continuísta e melhor amiga – e a Lucas e Pearl, por trazerem tanto deslumbramento ao meu dia a dia.

Obrigado a vocês, humanos.

[1] “Mars”, em português “Marte”, é uma indústria alimentícia americana produtora da linha Uncle Ben’s. (N.T.)

[2] Criado em 1923 por Dr. Gustaf Dalén, físico ganhador do prêmio Nobel, este fogão traz a junção perfeita de tecnologia e *design*. De ferro fundido, vem em vários modelos, tamanhos e cores. (N.T.)

[3] Poema de Samuel Taylor Coleridge e também uma música do grupo Iron Maden, que descreve o conto do velho marinheiro (que vai desenrolando aos poucos sua narrativa). (N.T.)



Levada ao Entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

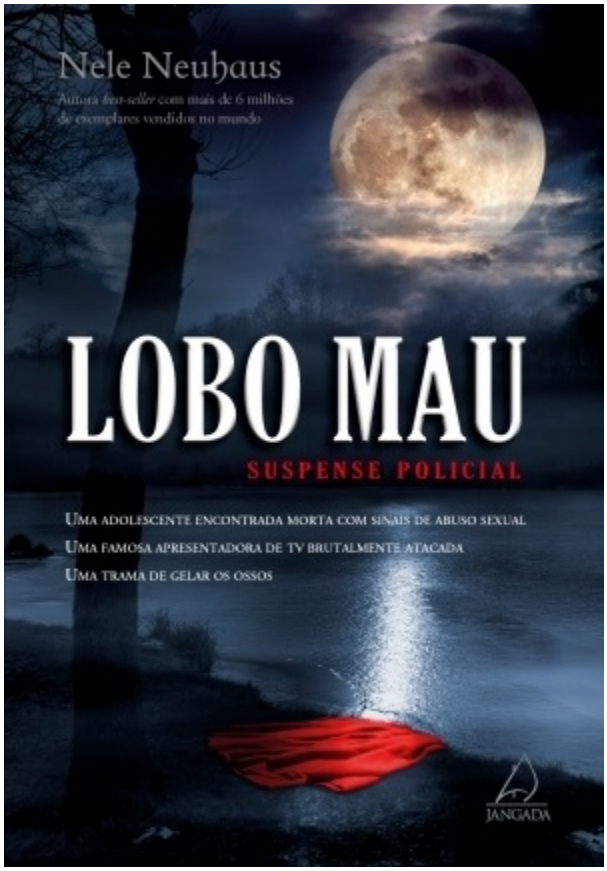
384 páginas

Compre agora e leia

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie

tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

Compre agora e leia


Nele Neuhaus
Autora best-seller com mais de 6 milhões de exemplares vendidos no mundo
LOBO MAU
SUSPENSE POLICIAL
Uma adolescente encontrada morta com sinais de abuso sexual
Uma famosa apresentadora de TV brutalmente atacada
Uma trama de gelar os ossos
JANGADA

Lobo-mau

Neuhaus, Nele

9788564850897

496 páginas

Compre agora e leia

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem.

Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

Compre agora e leia

Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy

9788564850873

416 páginas

Compre agora e leia

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

Compre agora e leia

Fortaleza Negra

Costa, Kel

9788564850767

424 páginas

Compre agora e leia

Na antiga União Soviética, vampiros, até então considerados criaturas lendárias, surgem inesperadamente e põem fim à Guerra Fria em 1985. Usando seu poder mental extraordinário e sua força sobre-humana, os Mestres da Realeza Vampírica exigem a rendição dos líderes mundiais e se autoproclamam

senhores absolutos do planeta. Dez anos depois, vivendo num mundo de relativa paz entre humanos e vampiros, Aleksandra Baker, uma garota de 17 anos, se ressente por não ter a mesma liberdade que os jovens do passado. Além de viver sob o jugo dos vampiros, Sasha, como é chamada por todos, está apavorada com uma nova ameaça, a invasão de predadores letais: os mitológicos! Diante dos terríveis ataques de centauros e minotauros, a família Baker não vê outra saída a não ser se mudar para a Rússia e morar entre os muros do único lugar onde é possível viver livre dos ataques: a impenetrável Fortaleza Negra, reduto da Realeza Vampírica. Mas a ideia de se mudar para a Fortaleza não agrada a Sasha. Ela não gosta de vampiros e, Helena, sua melhor amiga, vai ficar para trás, correndo perigo constante. Mas Sasha não irá descansar até encontrar uma forma de levar Helena para a Rússia e destruir de vez essas criaturas mitológicas que rondam a Fortaleza. A única esperança são as pesquisas do seu pai, que conta com a ajuda de Blake, um prodígio adolescente, que balançará o coração de Sasha. Mas a jovem talvez já esteja envolvida demais com a obscuridade do mestre da realeza vampírica: Mikhail.

Compre agora e leia

Hércules- O Cupido de Quatro Patas

Scheunemann, Frauke

9788564850514

288 páginas

Compre agora e leia

Hércules é um filhote de dachshund e acha Carolin, sua dona, a pessoa mais legal do mundo. Sua vida seria ótima, se não fosse por Thomas, o namorado de Carolin. Ele é mandão, fala gritando e tem alguma coisa contra os cães. Além disso, trata mal Carolin. Junto com seu amigo, o senhor Beck, um gato conhecedor dos humanos, Hércules decide se livrar de Thomas. Com um plano

sagaz, ambos conseguem, e Carolin põe Thomas para fora de casa. Porém, ela fica muito triste e eles decidem procurar um novo namorado para Carolin. Esta será a nova missão de Hércules e Beck.

Compre agora e leia

Document Outline

- Folha de Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Epígrafe
- Sumário
- Prefácio
- (Uma esperança ilógica diante da esmagadora adversidade)
- Parte I
- Assumi as rédeas do meu poder
  - O homem que eu não era
  - Substantivos isolados e outros desafios para o aprendiz de uma língua
  - Texaco
  - Corpus Christi
  - Roupas humanas
  - Perguntas
  - Café
  - Pessoas loucas
  - A raiz cúbica de 912.673
  - Vacas mortas
  - O mundo como vontade e representação
  - Amnésia
  - Campion Row, 4
  - O show da guerra e do dinheiro
  - Um estranho
  - Iniciando a sequência
  - Números primos
  - Um momento de puro terror
  - A distribuição dos números primos
  - Glória

    - Dark Matter
    - Emily Dickinson
    - Lava-louça
    - Uma casa grande
    - Daniel Russel
    - A dor
    - Egito
    - De onde viemos
    - O cachorro e a música
    - Grigori Perelman
    - Pasta de amendoim crocante
    - A dança de Isobel
    - A mãe
- Parte II
- Segurei uma joia em minhas mãos
    - Sonâmbulo
    - Eu era quem eu não era
    - Um horizonte mais amplo
    - Alguns segundos de silêncio no café da manhã
    - Vida/morte/futebol
    - Lâmpada
    - Compras
    - A função zeta
    - O problema com equações
    - Violeta
    - A possibilidade de dor
    - Telhados inclinados (e outras formas de lidar com a chuva)
    - A coisa com asas
    - O Paraíso é um lugar onde nada acontece
    - Entre um estado e outro
    - Duas semanas na Dordonha e uma caixa de dominós
    - Rede social
    - A eternidade é feita de agoras
    - Violência

    - O gosto da pele dela
    - O ritmo da vida
    - Adolescentes
    - Vinho australiano
    - O observador
    - Como ver o infinito
    - O intruso
    - Tempo perfeito
    - Um rei de um espaço infinito
    - A arte de deixar de lado
    - Atividade neuroadaptativa
    - Distribuição platicúrtica
    - O Chapéu e as Plumas
    - O castelo ideal
    - Algum outro lugar
    - Lugares além da lógica
- Parte III
- O cervo ferido salta mais alto
    - Um encontro com Winston Churchill
    - A substituição
    - Um jogo
    - 90.2 MHz
    - O crime supremo
    - A natureza da realidade
    - Um rosto tão devastado quanto a lua
    - O segundo tipo de gravidade
    - Conselhos para um humano
    - Um abraço bem rápido
    - A beleza melancólica do pôr do sol
    - Quando as galáxias colidem
    - Minha casa
    - Uma nota e alguns agradecimentos